



HAYDIL LINHARES 4 PEÇAS

HAYDIL LINHARES

Marcos Uzel

O silêncio expressivo dela no último trabalho que apresentou nos palcos baianos dizia tudo. Em cena, Haydil Linhares exacerbava generosidade e amor ao teatro no papel da louca pacífica dona Aninha, personagem que permanecia exposta ao público sem dar uma palavra sequer, apenas enrolando um paninho no fundo do palco, sentada numa cadeira de rodas. Era o Outono de 2000 e a veterana atriz, mais de dez anos após ter se afastado das coxias e camarins, estava de volta ao ofício no espetáculo *A mulher sem pecado*, primeira montagem do diretor alemão Ewald Hackler para uma obra de Nelson Rodrigues.

Seu silêncio dramático na pele de dona Aninha, mãe vegetativa do protagonista Olegário, vivido pelo seu grande companheiro de cena Harildo Déda, em nada lembrava as atuações que a consagraram, na década de 70, como a primeira dama do teatro de cordel na Bahia. Melhor para a atriz, que sempre foi avessa a rótulos. Com quase 40 anos de carreira, a serem completados em 2002, Haydil atravessou décadas interpretando uma galeria de personagens expressivos, em sua grande maioria marcados pela comicidade e identificação com a cultura popular.

Lançou-se em 1962 na peça *Stopen stopen*, sob direção de João Augusto, com quem viria a trabalhar em uma série de outros espetáculos. Muita gente riu e se encantou com o talento de Haydil Linhares para viver personagens cordelescos, nas várias montagens produzidas pelo Teatro Vila Velha na década de 60, que projetaram o teatro baiano fora do estado e até do país. E ela sempre gostou do ritual de subir no tablado descalça. Hoje a atriz atua nos bastidores como diretora do Teatro Miguel Santana, no Pelourinho. Mas nunca quis abandonar os palcos.

Despojada de vaidades, Haydil foi modesta até no momento de agradecer a bela homenagem que recebeu em março deste ano, durante a entrega do Prêmio Copene de Teatro aos melhores da cena baiana de 2000. Ao ganhar a estatueta das mãos do ator Harildo Déda, Haydil, com os pés descalços, simplesmente respondeu: "O que dizer mais? Obrigado, obrigado, obrigado".



2002-HL-AA.001.001 (4)

2002-HL-AA.001.001 (5)



R555 edições

HAYDIL LINHARES
4 PEÇAS



Dedico à minha filha Poliana
e ao meu neto Henrique

2002.HL.AA.001.001 (8)

A estrela de Haydil guiou a criação deste novo projeto do Teatro Vila Velha. Por isso talvez, o olho, maquiado em sua testa por Valdemar Nobre, tenha virado o símbolo dos **Cadernos do Vila**. Estes **Cadernos**, que ora passamos a publicar, são nosso olho para dentro. Um olho sobre a dramaturgia, a crítica, a obra em construção, a história no nosso teatro. Por isto também o nome **Cadernos**, a evocar exercícios.

Pode parecer estranho que o primeiro volume desta coleção não seja de João Augusto, criador intelectual do Vila Velha, norte de sua atuação e definidor de sua política cultural. Deveria ser de João, não somente porque foi ele o fundador desta casa, mas por ter deixado uma obra dramaturgicamente e crítica importantíssima para o teatro brasileiro. Entretanto esta obra anda dispersa. Divergências entre a Sociedade Teatro dos Novos e o Teatro Livre da Bahia, grupo que ocupou artisticamente o Vila e com o qual o diretor prosseguiu sua pesquisa de um teatro brasileiro popular, quando os Novos se dispersa-

2002.HL.AA.001.001 (9)

ram por distintos motivos, fez com que os textos de João se espalhassem também e foi difícil encontra-los. Mas já estão sendo recolhidos e organizados para logo serem lançados nos **Cadernos**.

Contudo, como não podia deixar de ser, ele não está ausente deste primeiro. Ele é o responsável pela estréia de Haydil - dramaturga nos palcos ao incluir **A função do casamento** entre as peças apresentadas em **Cordel II**, em 72. Tenho o privilégio de ter podido assistir ao espetáculo. E até hoje vive dentro de mim a imagem de Haydil, no final da peça, cantando "...E lampe, é lampe, é lampe/ É lampe é Lampião/ Seu nome é Virgulino/ Apelido Lampião/ Seu nome é Virgulino/ Apelido Lampião...". Desde então ela tem sido para mim uma forte referência do que seja uma atriz: uma pessoa que dá seu testemunho do mundo, a partir de suas raízes, de sua vida, alguém que olha a vida e, com olhos marejados de poesia, nos mostra o que pode ser feito dela.

Desde **Cordel II**, Haydil, como João, têm sido referências constantes em minha vida e no meu trabalho. Têm me ajudado a seguir em frente e a resolver problemas. Eles foram uns que me mostraram o que pode o teatro: criar imagens que não nos abandonam, que retornam sempre que qualquer coisa nos faz desconfiar do que parece natural. E, a cada vez que aquelas imagens batem à nossa porta, o universo inteiro desaba e começamos a repensar de novo o mundo a partir do palco.

Cadernos do Vila

Que o mundo, como o teatro, não é uma obra acabada e definitiva, é efêmero, maleável e passível de transformação.

Quando, em 2001, Haydil foi homenageada no espetáculo de entrega do Prêmio Copene de Teatro, que dirigi, nos reaproximamos. Daí entre os muitos projetos que pudemos sonhar, veio a idéia de publicar não só **A função...** mas também seus outros três textos. (Há outros, perdidos sabe-se lá onde. Na absoluta falta de apego de Haydil pelas coisas que já passaram. A ela interessa o que é. O que virá, talvez... O que virá é consequência do que é feito agora, do que fazemos deste mundo e com as pessoas que por cá andam).

Idéia surgida é tarefa a ser executada. Depois de várias tentativas e de ter mobilizado muita gente com a idéia de publicar os quatro textos de um teatro popular, textos de atriz, textos em movimento; depois de várias tentativas de levar adiante o projeto; conversei com Claudius Portugal sobre a minha, já então, decisão inabalável de publicá-los de qualquer maneira. Ele então, com seu jeito Claudius Portugal de ser, disse "peraf"... uniu-se a esta decisão e articulou com a P555, isto é, Marcelo e André, mais a colaboração da Cartograf, digo Paulo, não só na publicação deste, mas de uma coleção de livros. E eis aqui o primeiro volume dos **Cadernos do Vila**. Outros virão, movidos pelo tesão que nos move neste teatro. Movidos pelo tesão que move todos aqueles que fazem o teatro acontecer.

Marcio Meirelles

Cadernos do Vila

1 sumário

<i>A sombra assombra</i>	10
<i>Ida e volta</i>	22
<i>O pique dos Índios</i>	40
<i>A função do casamento</i>	88
<i>Taipa de casa: mutirão</i>	110
Etc...	114
Perfil	136

HAYDIL LINHARES
4 PEÇAS

2002- HL. AA. 001. 001. (12)



2002- HL. AA. 001. 001 (13)

A SOMBRA ASSOMBRA



ATO ÚNICO

Consultório de médico analista. Entra uma mulher bem vestida, idade indeterminada, classe alta. O cenário ao gosto do diretor, assim como a iluminação e música.. O médico, com gravador, papel de anotações, etc., embora não tenha texto, terá que vivenciar tudo, tanto quanto a mulher.

MULHER

Levantando-se. Que faço eu? Nada – nadar – verbo nadar, teoria de natação: ensinaram-me a falar corretamente... Privam-me da palavra, quando ela perdeu o sentido... essa é boa! Eu sou adulta, física, jurídica, pessoa humana, bacana, sacana, saqueada, tarada, avacalhada, bisbilhotada, entalhada e enfeitada, petrificada e amedrontada, aloucada, aloprada e lúcida, o que é pior! *Para o médico.* Não é fácil... olhar sem ver... ver na transparência o que se pretende com aparência... O homem está sempre a desejar, impossível ser feliz! Há distância entre dizer e ser... verbo dizer, verbo ser. Eu digo ser, eu não sou o que digo. Eu queria ser, ou não ser. *Pausa.* Por isto peço: engane-me, seja você tudo que gostaria de ser, represente, não custa nada. *Reconsiderando.* Não falando seria melhor para nós dois. O pior é que percebo, não sei se sente ou finge sentir. Há ridículo nisto tudo. Não sei se entende se eu sorrir... Não, não se ofenda, tenho que fazer alguma coisa, ainda que não tenha nome nem sentido, entendeu, doutor? Aí então vem o drama, estamos vivendo a era da comunicação, não sei se o senhor concorda, também não me diz respeito e muito menos desrespeito. Eles acham estranho tudo isto que eu vomito, é uma náusea tão profunda que de resto não resolve nada... a não ser que eu venha mais tarde a vomitar o meu último vestígio de miolo. Entendeu? Minha cabeça, o que o senhor chama de cérebro ou massa cinzenta, que só tem atrapalhado tudo... O homem precisa se libertar é disso, não acha? Mas aí vem o cérebro eletrônico, pode ser que tenha uma sensibilidade nova, desconhecida, e por certo pensará com seus botões, e resolverá o destino do homem nesta era espacial e especial, onde a espécie humana seja extinta, porque ela é muito incômoda, é tão difícil ser gente, é um tal de dar e exigir, de querer saber tudo, participar, dividir, cercar. Dá licença, doutor? Eu vou mijar, ou cagar, e não tenho forças para reprimir

PERSONAGENS

MULHER
MÉDICO

tal sentimento, a carne é fraca, desculpe, mas eu vou ca... mais correto é dizer defecar, ou evacuar, ou obrar. O senhor sabe o que é. Mas o melhor é negar, não seja um cagão declarado, ficará fedendo a carniça e terei a impressão que é um homem morto. Ai! Eu vou vomitar... será que depois que eu vomitar minhas vísceras, consigo me vomitar? Diga, por favor, que eu faço força... Cagar já não me interessa. Chorar já não comove ninguém. Eu queria ter a dignidade de um defunto! A frieza, a sutileza, a indiferença e o porte de quem parte para o mundo sem fronteiras e sem passaporte! A superioridade de um defunto deitado, é lógico – é uma coisa invejável, frio e sem opção. Os amigos achando o ex-vivente pessoa de alto valor estimativo, insubstituível na face da imensa terra que tem escondido muita podridão, não falei de minhoca nem bosta de gato, que é pior que a de porco. Agora a de boi é ótima, é até medicinal. *Perguntando.* Na era medieval usava-se o quê? *Cortando.* Não precisa responder, deixe que eu possa pensar... pensar que o senhor é um ser pensante, pedante, prudente e pendente, como os pêndulos dos relógios... que só servem para marcar o tempo passando e o homem pasmando diante de tanta sapiência... elevando-se acima de todos os animais, não só os que dão coice, latem ou relinham. Relinham, dizem que para marcar as horas, por conseguinte tentam em vão imitar o homem.

Animal invejoso e pernicioso, pretensioso que é o jegue, um quadrúpede sem o menor escrúpulo ou pudor. Pudor – pudim... por acaso o senhor já comeu pudim? De que é feito? Eu estava lendo um livro de culinária e de repente senti um enorme peso no estômago: indigestão. Não, não, eu não tinha comido nada. Os grandes homens realizam-se pela cabeça, os menores morrem como peixe, com a boca cheia de formiga. A boca tem sido tentada pela língua de vaca na manteiga. O estudo da lingüística tende a desaparecer, não haverá mais poliglota, só troglodita... Ah!, sim, o dito livro de culinária. Ele citava: lingüiça com apim recheado, bem recheado, entupido, socado, enfiado, lotado, empacotado, enjaulado, encurralado, sufocado, pesado, passado e bem pesado. Ai, o peso do meu estômago, eu quero vomitar a minha cabeça, eu não agüento mais em cima das minhas pernas, nem acima de minha cabeça... eu não tenho forças para continuar de pé... e se eu tentar

andar de quatro, será que vou suportar melhor o meu eu? E este gêmeo sepulto em mim e se debater dentro dos meus miolos desarticulados... *Olhando o médico.* Por que o senhor não usa bigodes? Um homem de bigodes é outra coisa, é muito mais respeitado, ou desrespeitado, o que vem dar na mesma. O senhor sabe dançar? Não tem importância dançar, ou não dançar. Casar ou não casar. O marido que eu tive, aliás quatro, maridos temporões e esporádicos, é claro, graças a Deus todo poderoso. Eu gostava muito deles porque gosto muito de cama, porém às vezes esteiras de praia resolvem meu problema conjugal, e de meu enlace de pouca duração, mas que para mim representa uma eternidade. O senhor acha que ainda tenho possibilidade de outros casamentos? Diga que não e ponto final. Sim, mas o meu presente é o meu passado. Fracasei em todos os matrimônios, foi deveras lamentável tanto desperdício de homem, e o que era mais grave: um de cada vez. Fui perdendo um por um, um por um, partindo de outro para outro, de outro para o outro. Depois eu fiz esta descoberta genial: a culpa era minha, só minha, eu queria entendê-los, até que entendia ou não entendia, e cedo caía fora. Era tudo igual. Só nossos corpos se entendiam e se entrosavam perfeitamente bem, nada tenho a reclamar quanto à matéria. Todos eram potentes e à minha inteira disposição neste campo... mas aí, eu achando que era certo, começava a dialogar, trocar idéias, coisa pouco comum e desagradável atualmente, como por exemplo: eu queria solidariedade fora da cama. Como eu era estúpida! Pode, doutor, um homem ser solidário fora da cama? Me diga uma coisa mais absurda... faz parte da imbecilidade feminina, da qual o homem é conhecedor profundo... mesmo sendo analfabeto. Mas lá vem a vontade de vomitar... muito cedo, puseram-me em uma escola, eu ainda era bem pequena, o senhor pode imaginar quanto tempo faz que eu era menina... Eu já fui criança, por incrível que pareça! Sim, mas eu estava falando do verbo falar, que é sinônimo do verbo dizer, dizendo que matricularam-me em uma escola, e lá eu de ouvido peguei algumas coisas. Eu tinha bom ouvido. Se não aprendi mais, foi por discricção, evitando interromper aulas tão maravilhosas com perguntas indiscretas. Os professores, justiça seja feita, esforçaram-se muito, eu até tinha pena deles... e até hoje guardo um certo respeito, e muitas lembranças caras, por exemplo: a

palmatória tão bem entalhada, verdadeira obra de arte! Eu acho uma injustiça não se encontrar em exposição de esculturas... Além do mais, era como passe mágico da fada madrinha bater seis ou doze vezes na palma da mão. Era como um fiat-lux! Vai subestimar a palmatória? Vai? *Retomando.* Certa feita eu fui um pouco indiscreta com a minha imortal e falecida mestra. Fiz-lhe esta pergunta horripilante: "Professora, por onde a gente nasce?" A professora era vanguardista na época, puxou a palmatória, deu seis pancadinhas mágicas na palma da minha mão. As pancadinhas foram diuréticas... Eu fiquei sabendo não só como se nasce, mas como se renasce e ao mesmo preço que nasci! Não é maravilhoso?! Daí então eu fiquei reservada no terreno de querer saber e muito menos mostrar saber, por instinto de conservação e em nome da boa educação que, em vão, eles ainda hoje tentam me infligir.

Pausa

Eu quando era criança, muito pequena, não tinha medo de nada, porque minha neurose estava no período de incubação, assim como o mundo me era totalmente desconhecido. Com o tempo eu fui... não digo crescendo, porque o senhor pode notar que não sou grande até hoje, mas fui ficando mais velha, aprendendo muita coisa de vampiro. Hoje cheguei à sublimação da covardia humana, onde o céu é o limite. Às vezes tenho medo, medo – *Assustada* – de minha própria sombra... *Triste.* Sempre a me vigiar, a me seguir por onde eu for, passo ante passo, não me larga. *Angustada.* Aí então vem a náusea misturada com o medo, e eu só quero vomitar. Vomitar, me vomitar! Mas não posso. Outro dia eu tive uma idéia genial: me lavar por dentro. Bebi um litro de água, em seguida me agitei, pulei assim, assim. Agitada. Rodei bem cheia de água, mas por cúmulo do azar, minha bexiga neste dia não funcionou, passei o dia inteiro sem urinar, cheia de água suja. *Nojo.* A náusea e o medo me corroendo, meu corpo treme, eu tento em vão me esconder, a sombra me acompanhando por onde eu for, por todos os lados, em todos os instantes da minha vida. Eu me abaixo, ela se abaixa, se ando de quatro, ela me segue. Outro dia eu me deitei e ela ficou embaixo de mim, agonizando, me vigiando. Eu fiquei alegre, tinha esmagado a minha sombra com o peso do meu corpo, estava livre do medo! Levantei de repente – *Triste e amarga* – e pra minha surpresa e

decepção, ela levantou tão rápida quanto eu. *Desesperada.* Eu corri, ela correu atrás, eu parei, ela parou. Fiquei imóvel, ela também. E assim eu sou vigiada em todos os passos, em toda minha vida, é horrível... Levantando a cabeça. Ela é exatamente do meu tamanho... *Pausa*

Às vezes eu tento dizer a mim mesma: Não tenha medo, você é inocente, inofensiva, insignificante, nada de mal vão lhe fazer... Quando chego a ficar quase calma, eu me pergunto: Adianta ser inocente, insignificante? Ela também é. É por isso que suspeita de mim, teme que eu possa derrubá-la. E se eu não suportar até que ela se canse de mim? *Voz de choro.* Onde vou parar? ... Não há nada mais perigoso do que existir... As sombras e os vampiros estão em todas as partes, com o olho grudado em mim. *Para o médico.* E em você também, não sei se corro ou fico parada, encostada em algum muro com as mãos ao alto, entregue aos vampiros que têm necessidade de sangue... Sangue de gente, de gente viva. Para se ter paz é preciso ser cego, para não enxergar as sombras e os vampiros. Há os morcegos, há o tráfego, as árvores caindo por cima de mim, os fios elétricos caindo dos braços dos postes, há os conselhos prudentes e imprudentes, que vêm dar na mesma, há as correntes contra e a favor... e se não houver reencarnação, quem vai pagar a minha vida?

À noite, quando deito, é como se estivesse me economizando para continuar o dia seguinte, o meu ontem, o meu hoje que será exatamente igual ao meu ontem amanhã, digo meu ontem amanhã porque já o conheço de ontem, o hoje amanhã. Ontem eu andava por uma rua movimentada, tive a sensação de uma tremenda solidão, me senti insegura, apressei o passo, corri em direção a duas ou três pessoas. Olhei nos seus olhos, esbocei um sorriso de alívio! ... De repente eu vi que estavam olhando para mim cheias de medo; os olhos me disseram isto. Elas apressaram o passo, passaram da esquerda para a direita, eu tentei segui-las em vão. Elas se dispersaram, apavoradas, com medo de se comprometer com o meu medo, somado ao delas, mais as suas suspeitas e suas náuseas... As que estavam sorrindo fecharam o rosto e se mandaram a procura de um lugar seguro... Por instantes eu tive raiva, depois tristeza e pena, a rua era lotada do vazio. Os caminhos por onde os fugitivos corriam não levariam a tal porto seguro... Eu quis

chorar, mas tive medo de aumentar o medo, saí da feira do medo, entrei numa esquina que dava na solidão. Aí então descobri que a sombra chorava, passei a mão pela minha face e senti que estava molhada. Com a manga de minha blusa enxuguei o rosto, e pedi desculpas à sombra. Forcei um sorriso, ela não sorriu. Eu, que tinha medo da sombra, tive tanta pena... em silêncio partimos juntas, eu e ela. Vou lhe apresentar, ela está aqui conosco! E quando ela se for é porque me fui.

Pausa

Há quem diga que eu estou criando isso...O médico me perguntou: "Que doenças teve quando criança?" Eu quis enumerá-las. Depois simplifiquei: "Só não tive doença venérea", não sei porque, ele sorriu. Nova pergunta: "Tem pais vivos?" E eu, "sim". Pergunta chave: "Há casos de loucura na família?" "Sim, todos são loucos, nunca vi tanta calma". Médico insistindo: "Já ouviu vozes?" "Sim, sim, sim". Pergunta: "Que dizem estas vozes?". Respondo: "Corra, corra, cale a boca infeliz, rato de esgoto, eu lhe pego". Mostram-me correntes, riem cinicamente e dizem para mim: "Está tudo bem, siga em frente, reze até amanhã". Eu não posso me responsabilizar pelo que possam fazer comigo, embora eu esteja acompanhada pela sombra, entre eu e ela há um silêncio tão profundo quanto o nosso medo. É maior que nós duas juntas, inseparáveis, e eu ignoro a finalidade. A sombra é negra e ágil como um gato. Sei que ela é triste e amedrontada, parece que não quer me perder de vista com medo. Um suor frio me escorre pela testa e pelas mãos, acontece o mesmo com ela, eu vejo pelos seus movimentos...Se ao menos eu pudesse perscrutar o seu olhar ... dizer-lhe que eu estou projetada nela, sou a mais próxima dos próximos, sou a sua semelhante. Se entre nós houvesse uma linguagem capaz de tudo esclarecer, pelo menos seria possível uma sentença digna de seres vivos ou mortos. Quem sabe? Capaz de acabar de uma vez com este tormento, esta sentença tão eterna como o tic-tac do relógio, nos mostrando que vem tempo ...que há tempo... que virá tempo. E que tempo? Quanto tempo? Ou perda de tempo? Nós nos torturamos, ela corre para me pegar, eu corro para me esconder. O pior de tudo é a transparência entre mim e ela! Pior que o mistério da santíssima trindade, os três grudados em um só. Imagine só, três pessoas em uma só pessoa terrificante. Há

em cada pessoa o gêmeo sepulto nos miolos, um diz sim, outro diz não, um rindo por fora e o de dentro chorando, como uma criança órfã em meio de estranhos, sendo examinada como um cão acuado, a quem por caridade dão bombom e haja caridade e caricatura e cara dura e coração duro e pão duro e o pão que o diabo amassou e o pão de S. Francisco, e os homens pão e haja pão e o Japão e as duas Chinas. E bater de chinelas e correrias, e confrarias e confraternização, e cômico e negociante, viajantes, intérpretes, traduções, cochicho, sinais e convenções, abraços, apertos de mãos, sorrisos, aplausos, louvores, honras e horas e horrores, pássaros e flores, música. O teatro em crise, o homem em progresso e a espera do regresso do egresso, é a partida, é a volta, é o demolir, é o construir, é o aparecer, o desaparecer, é o parecer, é o padecer, o proceder, o prometer, o promotor, o motor a todo vapor, o calor e o odor, e o fedor é o fedido e o fodido, fundindo cucas. O que acaba com o homem é a cuca, e os cucas dos relógios, com pêndulos e tudo mais, avança, tá na hora, recue antes que seja tarde. Agora é tarde. Só Inês é feliz e bonita, Inês é morta. Fecha a porta, vão derrubar ... corre, todas as portas estão fechadas. Entra no bar... Beba cachaça! Se destruindo aos poucos, suicidas! Loucura, andam a sua procura, suma antes que seja tarde! O vampiro guincha, o homem chora, o jegue rincha. Ah! Se eu pudesse vomitar, perdesse o olfato e o tato, o sapato e o contato e o contrato. Quem dera poder gritar: eu não sou nada, eu sou um rato. Um homem é um homem. Jesus, o filho de Deus feito homem, amém. Amém? Do verbo amar? A quem? Onde? Amar! O mar verde e infinito como o azul do céu. Oh! Quem dera ter calma para lhe contemplar, ouvir os seus ruídos indo de encontro às pedras, tecendo rendas brancas por sobre a areia. A brisa a me bafejar, a maresia invadindo meu corpo, corpo coxo, corpo morto como a cidade bombardeada, escombros, escombros, assombros escombros e nada mais! Ruínas, rua sem ruído, solução abafada, tristeza no presente, saudade no passado! Bombas, fístulas, mutilados, o progresso, o processo, o homem encaixotado, deportado, transportado, importado, no ontem, no hoje, no amanhã, no presente, no futuro e no passado. Adianta adiar, odiar? Espetar? Espetacular! A especulação da sombra. Assombra ou não assombra?

A SOMBRA ASSOMBRA

DE HAYDIL LINHARES
DIREÇÃO DE DEOLINDO CHECCUCCI

COM: HEBE ALVES
E RAYMUNDO BORRAY



a sombra assombra

Estreou em março de 1987, na Sala 5 da Escola de Teatro,
Salvador, Bahia

Elenco da peça

Psiquiatra – RAYMUNDO FILGUEIRAS
Paciente – HEBE ALVES

Elenco clipes

Paciente – HEBE ALVES
Psiquiatra – RAYMUNDO FILGUEIRAS
Torturador – ANTONIO ISAK
Homem – EDLO MENDES

Ficha Técnica Clips

Direção – DEOLINDO CHECCUCCI
Cinegrafista – ITAJUBÁ LOBO
Edição de imagens – LOURIVAL FILHO, ANA VENTURA e
DEOLINDO CHECCUCCI
Produção – ANTONIO ISAK
Trilha Sonora – NICOLAS NADER
Assistente de Direção – GORETTI GROSSI

Ficha técnica

Direção – DEOLINDO CHECCUCCI
Cenografia, figurino – FILINTO COELHO
Cartaz / programa – FILINTO COELHO e CLAUDETE ELOY
Carpintaria – JOSÉ MOREIRA e JAIME PINHEIRO DA SILVA
Costureira – STELITA BISPO
Iluminação – RUBEM DÁRIO
Trilha Sonora – NICOLAS NADER
Assistente de Produção – INALDO SANTANA
Divulgação – GORETTI GROSSI e BETE VIEIRA
Operação de VT – SOLANGE MIGUEL
Produção – GRUPO TATO

2002.HL.AA.001.001(23)



2002.HL.AA.001.001(24)



IDA E VOLTA

PERSONAGENS

CAMELÔ
 CEGA DE FEIRA
 I HOMEM
 II HOMEM
 LUCAS
 MARTA
 PEDRO

ABERTURA

Improvisação: cena de feira com camelô vendendo e apregoando produtos farmacêuticos. A louca vestida de preto com uma foto colada no vestido-blusa.

Cega da feira cantando. Vendedor de pássaros. Rezadeira passando ramos em alguém.

Uma doida dançando e escovando os dentes.

CAMELÔ

Olha as pílulas do bôto, serve para pé de atleta, enxaqueca, caseira, canseira e coceiras, câncer e cancro, catapora, calos quentes, lombrigas, levanta as forças e faz chegar o sangue. Olha a mala da cobra. Só resta este, compre antes que acabe. Acaba com meningite, artrite, gripe e constipio calango, gota serena e prisão de ventre, fecha o corpo de qualquer vivente, dá forças de touro, não há quem aguente; cura até dor de dente. Quem não comprar morre de repente, serve para mordida de qualquer serpente, alivia as dores de qualquer vivente. Olha as pílulas de bôto. Olhe a mala da cobra. *Faz piruetas.*

CEGA DE FEIRA

Cantando.

Oh, irmão me dá uma esmola
 Não tenha pena de dar
 Que mais tem Nosso Senhor
 E Jesus Cristo para lhe dar
 Oh! Irmão me dá uma esmola
 Se tiver não vá negar

Levanta uma cuia de queijo e balança moeda. Toca um realejo.

Favoreça a pobre ceguinha!

Silêncio.

ALTO FALANTE

Estamos ouvindo o serviço de alto falante, falando para todos os quadrantes da cidade. Alô, alô, Creonice, compareça em nossos estúdios, sua mãe lhe reclama a presença com urgência. Creonice, largue as companheiras, sua mãe quer voltar pra casa, sua mãe é uma mulher trabalhadeira e precisa fazer o café do seu pai. Atenção! Estamos falando dos nossos estúdios, diretamente para todos os quadrantes da cidade. Nota musical: alguém oferece a alguém que está vestida de verde esta linda página musical, ao mesmo tempo que implora o seu amor. O nome da música é “Esmagando rosas”. Manoel dos Santos Filho oferece ao seu grande amor pelo transcurso do seu natalício, e que esta data se reproduza por muitos e muitos anos, a gravação: “Esmagando rosas” e o baião “Cintura fina”. Alô, Antas – *Música* – O professor Antonio Marcelino parabeniza Marocas de Pedro Chimba. – *Música* – Assistam hoje o grande filme “Tiroteio de coboi” no Cine Brasil. Tem índio, arco e flecha e tudo mais. O artista vence. A Congregação convida as famílias, inclusive as senhoritas para um arrastapé. *Termina música.* São seis horas. *Música da Ave Maria. O locutor lê uma crônica.* Seis horas, hora do poente, hora em que todas as mentes voltam seus corações às orações e às saudades. Seis horas, começo da noite, fim da tarde que se despede, lua que aparece. Senhor, que vejamos o amanhã com mais amor e paz. *Ave Maria. Os homens tiram o chapéu.*

A feira termina, todos retiram-se.

CENA I

Sino tocando pra missa, mulheres com panos nas cabeças, homens com chapéus nas mãos em direção à igreja.

I HOMEM

Lucas já viajou?

II HOMEM

Não, por mim acho que ele não devia ir, um homem naquela idade.

I HOMEM

Ele tá é sustentado por Pedro, o fio dele. Diz que tá bem de vida, ganhando dinheiro, botou dois dentes do ouro, quando sorri só se vê faísca.

II HOMEM

Tai, nunca tive vontade de possuir tal traste, dizem que quem se enterra com dentes de ouro num se salva.

I HOMEM

Bestagem, se fosse assim o inferno é todo dourado. Eu acredito que um sujeito que bate no pai ou que é amigado com as próprias irmãs, este é que não se salva. Excomungado pelo papa e tudo mais, aí é outra coisa.

II HOMEM

Lucas devia levar as tábuas de caixão, eu disse mesmo a ele: Lucas você num tá vendo que num tem quem lhe dê selviço? Mas sabe como é, este fio dele é que dá o sustento. Num gosta mais de vim aqui porque é atrasado. Acha que deve arrastá o véio... Possa ser ele inté goste. *Pára e olha para uma mulher.* É Crescência que vai alí? Eu morri de pidi à peste pra ir rezar na vaca, ela fez cú doce, a bicha morreu. Mas ela vai precisá de mim... não digo cum soberbia, mais vai. *Entra na igreja.*

Espoucar de foguetes, repicar dos sinos.

Bem longe ouve-se um aboio que aos poucos vai aumentando. O povo vai saindo da igreja em procissão, o aboio continua, o povo reza Ave Maria. Lentamente vai se retirando e o aboio vai sumindo até desaparecer.

CENA 2

Cidade grande. Cenário despojado

LUCAS em primeiro plano. MARTA de costas, trabalhando.

Ida e volta – Improvisação – Vendo a vida – Volta e ida

LUCAS

Falando como se estivesse voltando ao passado. “Lucas temos que ajustar contas, já estou farto de lhe dar prazo para desocupar as terras”... Sim, foi isso que eu ouvi... e que mais poderia eu ouvir nesta idade? *Retomando.* De sol a sol trabalhei, molhei esta terra com o suor do meu rosto. *Passa a mão pela testa, depois contempla as mãos.* Minhas mãos estão cheias de calos, endurecidas pelo cabo da enxada. Eu e meus animais sem pouso, sem pasto, sem terras. De tanto tomar sol na cabeça acho que endoideci, imagine só o que eu pensei ontem ao ouvir o canto da juriti, quando a barra do dia vinha raiando... *Balança a cabeça.* Eu tive tanta inveja do passarinho que desejei ser ele. *Tira o chapéu.* Deus Nosso Senhor me perdoe, aquele juriti tão livre, tão dono dos céus e do espaço, cortando os ares e os campos, cantando, cantando, voando, voando, o mundo dos passarinhos é tão leve. *Mudando de tom.* Eu sei que é doidice, eu vi as formigas andando em filas que nem gente em procissão, com as cabeças cheias de folhas, indo para seus formigueiros, serenas, trilhando um caminho certo...

Eu vi as borboletas enfeitadas de todas as cores, andando por cima das flores. Vi as abelhas com as patas cheias, indo pra seus cortiços.

Eu vi o vôo da codorna
 Eu vi o canto do galo
 Eu vi o cabrito pulando
 Eu vi os campos se enfeitando
 Eu vi o riacho de areia branca
 Eu vi o pescador pescando
 Eu vi os patos nadando
 Eu vi o sapo cantando
 Eu vi as flores se abrindo
 Eu vi os pombos se amando
 Eu vi o dia surgindo
 Eu vi a noite caindo
 Eu vi a viola gemendo
 Eu vi o homem chorando
 Eu vi a árvore crescendo
 Eu vi o vento soprando
 Eu vi a chuva caindo
 Eu vi o homem plantando
 Eu vi a seca chegando
 Eu vi a folha caindo
 Eu vi o vento levando
 Eu vi o mugir do gado
 O mandacaru florando
 Eu vi o homem fugindo
 Eu vi o mato correndo
 Eu vi o sol tão vermelho
 Eu vi o homem torrando
 O juriti emudecendo
 Eu vi o mato queimando
 Eu vi o céu azulão
 Vi o riacho secando
 Eu vi o gado rodando
 Meus olhos cheios d'água
 A minha boca secando
 A minha carne sumindo
 Vi meus ossos se amostrando
 Eu vi cruz pelas estradas

A poeira enevoando
 Eu vi crianças com rugas
 Eu vi com olhos vazios
 As minhas mãos tão vazias
 Do tamanho do vazio de minha' alma
 À medida do vazio do meu vagar
 Do tamanho do vazio do mundo
 No vazio de seu rosto
 No vazio do meu bolso
 No vazio do seu olhar
 Oh, Jesus! Quanto vazio
 Eu vi a mulher rezando
 Eu vi o homem matando
 Eu vi o homem morrendo
 Eu vi a mulher chorando
 Eu vi nascer o menino
 Eu vi a mulher cantando
 Eu vi as redes passando
 Eu vi as enxadas batendo
 Vi o sino repicando
 Eu vi a vida descendo
 Vi a areia cobrindo
 Vi o corpo descendo
 Vi o homem semeando
 Vi a vida que morria
 Vi a rosa que cobria, pra enfeitar o sono
 Vi o sono enfeitado com rosa
 Vi o último badalar do sino
 Vi a sua aposentadoria
 Vi de volta o vazio, a ausência
 Que vazio, que agonia
 Antes que amanheça vou andar
 Ida e volta sem saber por que estar
 De passo em passo e sem sapato
 Nem lugar pra aportar
 Não sei quem sou ou se sou
 Amanhece e anoitece e eu nem dormi
 O infinito sem portas, sem teto

Serei eu um homem?
 Um bicho?
 Ou um inseto?
 Meu corpo enfraquece
 Minha mente esmorece
 Minhas vestes apodrecem
 Não sei se vou
 Amanhece
 Anoitece
 E eu nem dormi
 A vontade fenece
 Pau de arara!
 Nordestino!
 É o destino.
 Lacrimejar de flores
 Orvalho permanece
 Homem contempla a natureza
 Para, pensa, obedece
 Mãos que falam
 Lábios que emudecem
 São vários caminhos
 Me perco onde?
 Homens apodrecem
 O guia não aparece
 Ato mãos, preces
 Minha mente adocece
 Rosto que murcha
 Mãos que estremeçam
 Pernas trôpegas
 Onde cantam os pássaros
 Não ouço o riacho
 Cadê a medida do tempo?
 Tenha piedade de nós
 Eu queria ser
 Ou não ser
 Eu fui
 Tu foste, ele foi

Nós fomos
 Vós fostes
 Eles foram
 Uma eternidade
 Eu fiquei tão só...
 E minhas preces?
 Minha camisa?
 E eu? As crianças?
 Nós poluímos
 Eram lindos... As flores... e os homens
 E havia tempo
 E havia tempo
 E o conhecer

CENA 3

Solidão.

LUCAS

Me chamam de louco, nunca fui tão lúcido em minha vida e isto é o que me deixa sem esperanças, um homem lúcido é coisa muito triste. *Para a platéia ou para o vazio* – E não pode haver nada mais triste que um homem lúcido. *Sai.*

MARTA

Cantando para matar o tempo enquanto lava roupa.

PEDRO

Entrando. Mãe, pai está muito estranho estes dias. Não sei o que deu nele, o pessoal do armazém foi quem me chamou a atenção, eu fiquei observando e vi que pai já não é o mesmo.

MARTA

É a saudade meu filho. *Continua cantando bem mais alto.*

O vento espatifando a rosa
 A rosa correndo mundo
 O sino tocando pra missa
 O povo indo rezar
 Ave Maria
 Santa Maria
 O aboio ralentando o tempo
 Menino olhando em volta
 O homem sem saber onde está
 Eu pensava um dia chegar lá
 O cansaço me dominou
 Se querer ser feliz procure amor
 Só não sei onde é que está
 Só não sei onde é que está

PEDRO

Mãe eu estou falando com a senhora... pai anda falando sozinho pelos cantos, quando a gente pergunta ele responde: “Nada de importância não meu filho, é coisa de gente velha”.

MARTA

Você queria que ele falasse com quem meu filho? Nois só sabemos falar com gente dos matos, quando a gente abre a boca aqui em S. Paulo, somos logo chamados de Pau de Arara e baianada porque, pra paulista, tirando gente de Minas e Rio, tudo é baiano a não ser que seja estrangeiro. Paulista não sabe que tem outros estados, porque pode ser do Piauí, de Pernambuco, de Alagoas ou do Ceará, da Paraíba, do Rio Grande do Norte... é baianada, e tudo é bicho e burro, eles, os paulistas, é que são sabidos, e só não sabe estas besteiras de lugares que eu acabei de dizer. Paulista não dá uma palavra, fala pouco, acho que é pra economizar saliva ou então pra não transmitir sua sabedoria a pau de arara.

PEDRO

Mãe, a senhora acha ou não acha que o pai está doente? Nós temos que fazer alguma coisa. Semana passada ele tomou duas

garrafas de cachaça no boteco do Braz e quis cuspir na cara do empregado. Só não cuspiu porque o senhor Afonso estava com ele, ainda disse pra seu Afonso que todo caminho era estrada e que a vida dele tinha sido na estrada, que nasceu e se criou na estrada. E haja estradas, tudo meio de comunicação. *Divagando*. Longe... e perto.

MARTA

Comunica o que? A quem? Pra que? As minhas vistas não enxerga mais nada. Nem longe nem perto.

PEDRO

Tá doente da vista mãe? Vou lhe levar pro oculista.

MARTA

Você acha, é? Gente nova é besta, e o pior é que não se convence. Sua avó com 89 anos enfiava agulha e remendava e nunca foi a nenhum doutor.

PEDRO

Olha mãe, pelo Natal...

MARTA

De Natal em Natal, antes do Natal, Feliz Natal e Próspero Ano Novo, mais o Ano Novo igual ao que passou, vezes o que vem, sempre seguido do novembro pra o dezembro que é tão parecido, março, abril e maio, junho, julho e agosto. E o novo Natal. O Lucas tem o ontem... você, Pedro, tem o amanhã. Eu não tenho senão o cansaço de hoje, sem vizinhos e sem o silêncio da solidão, se pelo menos me sobrasse o silêncio, eu podia escutar o pulsar do meu coração, mostrando que eu estou sem estar.

PEDRO

Mãe a senhora tá de cuca fundida, é isto mesmo, nunca fica satisfeita, vivia lá pelo Norte comendo rapadura, com roupas cafonas e reclamando da vida, agora só fica me grilando o tempo todo, a dizer que não se acostuma aqui, não acostuma-

Cega da Feira

Musical score for "Cega da Feira" in 2/4 time. The score consists of four staves of vocal melody with lyrics in Portuguese. The first staff (measures 1-4) includes triplets and lyrics: "Oh ir - mão me dá umaes - mola não te - nha pe - na de dar". The second staff (measures 5-8) includes a triplet, the instruction "a c c c e l e r a n d o . . .", and lyrics: "que mais tem Nos - so Se - nhor e Je - sus Cris - to pra lhe dar Oh ir -". The third staff (measures 9-12) includes a triplet, the instruction "r a l l e n t a n d o", and lyrics: "mão me dá umaes - mola se ti - ver não vá ne - gar Oh ir -". The fourth staff (measures 13-16) includes a triplet, the instruction "r a l l e n t a n d o", and lyrics: "mão me dá umaes - mola se ti - ver não vá ne - gar".

O vento espatifando a rosa

Voz

O ven - toes - pa - ti - fan - do a ro - sa

4

voz

a ro - sa cor - tem - do o mm - do

7

voz

o si - no to - can - do pei - mi - sa o

10

voz

po - vo - in - do re - zar A - - - ve Ma -

14

voz

ria San - ta Ma - ria mãe de Je -

17

voz

sus ou - bo - io ra - len - tan - do tem - po

20

voz

o me - si - noo - lha - doem vol - ta o ho - mem sem sa - ber a - on - does -

23

voz

tá eu pen - sa - vaum di - a - che - gar lá

26

voz

o can - sa - - go me do - mi - nou se que - rel - ser -

29

voz

liz pro - cu - rea - mor

32

voz

pro - cu - rea - mor

35

voz

Várias vezes
Só não sei cu - dos que - tá

va lá, agora qual é a sua? Não queria viver em lugar adiantado, junto com gente civilizada? Já tem geladeira, já tem liquidificador, televisão. Depois eu compro um carro, um apartamento. Quando a senhora chegou aqui, não tinha um dente, tudo podre, eu não mandei botar sua dentadura? Falta bem pouca coisa pra ficar incrementada, pra frente, é só pintar grana, eu boto pra esbugelar.

MARTA

Eu nem sei muitas coisas que você diz, na minha terra tem um dizer certo: "Formiga quando quer se perder cria asa". Eu me perdi neste formigueiro cinzento e frio...

PEDRO

Corta essa mãe... Eu me amarro nesta terra. A senhora não tá com nada. Vai entrar numa de horror que nem o pai? Corta essa. Vê se entra em outra. A senhora precisa curtir a poluição sonora, de ar e tudo que pintar na frente, mãe, é o progresso.

MARTA

Chega, chega. *Ar de espanto e cansaço, passa roupa, limpa o suor, fica estática.*

LUCAS

Entra, sempre falando. Vou embora, quero ver rosto conhecido Bom dia, boa noite, como vai?

Um rosto conhecido onde reflete o meu

Quero ver o verde

Quero ver a seca

Quero um rosto conhecido

Quero andar de volta

Me sinto vencido

Quero olhos sem medo

Portas sem segredos

Quero um braço amigo

Por os pés no riacho

Marta vem comigo, vem

Sombra do que sou
 Anda pega a trouxa
 Vem por onde eu vou
 Marta, vem de volta
 Sombra andrajosa do que sou
 Vem Marta, vem, é tudo lindo.
 No caminho, bem na curva
 Esperemos que possamos passar
 Sem paz e sem civilização
 Tão distante como o horizonte
 Não, Marta, fala...
 Falar o que, Marta?
 Andemos pois, de volta
 Pelas veredas que fugimos
 Antes que se fechem
 Os rostos conhecidos
 Nos faça esquecidos
 Antes que acabem as rodas
 As crianças se façam homens
 Os homens se façam pedras
 As pernas se façam trôpegas
 Temos pressa pra chegar

Os dois com as touxas.

Nós vamos
 Eu vou
 Tu vais
 Eles se foram... *Tristes.*
 Embaixo do juazeiro
 Ao baixar as primeiras estrelas
 Lembramos nós
 Eram lindas!
 As flores,
 E os homens
 E havia o Tempo
 E o conhecer
 Anda Marta
 Vai amanhecer!

ida e volta

Estreou em novembro de 1977, no teatro do Senac, Salvador, Bahia

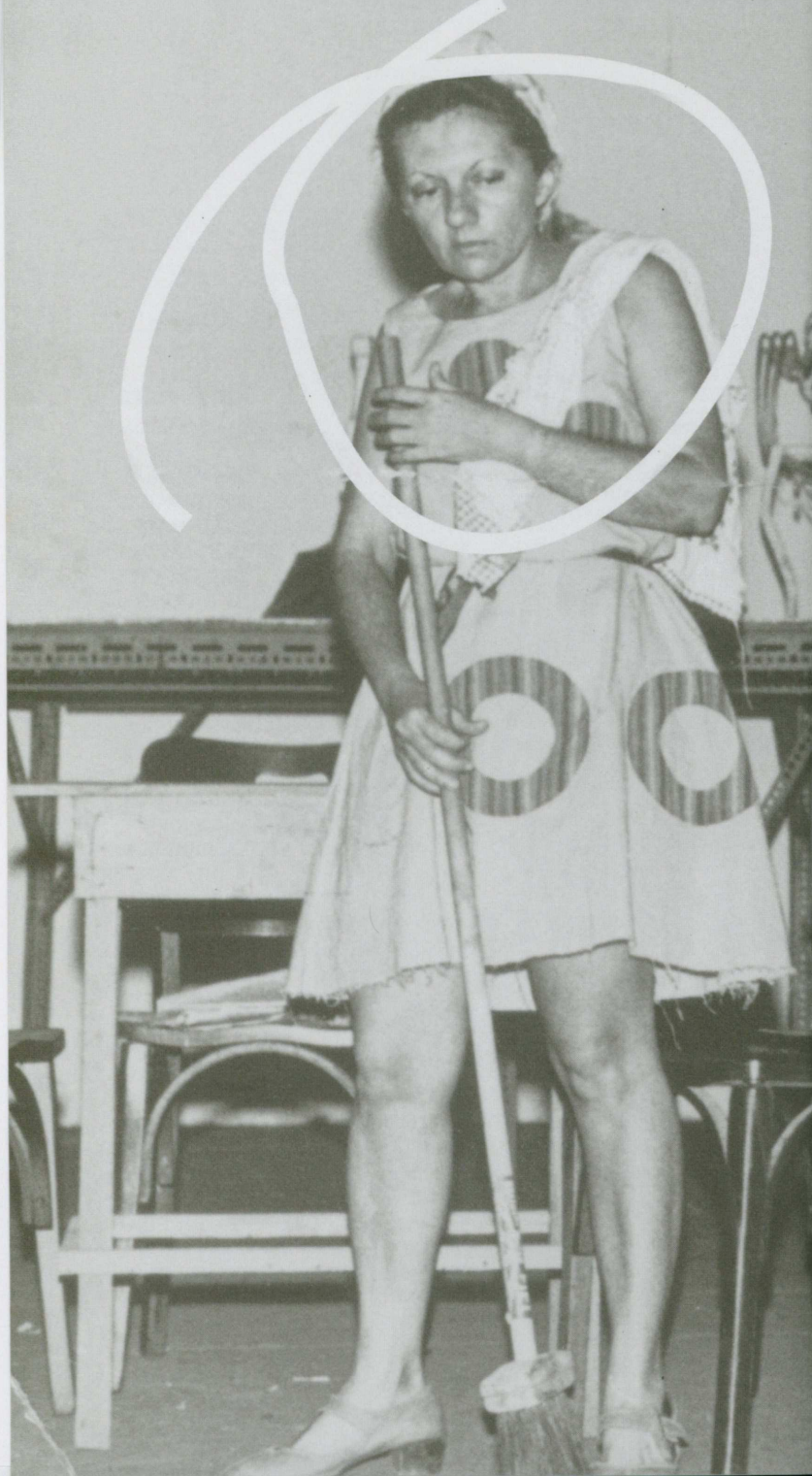
Elenco:

Lucas – ANTONIO CARLOS TAVARES
 Marta – HAYDIL LINHARES
 Pedro – EVERTON ROCHA
 Homem 1 – JOSÉ ROCHA
 Homem 2 – ANTONIO BARRETO
 Povo da feira: ANTONIO BARRETO,
 EDNEAS SANTOS,
 EVERTON ROCHA,
 GRAÇA GUIMARÃES,
 IVANILDES PEREIRA,
 JOSÉ DELMO,
 JOSÉ ROCHA,
 JOSUÉ SOARES,
 MARIA DE LOURDES PITA,
 NEUZA PEREIRA,
 RITA DE CÁSSIA
 SÉRGIO D'ÁFRICA
 Músicos: FRANCISCO JOSÉ,
 JOSÉ AIRTON DE MENEZES,
 ANTONIO NASCIMENTO
 JOÃO ANTONIO NETO.

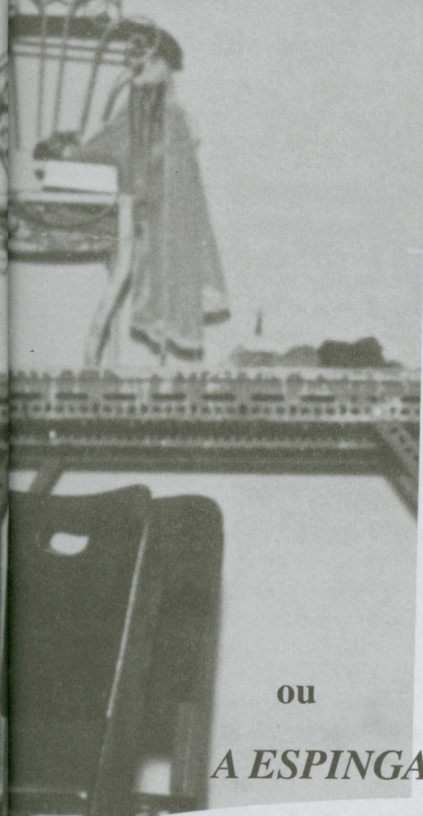
Ficha técnica

Direção Geral – ORLANITA RIBEIRO
 Assistente de Direção – ANTONIO PEDRA
 Assistente de Produção – GRAÇA GUIMARÃES/ANTONIO PEDRA
 Direção Musical Sonorização Dramática – ANDRÉ PELÁGIO BESSA
 Música da canção *O vento espatifando a rosa* – MARCELO GANEM
 Operador de Som – RENATO AGUIAR
 Iluminação e Divulgação – ORLANITA RIBEIRO
 Cenografia e Figurino – ANTONIO PEDRA
 Produção – GRUPO RIBALTA E ORLANITA RIBEIRO
 Programador Visual – CHICO BARRETO

2002.HL.AA.001.001.(49)



2002.HL.AA.001.001(40)



*O
PIQUE
DOS
ÍNDIOS*

ou

A ESPINGARDA DE CARAMURU



PERSONAGENS

MARIA CAETANA ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO (vulgo Mona Lisa)
Mulher que traz sempre um sorriso. Dada à prática da filosofia oriental e macrobiótica. Tira de sensual nas horas vagas e vive em estado quase de levitação.

PODOLÍRIO ASSUNÇÃO DA RAMIFICAÇÃO

Jovem que mata e morre de paixão pela ciência. Materialista convicto, estudante de psicologia; vive em eterno laboratório; observa sempre e interpreta as reações físicas e psíquicas de quem dele se aproxima.

HENRIQUETA SEVERO PENTEADO

É a proprietária do pensionato. Mulher de moral ilibada. Só pensa em dinheiro; mandona e intransigente. Diz-se de família tradicional e importante; é bastante saudosista. Louca por novelas e Augusto Calheiros.

CALIXTO FLORES DA SILVA PENTEADO

Marido de Henriqueta. Homem bastante preguiçoso, vive às expensas da própria; tem mania de pássaros; veste-se com mau gosto em casa, um short bem folgado, meias e óculos escuros.

DORALICE ARREBATADA PREMATURA

É fútil, vazia e irreverente. Vem terminar o curso normal na capital e ficará no Hotel. Chega acompanhada de sua mãe e de uma irmãzinha retardada mental.

AMBROZINA EMBEVECIDA DO ARCANJO

Velha metida a jovem, cantora lírica, professora do Conservatório de Música. Vive sempre maquiada com exagero, tem mania de solfejar, fazer massagens e ginástica para tirar a barriga. Fala de um ex-noivo que morreu de desastre de trem faltando apenas quatro meses para ser seu esposo. Toda conversa termina em poema e lágrimas.

MAROCAS ENTUMESCIDA DA PAIXÃO

Empregada doméstica, neurótica, analfabeta, espigada. Vive sempre reclamando do trabalho da casa e do ordenado pouco. Ameaça sempre ir-se embora para "meu São Paulo".

ANTONIO TOMÁS GOTEIRA (vulgo Tamara Pecadora da Sibéria)
Toma curso de manicure e cabeleireiro. É "bicha" declarada, sensível e metida a chic. Tem mania de maquiular as pessoas e adora fofocas. Reclama de tudo em relação ao hotel: desde as goteiras até a cafonice da decoração e o nome do hotel.

MARIA DAS DORES PREMATURA

Fazendeira, ignorante, mulher com costumes da roça. Pessoa rústica que quer "civilizar os filhos".

ISMÊNIA TRESMALHADA

Filha de Maria das Dores, retardada mental.

GARÇOM

1º ATO

Toca a campainha A empregada vem abrir. Na sala, o Sr. Calixto fumando um charuto defronte a uma gaiola.

MAROCAS

Seu Calixto, tem uma mulher que quer falar com Dona Henriqueta, mas ela não está.

CALIXTO

Mande-a entrar. Entra Maria das Dores, Doralice e a irmã retardada mental, chupando um pirulito, com uma boneca de pano a tiracolo. Senhor Calixto estende a mão cordialmente. Calixto Flores da Silva Penteado, às ordens, madame; com quem tenho a honra de falar? O que a traz aqui?

MARIA DAS DORES

Apresentando-se Maria das Dores Arrebatada Prematura; esta é a minha filha, Doralice, que ainda este ano se forma em profesora e como o finado Prematuro, pai dela, queria que ela se formasse em cidade grande, eu, com a ajuda de Deus, vim trazer a menina. Eu tive muito gosto com Doralice; ela é muito boa de cabeça, prendada doméstica e muito curiosa; ela quer saber tudo. Suspira. Mas, como no mundo não tem gosto completo ... O senhor vê – tenho três filhos – Doralice, Fedentino e Ismênia; a Ismênia, como o senhor está vendo, é doente da cabeça; nós mandamos até para uma clínica de S. Paulo, quando ela era bem pequena – com o falecimento do pai, eu tive que tirar da clínica e escola ao mesmo tempo. Tanto assim, que ela viveu mais em São Paulo, que fala como o povo de lá.

ISMÊNIA

Fazendo coisas sem nexos - Mamãê-ê-ê. Lambe o pirulito, levanta a saia, mija no chão e chama Calixto de pai.

MARIA DAS DORES

Desculpe, senhor, é a minha cruz. *Virando-se para a filha. Vista a caçola.*

CALIXTO

Não tem importância, eu compreendo. *Confidencial*. A senhora já levou a um centro espírita? Leve.

MARIA DAS DORES

Ainda não; porém estou disposta a ir. Vou resolver o caso de Doralice, depois eu cuido da Ismênia Tresmalhada; sabe, ela nasceu empelicada, era tão bonita que mais parecia uma santa; o vento passou nela e ela ficou assim... O finado Prematuro gastou o que não tinha, tudo em vão. Sim, mas como eu ia dizendo, eu queria falar com a dona do hotel, porque me disseram que Dona Henriqueta Severo Penteadó é uma senhora de muito respeito, e assim sendo, eu queria acertar o preço do hotel e entregar Doralice para ela tomar conta e chamar a atenção nas horas precisas; a Doralice é jovem, sempre estudou lá mesmo em Caculé. Ela só esteve aqui pelo carnaval e agora. Como o senhor vê, não conhece bem lugar grande; é preciso ter cuidado, não acha?

CALIXTO

Com ar importante. Exato, lógico, perfeitamente certa, eu nunca tive filhos, mas, mesmo assim, temo pelo jeito da juventude de hoje e dou graças a Deus não tê-los. Assim, eu me dedico a passá-los; agora mesmo comprei esta pega, que é uma beleza. Canta como Caruso!

MAROCAS

Passando um pano na mesa e com olho na conversa. Só presta pra cagar e sujar as paredes, me dar trabalho; nunca vi esta pega cantar, estou virgem, que culhuda de seu Calixto! Ora, Deus seja louvado, eu hein!

AMBROZINA

Entrando com uns pacotes e cantando. Uma furtiva lágrima, uma furtiva lágrima. *Solfeja*.

MARIA DAS DORES

Pensa ser Dona Henriqueta. Esta é Dona Henriqueta?

CALIXTO

Não, esta é a professora Ambrozina; mora conosco há dezoito anos; Dona Ambrozina, faça o favor. *Faz a apresentação*.

AMBROZINA

Satisfação, minha senhora; a senhora está de luto de quem?

MARIA DAS DORES

Do meu falecido marido.

AMBROZINA

Minhas condolências, senhora, é horrível perder-se um companheiro de muitos anos, um ente querido assim, partindo para nunca mais... Eu sei o que é isto; perdi meu noivo e até hoje não consegui esquecer. Foi uma morte súbita e fulminante; no início eu nem quis acreditar e queria morrer também... Morrer... Morrer de amor e saudade. Depois eu procurei sublimar tudo e viver para a música, para a poesia! Fiz até um poema para ele, o nome dele era Jacinto, eu me inspirei em Castro Alves nestes versinhos:

Jacinto ao fechares os teus olhos,

Perdeste o meu semblante,

Eu te olho.

Perdi a alegria de viver em qualquer plaga adejante,

Choro teu momento derradeiro,

Onde andas neste instante?

Como sinto, meu Jacinto

Onde estão os beijos?

Eu queria partir também,

Morrer, quando este mundo é um paraíso?

Viver não me convém.

Jacinto, desperta deste sono, vem,

Vem, vem sentir o calor dos lábios meus, à procura dos teus.

Vem com tua mangureira potente e jovial

apagar o fogo do meu coração,

Que me queima as entranhas como um vulcão.

2002.HL.AA.001.001 (47)

Eu choro às escâncaras, choro, choro à bessa,
Meu Deus, que bandeira é essa?
Onde estão as cadeias que te prendiam aos demais?
Jacinto, viver sem ti não sou capaz
Sem ti, que vibrava em mim, não aguento mais.
A vida quis assim, tudo às avessas,
No infinito paira a pergunta:
Meu Deus, que bandeira é essa?
As duas choram.

MARIA DAS DORES

Lindo, muito lindo, uma beleza!

AMBROZINA

Vou botar música; eu o transformarei em uma valsa. Já tenho tudo aqui na cabeça. *Cantarola e dá passos de valsa, limpa os olhos. Doralice, com a mão na boca, reprime o riso. Ismênia bate palmas e dá vivas, Ambrozina volta a falar.* Suas últimas palavras: “Ambrozina, mon amour...” Eu não ouvi, me contaram... Quando cheguei, ele já tinha partido. Estava gelado e muito roxo. Desastre de trem.

MARIA DAS DORES

Foi melhor não ver. Eu vi o derradeiro momento do finado Prematuro. Ele falou até às últimas... Fez força e me disse: “ferra a vaca pra Ismênia, a besta para Doralice, o cavalo para Fedentino. Cuide bem dos nossos filhos, pague a conta do armazém. Diga a Praxedes que ele é um filho da égua sem palavra... Que eu morro como um homem de bem e respeitado e que, se na eleição que vem eu fosse vivo, isto não ia ficar assim”. De mão cerrada, morreu, como um passarinho, mas bufando de ódio. Ele tinha um gênio no pé da goela – que Deus o tenha no seu santo reino. *Benze-se.*

TOMÁS

Que presenciou a cena desde “... que Deus o tenha em seu santo reino”. Mulher fala pelos cotovelos e pelos calcanhares;

2002.HL.AA.001.001 (48)

que homens de mau gosto, sem a menor visão estética, cruze!
Eu, hein? Mulher só requintada, elegante, que nem Tereza de Souza Campos, perfumada à francesa, andando como se estivesse flutuando, eu ainda justifico, mas estes armengues, corosas loucas, ridículas, não deixam nem as almas dos homens repousar em paz. Como é que um homem tem coragem de se acompanhar com estes fardos, entrar em um restaurante chique e deitar com um saco de batatas... No mundo tem gosto para tudo, enfim, deixa eu cuidar de minha vida. *Sai cantando.* “A casa de Irene tem gente que entra, tem gente que sai”...

DORALICE

Mamãe, aqui não tem nenhuma moça de minha idade pra passear comigo, estudar?

MARIA DAS DORES

É melhor assim, não quero você com gente nova sem juízo. *Dirigindo-se ao Senhor Calixto.* Será que Dona Henriqueta demora?

CALIXTO

Ela deve estar chegando, já era para ter chegado.

AMBROZINA

Pede licença para sair. Ambrozina Embevecida do Arcaño... Apareça; se eu não estiver aqui, pode me procurar no Conservatório de Música, minha segunda residência, meu céu, meu mundo musicado, meu túmulo. *Beija Maria das Dores e sai.*

DORALICE

Mamãe, assim não dá pé. Que lugar mais monótono, gente quadrada! Era melhor ficar em Caculé.

MARIA DAS DORES

Não lhe trouxe aqui para passeios nem pra folias de moças. Você vem é estudar, tomar bons modos, obedecer. Você é muito topetuda.

DORALICE

Mas, mamãe...

MARIA DAS DORES

Entupa-se.

Podolário vem entrando, cheio de livros, com óculos de tartaruga e cheio de preocupação. Senhor Calixto o chama e faz apresentações.

CALIXTO

Como é mesmo o nome da senhora?

MARIA DAS DORES

Maria das Dores Prematura.

CALIXTO

Dona Prematura, este rapaz é o Podolário. Nós aqui o chamamos de Podô – expressão carinhosa... Mora conosco desde os tempos de calouro. Estuda Psicologia. É uma sumidade de rapaz, muito aplicado e sério. Imagine a senhora, que ele nem se distrai. Tem vários títulos: Contabilidade, Eletromecânica, Datilografia, Fotógrafo. Fez estes cursos por correspondência. Nas horas vagas, em vez de ficar com sirigaitas na praia, ou tomando cerveja, ele aplica seu tempo disponível em estudos. Uma coisa – ele gosta de futebol. É só.

PODOLÁRIO

Estendendo a mão. Podolário Assunção da Ramificação. Meus respeitos, senhora.

MARIA DAS DORES

Vê-se logo que é gente de juízo. E calibre. Não é como a gente de hoje. Esta é Doralice, minha filha que vem terminar o curso de professora aqui. *Para Doralice.* Com gente assim você pode se dar. Aliás, aqui só tem gente direita, gente distinta ... Siga em frente, meu filho, com a benção de Deus, você vai longe!

DORALICE

Mamãe, sem essa! Eu estou em outra.

Podolário olha a retardada mental.

MARIA DAS DORES

Ela é minha filha... Não é boa de cabeça; chama-se Ismênia Tresmalhada.

PODOLÁRIO

Retirando os óculos, tomando os ares de cientista.

Parto prematuro?

MARIA DAS DORES

Prematuro partiu em 1964, tanto assim, que com o chamado de Deus, eu tive que tirar Ismênia da clínica em São Paulo.

PODOLÁRIO

Meio confuso. Ah, ela é de sete meses?

MARIA DAS DORES

Não, senhor, é de nove meses mesmo; nunca tive filho de sete meses, não. Ela ficou assim quando o vento passou.

PODOLÁRIO

O mal não é congênito?

MARIA DAS DORES

Ah! Não sei, porque com o golpe de ar, ela constipou a cabeça e o juízo ficou prejudicado.

PODOLÁRIO

Ela não assimila nada?

MARIA DAS DORES

Eu nunca observei...

DORALICE

Meio encabulada. Há uma espécie de amnésia.

MARIA DAS DORES

Doralice, tenha uma alma para Deus! Como é que você diz que esta pobre criança, que não atina com nada, tem amnésia? Ela nunca teve mania de grandeza, moço.

PODOLÍRIO

Não, minha senhora, não é isto ... Ela já teve sarampo, tifo, febre palustre? Tomou alguma queda quando pequena?

MARIA DAS DORES

Febre paulista ela teve, muitas perebas também: sarampo, capapora ... Uma vicidade de doença como: espinhela caída, ventosidade e papeira.

PODOLÍRIO

Já fez encefalograma? Que outros exames foram feitos?

MARIA DAS DORES

Ah! Ela fez até fotografia da cabeça. Não foi falta de trato, não.

PODOLÍRIO

Não há nenhum foco na cabeça?

MARIA DAS DORES

Não, a cabeça dela não focaliza nada. Isto que a Doralice disse é pura mentira.

DORALICE

Mamãe ...

MARIA DAS DORES

Deixe de ser topetuda, Doralice. Então a gente se esforça, manda você pro colégio, pra você dizer besteiras e desrespeitar os mais velhos – mentir desse jeito? É o fim do mundo!

PODOLÍRIO

Não é hereditário? Quero dizer, não se trata de herança de família?

MARIA DAS DORES

Herança, eles têm. E eu também, graças a Deus. O finado Prematuro deixou tudo no papel; eu sou viúva garantida pelo INPS e meus filhos também têm gado ferrado e terra nas escrituras.

PODOLÍRIO

Não, eu quero saber se há casos de outras pessoas como a Ismênia nos ancestrais, que tiveram as mesmas características de sua debilidade mental, ou se apenas por um trauma qualquer, ou parto demorado.

MARIA DAS DORES

Não, nasceu como um relâmpago! E toda empelicada, era linda... o pai dela tentou de tudo com o médico. Eu estou disposta a ver se é isto que o senhor acabou de dizer: alguém da família que não tivesse a cabeça boa tenha morrido e agora tenha encostado na menina, um espírito perturbado... o senhor é a segunda pessoa que me diz isto. Eu vou no centro espírita “Deus é a verdade”. Me disseram que lá é muito bom e que tem um medium que recebe o espírito de um médico que tem sarado muita gente.

PODOLÍRIO

Minha senhora, eu não disse que tinha algum espírito perturbado em sua filha, eu quis dizer que...

DORALICE

Não adianta você explicar. Mamãe não entende nada.

MARIA DAS DORES

Não me faça fazer o que eu não quero, eu lhe quebro a cara se você der mais uma palavra, quebro aqui na presença do moço. Pois bem, moço, não custa nada tentar, porque mesmo que o espírito não seja perturbado, ele às vezes pensa que está fazendo o bem e está prejudicando. Eu acredito, porque Chico Xavier, que nem sabe ler, quando recebe o espírito de um médico francês, ele fala francês.

PODOLÍRIO

Minha senhora, o estudo da parapsicologia explica isto e tem preocupado muitos cientistas e estudantes interessados no assunto. A parapsicologia é uma ciência muito fina e eu, francamente, estou tateando neste assunto. Por exemplo, quanto à mediunidade...

MARIA DAS DORES

O senhor é médium?! Eu vi logo pelos seus olhos, pela sua cara! Homem sem vícios, hoje em dia, é muito difícil! Deus ilumine sua mente, abençoe sua matéria! Que quando desencarnar, largue o aparelho e encontre luzes para conduzir os que ficam.

PODOLÍRIO

Minha senhora, eu sou materialista convicto; eu sou um homem que acredita na ciência. Na psicologia, na parapsicologia. Entendeu minha senhora?

MARIA DAS DORES

Entendi, sim, senhor. É o espiritismo muito adiantado, elevadíssimo, que trata e cuida das perturbações da cabeça sem limpar a matéria com pipocas, nem banhos de folhas, incenso ou queimação de velas. O senhor recebe inspiração do inconsciente, remexendo as gavetas do perturbado com outras táticas de perguntas, hipnotizando o sujeito, chegando muitas vezes a ter que dar choque elétrico no indivíduo perturbado de nascença, que muitas vezes chega amarrado, depois que toca com eletricidade no juízo, fica manso e sem fala. O que impede de dizer palavão ou dar porradas nos médicos. É muito mais seguro. Sem precisar de guias nem de médium.

PODOLÍRIO

Minha senhora, por favor eu me guio por Pavlov, Sigmund Freud... estes são meus mestres.

MARIA DAS DORES

Ah! Seu guia não é Emanuel nem Caboclo Poty, nem "Seu"

Sete ... Mas também não está descoberto, não... Estes guias do senhor eu não conhecia... conheci até o Dr. Fritz, médico alemão que baixava em Minas.

PODOLÍRIO

Minha senhora, Sigmund Freud, Pavlov, Mira y Lopez, foram homens da ciência, homens de pesquisas que dedicaram suas vidas ao estudo do comportamento humano. Suas reações físicas e psíquicas.

MARIA DAS DORES

Ah! Que benditos homens, que Deus os tenha no seu santo reino. Antigamente tinha gente séria, gente boa. Não vê Buda, Rosa Cruz, Cruz de Caravaca? Tudo gente daquele tempo, só que a seita deles era outra, mas que eram bons, eram! Eu não estou duvidando da sua, não... Mas hoje não existe mais porque os jovens de hoje não querem fazer os sacrifícios que o senhor faz. De jeito nenhum, só tem propaganda. Olhe, eu fui outro dia a uma cartomante, só me disse besteira. Foi só pra eu gastar meu dinheiro.

PODOLÍRIO

Eu gostaria de dispor de mais tempo para conversarmos sobre o caso de Ismênia. Infelizmente não disponho de tempo. Tenho um trabalho de psicologia experimental e dinâmica de grupo para amanhã e a Universidade está uma bagunça tão grande que nem os professores entendem. O termo é "bagunça", uma confusão dos diabos, uma loucura generalizada.

MARIA DAS DORES

É isto mesmo. Estamos, com licença da má palavra, vivendo a era da esculhambação generalizada. É como se o Satanás entrasse e saísse das pessoas sem aviso prévio. Tá lá nas Escrituras! Quando Satanás aparecer em figura de gente, quando filho não respeita pai, é o fim do mundo. Você mesmo viu o que a Doralice acabou de me dizer. Tá lá nas Escrituras Sagradas. Vá, meu filho, vá cuidar de seus estudos. *Podolirio sai e se bate com Tomás.*

TOMÁS

Sigmund Freud encarnou em Podolirio – anda cego e surdo. Vai, Pavlov dos pobrezinhos, vai vomitar sapiência pros incautos mas deixe meus sapatos em paz. Cruzes, que homem mais esquisito! Marocas, bote meu jantar, eu tenho que sair agora, vou assistir ao desfile de penteados, vou fechar como cabeleireiro! Elas estão lindas!...

MAROCAS

Quem é que está linda? Você faz-se de besta! Me respeite, que eu não sou cachorra sem dono. Vou falar com Dona Henriqueta que sua vida é fazer molecagem comigo. Não tou aqui pra desaforo de hospede', não. Eu ganho uma miséria para ouvir xaropada sua! Se eu boto bob no cabelo, se eu espicho o cabelo e boto bob, é porque quero. Não é de sua conta. Bicha Asmática! Vou pedir minha conta e ir embora para meu São Paulo.

TOMÁS

Criatura, você invocou comigo? Eu nem vi que você botou bob no cabelo... Corte essa ... Isole... E eu nunca fui asmático.

MAROCAS

Não isolo, não estou em sua casa. Isole você. De hoje em diante não fale comigo. Quem é você?

TOMÁS

Criatura, você ouviu mal: eu falei que meus manequins estavam lindos! O que é isso Marocas? Está me desconhecendo? Até você?! Sempre lhe tratei com maior carinho. No Domingo não fiz suas unhas? Olhe, Marocas: Eu descobri uma pasta de alisar cabelos maravilhosa. Você quer experimentar?

MAROCAS

Eu sou pobre mas tenho vergonha. Meta sua pasta no rabo!

TOMÁS

Marocas, eu não falo grego... Eu, de maneira nenhuma lhe

destratei. Você é que vive desconfiada, porque aqui só vive gente cafona e mau caráter que se aproveita dos seus serviços, sem lhe dar nem sequer um presente. Eu se fosse você eu ia era ser arrumadeira de hotel de luxo. Lá é que você devia estar recebendo gorjetas de homem de dinheiro, andando “nas pontas” e sendo bem tratada por gente fina. Eu sempre achei isto. Olhe, um dia desses eu vou lhe mostrar... Vou lhe maquilar só pra você ver o que é o trato. Você não está com vontade de ir embora pra São Paulo? Pois eu vou lhe ensinar a pisar, a servir uma mesa, a lidar com gente fina. Bote o jantar que quando eu voltar nós conversaremos melhor.

MAROCAS

Ri de satisfação e se olha. Vou botar o jantar... Eu disse tudo isto, porque fico com raiva. Aqui só tem doido. Seu Calixto é um gigolô. Vai dizer que não é? Dona Ambrozina parece uma bruxa, pensa que é novinha. Dona Maria Caetana, com a tal da comida macabra... Como é mesmo o nome da comida dela?

TOMÁS

Macrobiótica.

MAROCAS

Vive atazanando meu juízo...pra ganhar trinta cruzeiros.
Serve a mesa.

TOMÁS

Marocas, se você quiser vencer na vida, você vence. Elza Soares era empregada doméstica. Ângela Maria, pobre como rato de esgoto... Hoje são famosas. Famosíssimas. Eu sei que serei famosa. Tão famosa como Bornay, como Evandro Castro Lima. *Sonhando, canta.* “Hoje quem me difama, viveu na lama também...” Quando eu for famoso, chamar-me-ei Tamara Pecadora da Sibéria.

MAROCAS

Bonito nome... Só que é muito comprido. Não esqueça de trazer minha pasta...

2º ATO

Sala. Marocas carregando bagagens. Maria Caetana está sentada em posição de ioga, toda vestida de branco com uma rosa na mão, cabelos soltos, sorrindo com suavidade, bastante desligada. Pés descalços.

TOMÁS

Entrando eufórico. Marocas, venha cá. *Beija.* Foi um sucesso: damas da sociedade, cronistas sociais, um cocktail da alta. Esnobei todo mundo. A Senhora Motor Neta estava linda, esnobe, esnobíssima. Fotógrafos, jornalistas... Vou lhe mostrar o jornal, a manchete... Eu aconteci nos jornais, não pensei que os jornais fossem dar tanta cobertura. O penteado que mais abafou foi um denominado "Ninho de Guache", penteado altíssimo. No penteado "Ninho de Guache" eu coloquei um papagaio empalhado com dois colibris dando a impressão de um ninho. No "Torre de Babel" eu coloquei uma trança dando a impressão de andaime. Já ia me esquecendo: em terceiro lugar ficou colocado o penteado "Abelhas Africanas", quem apresentou foi a Senhora Omelete Tebasa; o cabelo dela era cheio de cachinhos, assim como o de Tony Tornado. Marocas, hei de vencer! No quarto lugar ficou o penteado "Arrepio Sensual da Primavera". Me baseei em folhas caindo e galhos secos: eu vi em uma gravura dos Estados Unidos. Quem apresentou foi a Senhora Chamas Pibigás. Leia, Marocas.

MAROCAS

Quer esculhambar, Tomás? Você não sabe que eu sou analfabeta?

TOMÁS

Esqueci, Marocas; eu leio pra você. *Começando a ler.* "Apresentou-se com brilhantismo o famoso cabeleireiro Antonio Tomás Goteira. Exibindo-se com brilhantismo na noite de ontem, sob os aplausos da sociedade presente, num ambiente requintado, encontrando-se presentes damas da alta sociedade e várias autoridades, pessoas de destaque da nossa sociedade dando o toque de bom gosto e requinte". Ouviu bem,

Marocas? "Bom gosto e requinte": Requinte! *Continua a ler.* "Antonio Tomás Goteira, parabéns, siga em frente": Puxa, Marocas, é o que eu lhe digo. Agora eu pego a freguesia da alta, faço melhoramentos em meu salão, boto música, ar refrigerado, encomendo perucas orientais, pássaros empalhados. É só distribuir cartões. Depois sigo para o sul. Preciso me mudar daqui o quanto antes, vou mandar imprimir cartões e não quero cartão meu com este endereço: "Pique de Índio ou Espingarda de Caramuru". Que mau gosto! Cafonice em dose cavalari! *Olha as malas.* De quem é essa bagagem? Quem é o próximo paciente? Já sabe que se tem de dormir de guarda-chuva aberto? Já sabe que a sobremesa daqui é banana d'água? Que papel higiênico, é jornal? *Olha para Maria Caetana.* Morreu como Buda! Está procurando o nirvana, cuidando do espírito, castigando a matéria! Sou capaz de apostar que é a maior ave trepadeira do paraíso! Nunca me engano... Não come carne, não come carne... de boi nem de porco, mas outras carnes ela come mais do que índio da Transamazônica. Isola três vezes!

MAROCAS

A bagagem é da moça que vem estudar para professora. Vem terminar os estudos aqui. Ela tem dinheiro, Tomás; é filha de fazendeiro...

DORALICE

Vem entrando, vestida com mau gosto. Bom dia!

TOMÁS

Examinando-a com discreção. Bom dia! Vem morar conosco?

DORALICE

Venho, sim senhor... Venho terminar os estudos aqui, porque o interior é muito atrasado. Não tem rapaz. Nem televisão... É horrível e eu quero aprender a andar direito, entrar e sair sem fazer vergonha nem sentir. *Olha para Maria Caetana.*

TOMÁS

Explica. Maria Caetana Atrás do Trio Elétrico. Ela é ioga e macrobiótica. Está em concentração para domínio do corpo e da mente. Anda cheia de coisas na cabeça: é uma filosofia oriental. Uma coroa enxuta como ela... Devia era andar nas pontas. Com os cabelos que ela tem, a altura e o porte, era pra ser manequim ou ter um cacho com um industrial. Na Europa, ela ia abafar! Não estou desfazendo da filosofia, não, porque os orientais são sábios. Eu leio e sei... Mas acho um desperdício da matéria... Deus me perdoe! *Bate na boca.* Os cabelos dela estão ressecadíssimos. Olhe, você está certa: vem se melhorar, tomar traquejo social. Você vai entrar na Socila?

DORALICE

O que é isso de Socila?

TOMÁS

É um lugar onde você aprende boas maneiras, a falar bem, vestir bem, se maquiar bem, servir-se bem numa mesa: ética, entende? Tem ginástica, sauna, dicção, estética facial, uma infinidade de coisas para ser uma perfeita dama!

MAROCAS

Em minha terra não se precisa nada disso para ser mulher dama. Quem tem tempo faz colher e borda o cabo.

DORALICE

Vou falar com D. Henriqueta e se ela combinar, eu entro, mãe paga.

TOMÁS

Ih! Nem fale. Ela é a mulher mais cafona do mundo; de um mau gosto! ... Quadrada, fuleira... Imagine você que ela bota todas as jóias que possui no mesmo dia, em momentos mais inadequados. Veja as sobrancelhas dela, parece de vampira da meia-noite! O marido dela, nem se fala, usa umas bermudas que parecem as ceroulas de meu avô; só faltam os pompons. Eu

vou botar Marocas nas pontas; vou ensinar a dançar danças finas. Porque Marocas vai embora pra São Paulo, talvez até comigo. Eu ponho como minha governanta. Não é, Marocas?

MAROCAS

Eu lhe governar? Você é o sujeito mais desgovernado que eu conheço. Só se for a polícia. Quem sou eu...

DORALICE

Se o senhor sabe dar traquejo, podia me ajudar...

TOMÁS

Seu cabelo eu lhe garanto que mudo e até hoje se você quiser... Leia isto aqui, leia só pra você ver. *Dá o jornal pra Doralice.* *Doralice pega o jornal, começa a ler, Tomás interrompe.* Os seus sapatos têm os saltos muitos finos, não estão na moda, sua saia curta está muito por fora. *Doralice tenta encobrir.*

DORALICE

Vou comprar tudo novo... Se o senhor quiser me ajudar a escolher, eu fico muito grata.

TOMÁS

Vou lhe deixar nas pontas!

MAROCAS

Se for como a pasta que prometeu para meu cabelo, espere sentada. Vou levar as malas, depois pego os embrulhos.

TOMÁS

Vá e volte logo, criatura, vamos aproveitar que aqui só tem Maria Caetana entrando em comunhão com o além... Vou trazer meu toca-disco. Vou lhe ensinar a dançar. *Olha para Maria Caetana.* Está muito na dela! É isto mesmo, minha filha, fique na sua.

Marocas continua carregando bagagens. Tomás vai apagar o toca-disco. Doralice fica olhando a sala e observando Maria Caetana. Tomás volta com o toca-disco e um disco de Gal Costa "London, London". Coloca no toca-disco, Marocas vem entrando. Tomás manda calçar um sapato alto.

MAROCAS

Com sapato alto. Estou bonita Tomás?

TOMÁS

Isto, Marocas. Convidando para dançar. Senhorita, vamos dançar?

MAROCAS

Precisa isto de "Senhorita", Tomás?

TOMÁS

Precisa sim. É como se eu fosse um estranho; nada de intimidades; acima de tudo está a cerimônia. Renova o convite. Ensina como deve pegar o cavalheiro. Olhe Marocas, mão no pescoço do cavalheiro, encoste o corpo muito de leve, deixe que os pés sigam o ritmo da música. Use a cabeça, Marocas. Marocas começa a rodar a cabeça. Marocas, quer parar com a cabeça?

MAROCAS

Você, uma hora diz que é os pés, outra hora: "Marocas, use a cabeça" Não estou entendendo mais nada...

TOMÁS

Marocas, quando eu digo "use a cabeça", eu quero dizer que a cabeça é quem comanda o corpo. Não é pra você balançar a cabeça não, entendeu? Coisa mais vulgar...

MAROCAS

Seu Tomás, eu sempre tive vontade de dançar, nunca deixaram. Minha madrinha me botou pra ser filha de Maria; quem é filha de Maria não pode dançar. Eu achava o "swing" lindo!

TOMÁS

Você é filha de Maria, Marocas?

MAROCAS

Muito triste. Não, mas já fui. O padre me tirou da irmandade quando eu me perdi com o cabo do destacamento de lá!

TOMÁS

A cidade era grande? Ri.

MAROCAS

Não, só tinha a Praça da Bandeira, a rua da Frente e a rua do Cavalo Morto, a zona de mulher dama; sabe Tomás, foi lá que eu me perdi. O cabo disse que ia casar comigo, me deixou de barriga, pediu mudança do destacamento de lá. Minha madrinha disse que não queria mulher dama na casa dela, me deu uma surra, eu perdi o menino. O padre soube e tirou a fita de meu pescoço. Eu fiquei com tanta vergonha que vim embora... Já faz seis anos que eu me perdi.

TOMÁS

Numa cidade tão pequena, você se perdeu? Sem bússola não deve andar Marocas, por pequena que seja a cidade. Todas as moças devem andar sempre com suas bússolas para evitar erro de rota. Ri. Olhe, Marocas, você não se perdeu coisa nenhuma! Eu acho sexo tão salutar! Pare de contar sua vida. Desliga o toca-disco. Falando você não consegue prestar atenção. É para dançar calada, pensando só na música, entende? Se a gente pensar em todas as mancadas que já deu na vida e que vai dar, se pensar em todas as frustrações e no mau caráter dos cabos que já encontrou, a gente acaba dando um tiro na cabeça... ou na bunda! Ri. Ou na maldita bunda! Passa a mão na dita. Pense na música, pense que você está debutando com o seu príncipe encantado! Vamos, Marocas. A vida é uma dança...

MAROCAS

O que é debutar, Tomás? Você sabe das coisas...

TOMÁS

Debutar é completar quinze anos, receber uma rosa, dançar uma valsa, ser apresentado à sociedade, sonhar com vida nova – para a platéia – e acabar na merda!

MAROCAS

Foi exatamente com quinze anos que conheci o cabo e depois me tomaram a fita de filha de Maria.

TOMÁS

Pra evitar que tudo faça lembrar a fita e o cabo, faça de conta que você nasceu hoje. Vou ligar o toca-disco, tá? Ouça a música e sonhe calada.

Marocas fecha os olhos, sai dançando; no início desajeitada, dança leve e graciosa. Terminada a música ela pede para bisar. Bate palmas e ri como uma criança.

TOMÁS

Orgulhoso, dá uma palmadinha na bunda de Marocas. Viu, sua cachorra, como é fácil? Você é inteligente, leve e sensual.

MAROCAS

Eu, sem sal, Tomás? Mas eu gostei de fechar os olhos e pensar que eu era gente de família e que soprava um ventinho tão bom!

TOMÁS

Marocas, você hoje tá cheia de conversa besta... Quer entrar na fossa, entre sozinha ... Todo mundo é família e isto é que é o pior.

MAROCAS

Eu nunca contei nada disto pra ninguém ... Só a você, Tomás.

Tomás abraça Marocas, sai dançando de rosto colado.

MAROCAS

Deixe de ser sem-vergonha, seu Tomás! Não precisa apertar deste jeito.

TOMÁS

Sem essa, Marocas. Do que você gosta, eu também gosto. Do que você precisa, eu também preciso. De onde você saiu, eu também saí. Eu também tomei uma surra... Só que não adiantou nada. Só não tomaram a fita porque eu não pertencia a nenhuma congregação. Por que... Você quer que eu lhe diga a verdade? Eu acho os padres os maiores ripos do mundo! Eles não trabalham e vivem muito bem. Além do mais, padre dá azar! Eu já estudei em colégio de padre e sei. Vem daí meu ódio por padre; eu tenho é nojo! ... Imagine você um padre trabalhar... eu nunca vi uma roupa costurada por um padre. Você já viu um padre ferreiro? Você já viu um padre médico? Ferreiro, marceneiro, barbeiro, engenheiro, alfaiate? Não tem, Marocas; mas lhe garanto uma coisa, nunca vi um com fome! Pois bem, Marocas, meu pai era da Irmandade das Almas; contribuía com dinheiro pras almas fazerem não sei o que com o dinheiro... O padre da Paróquia mancomunado com beatas encubadas e enrustidas, despeitadas, insuflaram meus pais de tal modo, dizendo que eu era a ovelha negra da família, que eu tive que vir embora pra meu pai não morrer de vergonha. O puto do sacristão começou me chamando de ovelha desgarrada. Agora, Marocas, imagine que o viado do sacristão, cafona, nojentão disse ao padre que eu era indigno de pegar no andor da procissão! Imagine se eu gosto de pegar em andor. Chegou a tal ponto o despeito do clero comigo ... Mas eu jurei só voltar lá com dinheiro nos bolsos, aí então, a coisa muda de figura e na inauguração de meu salão, nos desfiles de penteados, se eu quiser, o padre joga água benta nos penteados, só que eu não quero. Eu prefiro laquê ... O sacristão vem com o turíbulo incensar os manequins, ora se vê? Vamos deixar isto lá. Vamos cuidar de dançar até você aprender a flutuar como um cisne no

lago. Depois eu quero ensinar você a tomar uns drinks, bater os copinhos um no outro, como faz gente distinta. Vai ser divino maravilhoso! Ah! Que boa idéia teve Dona Henriqueta, que idéia luminar! Ao comprar a chácara “Luar do Sertão”, de sexta a domingo de noite estamos como donos disto aqui. Calixto, gigolô profissional desempenha seu árduo papel da mais bela profissão “del hombre”, dando assistência técnica permanentemente à sua esposa. Com a barriga cheia de feijoada e cerveja, contempla o vôo dos canários e dos urubus. Vai morrer de infarto, você vai ver! Dona Henriqueta Severa Penteadado, vaca velha holandesa.

DORALICE

Vou tomar banho e trocar uma roupa mais composta.

TOMÁS

Espere, você entendeu mal, quando eu disse que sua roupa está por fora, eu apenas quis dizer “demodée”. Fora de moda. Por mim, minha filha, você pode mostrar o Oceano Atlântico! Marocas, vai buscar aquela batida de limão e dois copos. Vou lhe ensinar a tomar drink agora. “Não deixe para amanhã o que se pode fazer hoje”. *Marocas vai buscar a bebida.*

TOMÁS

Olha Maria Caetana imóvel. Isso, minha filha, morra; tenha orgasmo, entre em putrefação. Fale com os anjos, dê recado de Ambrozina pra Jacinto. Fique na sua. Por mim, você apodrece.

MAROCAS

Voltando com a bebida e os copos. Tomás, eu nunca bebi “Tou Virgem”.

TOMÁS

Criatura, eu não vou lhe iniciar em cachaça não. O que eu quero é lhe ensinar a participar de reunião social, tomar um drink, fumar um cigarro. *À parte.* Ah! Se eu tivesse uma piteira.

Serve o drink, ensina a bater copos. Convida Marocas para dançar, de repente interrompe o toca-disco. Você já aprendeu esta. Vamos sentar um pouquinho, depois eu mudo o disco e vamos dançar um puladinho... Não, melhor uma valsa de Viena, tanto porque você está iniciando seus primeiros passos, como porque o romantismo está voltando. Ah! É lindo, Marocas, um salão podre de chic e gente da alta rodopiando. É a nobreza que se diverte. Ambos bebem até ficarem altos. Voltam a dançar. Marocas está rindo alto. Marocas, não ria alto que é vulgaridade, apenas mantenha um sorriso de felicidade, um sorriso angelical, enigmático... A música está altíssima. O telefone toca. Tomás conduz a dama pelo braço, faz sentar com toda cerimônia e vai atender o telefone. Alô! Diga, minha senhora. Repete o número. Parar a música? Criança pequena? A senhora com dor de cabeça? Escute aqui minha senhora, não venha ofendendo não. Isto aqui é um hotel de primeira classe... A senhora está equivocada ... Aqui é o Hotel Pique dos Índios ou A Espingarda de Caramuru de propriedade de Dona Henriqueta Severo Penteadado, ouviu bem? Eu tenho uma sugestão: não se preocupe – a criança pequena vai crescer... Eu também já fui criança ... Sua dor de cabeça? Tome um comprimido qualquer ... Sabe de uma coisa? Não vou parar a festinha não, sua desajustada social! ... Pode falar com seu maridinho... Diga que meu nome é Tâmara Pecadora da Sibéria, antigo Antonio Tomás Goteira.

MAROCAS

O que foi, Tomás?

TOMÁS

Uma despeitada querendo que eu baixe a música. Vamos dançar, Marocas. Ela que se dane ... *Estão dançando quando entra Doralice enrolada na toalha.*

DORALICE

Gritando. Socorro, socorro, pelo amor de Deus. Passou bem por cima de mim, voou bem em minha barriga...

TOMÁS

Larga a dama, sobe na mesa e pede. Marocas, mata, criatura! Vai lá! Ai, eu morro de medo e nojo; ai, pelo amor de Deus, eu não quero nem ver. Era grande, Doralice?

DORALICE

Nunca vi um rato tão grande!

TOMÁS

Criatura, você quase me mata de susto! Eu pensei que era uma barata. Eu tenho horror a barata... Precisava fazer um escândalo deste? Cruzes! Por que é que mulher tem tanto medo de rato? Pois então você não pode ficar aqui, porque tem rato maior do que o tigre da Esso. Olha só Marocas!

MAROCAS

Entrando com uma vassoura na mão. Matei e agora mato um a um. Quantos aparecerem em minha frente. Mato qualquer hora.

PODOLÍRIO

Entrando. Vê Tomás em cima da mesa e não entende nada. Maria Caetana, imóvel, sentada no chão. Doralice embrulhada na toalha dando risadas estrondosas. Olha tudo em volta. Eu sou um impotente diante desta loucura coletiva. Eu sou um impotente.

TOMÁS

Descendo da mesa. Eu já desconfiava... Esta apatia sua, este amor à ciência, este desprezo por todos nós... Pra mim não foi surpresa. Podolório Assunção da Ramificação, discípulo direto de Sigmund Freud e Pavlov, é um impotente! Puxa, o que é a vida... Faça psicanálise de grupo que você fica bom. Faça, faça! É o que há de mais chic.

3º ATO

Sala. Senhor Calixto sentado em frente à gaiola. Dona Henriqueta sentada diante do televisor, assistindo novela e sentindo todas as emoções. De vez em quando, vira-se para o marido e comenta:

HENRIQUETA

Viu que mau caráter? Isso, Jerônimo, dá nêle. Coitadinha de Potira. Quando João Coragem chegar acaba toda a confusão ... Delegado corrupto.

CALIXTO

Distraído com o pássaro. Quem, Tomás?

HENRIQUETA

Não, Calixto, estou falando da novela. Oh, lá vem os comerciais ... Iiiih, eu queria ver tudo logo. Quando o capítulo está no melhor, a novela acaba. *Levantando-se.* Marocas, venha cá. Marocas, eu preciso ter uma conversa com você.

MAROCAS

Pode falar, Dona Henriqueta.

HENRIQUETA

Eu quero saber a respeito de uma confusão que houve aqui na minha ausência, quando fui passar o fim de semana na "Luar do Sertão". Francamente, estou aborrecidíssima e quero uma explicação plausível para atos desta natureza. Em minha ausência, atos indignos e chocantes que a vizinhança já deve ter tomado conhecimento. O que é bem pior. Deixei você como pessoa da minha inteira confiança para zelar pela casa, e não entendo como você consentiu e participou de atos não só indecorosos como violentos. A quem pretendia matar e por que? Você usando uma vassoura, agredia aos brados dizendo: "Eu mato quantos apareçam em minha frente". Eu quero saber por que Doralice inteiramente nua, embrulhada numa toalha, dando gargalhadas vulgares. Tomás Goteira em cima de uma

mesa, fazendo comícios. Doralice é uma criança de menor e sob a minha custódia e o ato que você praticou, mancomunada com o Tomás, é corrupção de menores. O que mais me admira é Dona Maria Caetana, sentada a um canto do chão, assistindo tudo com um sorriso nos lábios, como se nada tivesse acontecendo. Nunca pensei que vocês fossem capazes de desrespeitar meu domicílio, aproveitando-se de minha confiança. Enxovalhando meu lar, o nome de meu hotel. Já pensou se a imprensa fizesse uma manchete, exagerados como são os jornalistas? Eles fariam toda minha ruína somente com o título do artigo "Sujeira na Espingarda de Caramuru". Aí, então, adeus turistas. Seria o caos total. Hoje mesmo farei uma reunião, às dez horas. Depois da novela "O Cafona". Daqui não sai ninguém. Declaro estado de sítio, nem entra estranhos, nem sai hóspede a pretexto de nada, ouviu bem? Avise-os. *Fala sozinha*. Eu considero um ultraje ao "Pique dos Índios", hotel exclusivamente familiar. Calixto, de hoje em diante, você não veste mais bermudas, a não ser no "Luar do Sertão". É preciso ter pulso. Se não fosse o jovem Podolório da Ramificação, eu estaria inocente.

MAROCAS

Dona Henriqueta, envenenaram tudo.

HENRIQUETA

A água também? Quem envenenou? Por que veneno?

MAROCAS

Puxa, como é o mundo... Ninguém envenenou nada de comer não, Dona Henriqueta. Envenenaram foi a conversa que lhe contaram. Tudo mentira. Podolório vai provar tudo, tudo. Aquele impotente.

HENRIQUETA

Marocas, tenha pudor, eu quero respeito, não só comigo, como para Podolório. Você acabou de chamá-lo de impotente.

MAROCAS

Foi ele mesmo que disse na vista de todo mundo que era impotente, pergunte a Tomás e a Doralice se ele não disse: "eu sou um impotente, de que valem minhas pesquisas se sou um impotente".

HENRIQUETA

Decepcionada. Calixto, Podolório é impotente!

MAROCAS

Sacudindo o avental. Tomás vem entrando com um embrulho. Tomás, nem vem com esta cara de alegria.

TOMÁS

Você deixa eu ser alegre?

MAROCAS

Tomás, aqui está uma confusão dos diabos. Dona Henriqueta quer fazer uma reunião depois da novela do cafona. Disse que aqui não entra nem sai ninguém. Tudo porque, no dia que ela foi para a tal chácara, nós ficamos dançando e Dona Maria Caetana, parada.

TOMÁS

Ela queria que Maria Caetana dançasse? ... Se ela não gosta ...

MAROCAS

Tomás, não é nada disso. É porque ela consentiu e também porque Doralice estava embrulhada numa toalha aqui na sala e porque ela me deixou tomando conta da casa e disse: "Você mancomunada com Tomás, corrompendo gente de menor e acho que ... ah, sob a minha custódia ... e que os jornais podiam saber e fazer uma manchete desrespeitando a "Espingarda de Caramuru"... que enxovalha o domicílio lá dela...

TOMÁS

O que criatura? Quem enxovalha a Espingarda do Caramuru

são as goteiras quando chove. Ô Marocas, você foi bater com a língua nos dentes, contar que eu estou lhe dando aulas de dança? Doralice enrolada numa toalha de banho na sala, porque ela não tem coragem de comprar inseticida para os ratos. Se fosse eu, se uma barata caísse em mim, eu corria era nu. Tinha que você contar nada, Marocas? Você é muito mal agradecida. A minha intenção era fazer você gente. Eu sou fracassada.

MAROCAS

Quem contou foi Doutor Podolírio da Ramificação.

TOMÁS

Ah! Foi aquele enrustido, despeitado, que se desnudou diante de todos nós. Desabafou dizendo: "Eu sou um impotente" e agora está botando banca. Na certa se arrependeu. Se arrependeu porque não se aceita. Mas não adianta, porque o importante é o que a gente é. Mas eu desmascaro eles todos, eu não mexo com ninguém, mas bolii comigo, é fogo. Vou dizer tudo que eu sinto, porque morando aqui, estou é prestigiando a Espingarda de Caramuru.

MAROCAS

Tomás, quem é Caramuru? Eu ouço tanto falar nele ...

TOMÁS

Criatura, você pensa que eu sou enciclopédia, é?

MAROCAS

Eu nunca disse que você é fofoqueiro, muito menos lhe chamei de Enciclopédia. Quem lhe disse vai provar.

TOMÁS

Ri. Nada, Marocas, deixa eu ver se posso lhe dizer quem era Caramuru. O que você quer saber é história... Eu dei no colégio. O padre falou tanto que eu peguei de ouvido, porque em verdade eu era péssimo aluno. Nunca abri um livro a não ser para olhar as gravuras. Olhe, em História, há muitas contro-

vérsias, mas de acordo com o grande historiador Antonio Marcelino, a trama foi a seguinte: Você já ouviu falar em piratas? Pois bem, olhe Marocas, eu nem sei como começar porque as palavras não exprimem muita coisa ... Ah! Já sei... Uns fanáticos por pesca e madeira, em fins de semana saíam em seus barquinhos a navegar. Vicente Celestino até fez uma música assim: "Corria um barco em alto mar/ e ouço ao longe uma sereia/ a assim cantar/ Onde estará meu grande amor?". Pois bem, já estava divagando ... mas história é assim mesmo. Tem relação com todas as matérias: um fato está ligado a outro; ela sempre se repete; entra geografia, política, sociologia. A geografia está ligada, ou melhor, entra topografia. Você sabe o que é topografia Marocas?

MAROCAS

Não senhor.

TOMÁS

Marocas, este fato dos anais da história lhe interessa de fato? Você acha que modifica sua vida?

MAROCAS

Não precisava me dizer o que é topografia, não; basta dizer sobre Caramuru.

TOMÁS

Marocas, em história, ou você localiza tudo ou não adianta. Ou você pensa que eu não sei o que é topografia? Topografia, Marocas, é o levantamento das terras sejam baldias ou habitadas, sejam planas ou montanhosas; se não fosse a montanha, o que seria de Maomé? Maomé sem montanha já era. Pois bem, falando de topografia, eu quero lhe facilitar as localizações dos atos e fatos acontecidos, começando pela orla marítima, passou pelo terminal da Barroquinha, subiu e foi parar na Joana Angélica, matando um e ferindo vários. Negócio foi o seguinte: Num domingo ensolarado, o cacique estava tomando banho de mar nas imediações do Largo da Mariquita, ali no

Rio Vermelho, e outros índios faziam samba de roda no abrigo, tomando umas biritas, quando de repente, parou um barquinho e saltou um senhor respeitoso e, em língua desconhecida, disse: “vistam-se todas”. Uma sirigaita de uma índia tentou apaziguar e paquerar o senhor e fez-se de sua conhecida, abrindo os braços e disse: Caramuru, até tu?... Mas, acontece que a índia disse em tupi-guarani e o cara não sacou nada, tirou onda de macho pra cima do cacique. O cacique já estava pirado e muito louco falou: “Quem és tu, pepino roxo, pra não comer sua rodinha?” Caramuru disse: “You is the end” que traduzido quer dizer: “Você é o fim!”. Puxou a espingarda, deu dois tiros para cima. Os índios perderam a chave, viram que levaram a pior e saíram picados a galope. Num fôlego só atingiram o Terminal da Barroquinha, aí então os navegadores perderam os índios de vista. O que é muito natural; eles não conheciam a topografia da cidade... Os índios ganharam terreno e foram sair na Joana Angélica ... Agora é que vem a transa: pelas imediações passava uma santa irmã de caridade e viu os índios passando, pulando, com tanta plumagem, com tanta pintura, pensou, e era muito natural que pensasse, que eram os “Apaches do Tororó”. Vinha um cupincha do dono do barquinho e mandou um tiro, a freira levou a zorra na caixa dos peitos e estava irremediavelmente morta para o resto da vida.

MAROCAS

O que é a vida... Ela que não tinha nada a ver com o caso entrou no bolo. Agora, Tomás, eu não entendo por que Dona Henriqueta botou o nome deste cara no hotel...

TOMÁS

Porque a genitora dela assistiu tudo da balastrada, estava passeando com Dona Henriqueta, que completava quinze anos naquele dia. As duas saíram correndo e Henriquetinha perdeu um pé de sapato. Calixto viu e apanhou e foi levá-lo na residência das mesmas. Foi assim que eles se conheceram. Só que isto não consta nos anais da história.

MAROCAS

O que é o mundo ... Por causa de um pé de sapato perdido, ela se casou, eu me perdi e não deu em nada e tinha quinze anos também.

TOMÁS

Podolírio, o Doutor Podolírio da Ramificação está aí, Marocas?

MAROCAS

Não sei.

TOMÁS

Hoje vai ter nesta santa casa, eu já queria mesmo sair ... Você vai ver, Marocas, tiro a máscara de todos eles. Você vai sair daqui comigo, e não duvide que eu bote no jornal que os quartos daqui são divididos por tabique, o que me facilitou ser testemunha ocular de muita coisa que hoje sei. Amigos jornalistas, eu tenho. Ela vai ver a manchete. Tomás Goteira denuncia o tabique da Espingarda de compensado. É proibido pela lei.

MAROCAS

Você entende de lei também?

TOMÁS

Tá lá na Constituição. Vê quem tem olhos para ver. Estou muito na minha, Marocas. Fique na sua. Se ela quer o “Pique dos Índios” limpo, eu vou limpar essa estória de que Doralice é moça de menor. Já era! Foi caco de cabaço por toda orla marítima. Eu não corrompi ninguém. Logo eu, corromper mulher... Isola; corta essa.

AMBROZINA

Solfejando “Mme. Butterfly”. Tomás, faça o favor, leia este poeminha que fiz, eu vou publicar nos jornais.

TOMÁS

Quer que eu peça para publicar? Eu vou levar uma matéria para um jornalista amigo meu. Vou escrever a crônica hoje e pode muito bem terminar com os seus versos. Não é, Marocas?

AMBROZINA

Pegando o poema. Eu mesma leio. Lendo.

Voa Colibri, voa
denuncia ao infinito
uma dor incontida
lava a saudade do meu peito
vai, bem-te-vi, com o seu canto
espalhar a minha angústia
descobrir a dor oculta
deixe que eu lave o meu peito
vê se diz para Jacinto
toda a dor que ora sinto
a vida que sou prisioneira
diga, por Deus, que não minto. *Chora.*

TOMÁS

Abraçando Ambrozina e limpando as lágrimas. Lindo e ótimo para a minha crônica intitulada "Denúncia". Eu sempre achei a senhora um gênio de sensibilidade acima do normal. A senhora não devia morar aqui entre gente rude que não sabe dar valor a nada, a não ser fofoca e dinheiro.

MAROCAS

Pegando nos poemas. Tão bonitinhos... Pena que eu não sabia ler para copiar.

AMBROZINA

Gostou mesmo, Tomás? Vê-se que você é um jovem sensível e despojado de bens materiais. O que mais lhe tocou nos versinhos?

TOMÁS

"Voa colibri, voa... denuncia ao infinito". Exatamente o que eu penso, esse "Deixe que eu lave o meu peito" é demais... Eu me amarrei em teus versos. Pôxa, Ambrozina. *Consertando.* Dona Ambrozina, desculpe tê-la chamado Ambrozina... É porque neste instante somos um só, há tanta identificação *Abraçando-a.*

AMBROZINA

Tomás, eu já fui jovem.

TOMÁS

Para a platéia. Não tem quem diga.

AMBROZINA

Sabe? Quando a gente é jovem, é bonito porque a gente é alegre, não conhece as desilusões e amarguras que a vida nos reserva. Sabe, Tomás, meu filho, eu tocava piano, dedilhava de olhos fechados as sonatas de Beethoven e Bach. Você gosta de Bach?

TOMÁS

Ora, se gosto. Poesia, música, pintura, enfim, arte em geral. Agora, bar mesmo só se for requintado. Não sou chegado a inferninhos, não. Iiih, como me irrita pessoas vazias sentadas em mesa de bar para dar evasão ao seu ego, entregando-se à bebidas, fugindo do seu "eu", como se o álcool resolvesse os problemas. O negócio é viver sua solidão ou então se dar a algo ou alguém, pois é dando que se recebe. Nem que seja um coice...

AMBROZINA

Isso mesmo. Dar-se a algo como à música por exemplo. Eu tenho até um versinho que diz: "Dei-lhe uma rosa/ você não aceitou/ desprezando meu coração/ asseguro-lhe que errou/ meu coração espetado/ despedaçado ficou" *Para Tomás.* Tomás, quais são os seus poetas preferidos?

TOMÁS

De Cuica de Santo Amaro a Catulo da Paixão Cearense.

AMBROZINA

A caneta dele ... A rima dele ... Era grande ... Cuica, eu não conheço.

TOMÁS

Catulo, divina caneta. Cuica, ah! Divinos versos ... Que deram dor de cabeça em muita família. Em seu poema: "O amor impossível ou o Homem que engoliu um caminhão" ele mostra o sacrifício do "l'amour, toujours l'amour". Estamos conversados. Ambrozina, dê-me seus poemas, depois de amanhã estarão nos jornais da Bahia. O que é bonito pertence ao povo. E como diz Valdick Soriano, em sua linda canção: "Muito obrigado meus amigos. A voz do povo é a voz de Deus".

AMBROZINA

Emocionadíssima. Eu nunca publiquei nada, nem um poema. Apenas declamo em festas escolares e aniversários de amigos ou lá mesmo no Conservatório para meus alunos. Declamar, para mim, é uma necessidade, um desabafo d'alma, onde trago um pranto incontido.

TOMÁS

Obra muito mal. *Pega no nariz de Ambrozina.* Egoistinha, joga tudo em cima destes desgraçados. Deixe comigo. Vou levar minha crônica e seu poema, aí então, estaremos juntos. Eu também nunca tinha publicado minhas crônicas, que egoísta fui!

MAROCAS

Tomás, dá licença? Vou dar o recado de Dona Henriqueta para Dona Ambrozina.

AMBROZINA

Já sei, amanhã eles comemoram aniversário de casamento...

Há quantos anos estão ligados pelo laço matrimonial em nome de Deus e do amor. Eu creio no amor ... *Cantarola.* "Creio em ti"...

MAROCAS

Nada disso não. Ela disse que vai limpar o hotel, acabar com toda a sujeira antes que fique tarde e ela perca os turistas. Por causa dos jornais e da vizinhança. E que depois da novela do Cafona quer todo mundo presente para a explicação ou participação ... Um negócio assim.

AMBROZINA

Hoje é o último dia da novela? Ah!, eu fico toda arrepiada de emoção. Gilberto apaixonado por Beatriz. Shirley morrendo de amor por Gilberto. O desencontro do amor. É como diz Vinícius, em um dos seus belíssimos poemas: "A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida". Não vê meu caso? Um trilho de trem me rouba a felicidade arrebatando meu Jacinto, faltando apenas quatro meses para o enlace matrimonial. Adeus amor. Adeus, Jacinto.

TOMÁS

À parte. Que Deus o tenha. Foi melhor assim Dona Ambrozina. O homem não acaba com a morte, o amor é eterno, a lembrança é perpétua, Jacinto toma vida em seus versos, em sua música, no luar, na estrela que brilha, em sua castidade reservada para ele. Não é assim?

AMBROZINA

Nunca antes uma pessoa havia me falado assim como você. Foi um conforto, um bálsamo... É como se Jacinto falasse pelos seus lábios.

TOMÁS

Corta essa. Quero dizer, deixe de lamentar Jacinto como morto: veja-o com vida, estreitando-lhe em seus braços. *À parte.* Lá ele.

AMBROZINA

Tomás, o aniversário de casamento de Henriqueta sempre foi festejado com pompas; ela limpava esta casa toda, decorava e, ao som da valsa, banhada pelo vinho, víamos o sol nascer. Tenho certeza que depois da novela, irá fazer convite a todos nós para participar de sua festa. A fina flor da sociedade se fará presente com vestidos de baile e jóias. Você vai ver se não é o que lhe digo.

TOMÁS

Tomara que seja. Porque temos notícias desagradáveis. Que Deus ilumine a cuca dela em boa hora. Eu não sou mole, minha língua é respeitada.

AMBROZINA

Meio confusa. O quê?

TOMÁS

Quero dizer, a gente já está farto de monotonia, das mesmas coisas e tudo parado. Quer que seja franco? Eu hoje quero só coisa pra frente, botar tudo pra fora sem rodeios. Assim, por exemplo, quem declama, declama, no meu caso de crônica eu leio, tiro ferrugem da minha língua, deixo-os todos perplexos, entende? ... Emocionadíssimos e, por que não dizer, arrasados? Fazendo exame de consciência e encontrando uma solução plausível. E respeitando a arte, seja ela qual for, até cabeleireiro, entendeu, Dona Ambrozina? Por que ainda acho que o sujeito é cego, doido ou besta?

AMBROZINA

Tomás, de agora em diante, serei uma eterna admiradora sua. Com licença, vou tomar banho e trocar a roupa para a reunião.

TOMÁS

Marocas, hoje dá jegue em ondas curtas neste hotel. Sem essa de "Seja como o sândalo que perfuma o machado que o fere". Vou trocar os sapatos.

MAROCAS

Vá, Tomás, acho que já avisei a todo mundo.

Black.

Dona Henriqueta, cercada por todos os hóspedes. Calixto de gravata e paletó. Maria Caetana, sentada no chão, pois todas as poltronas estão ocupadas. Começa a tomar posição de ioga, entra em outro mundo.

HENRIQUETA

Olha todos com solenidade, pigarreia, examina Tomás, que está de cabeça bem erguida e batendo os dedos no joelho. No recinto falta Podolírio. Esta reunião tem como finalidade esclarecer um fato, porque roupa suja se lava em casa. Infelizmente, o Senhor Podolírio não está presente, o que dificulta um pouco os entendimentos.

TOMÁS

Eu acho que só devia começar com ele presente, porque em minha cara, ele não vai dizer todas aquelas injúrias que disse de mim nem de Dona Maria Caetana, nem de Marocas, porque eu corto a dele na hora, ouviu bem, Dona Henriqueta? Ele nunca deveria dizer que eu enxovalho a Espingarda de Caramuru... Eu sempre respeitei. Agora, ele vive dizendo que Dona Ambrozina é uma maníaca depressiva, que Dona Maria Caetana é mística, tarada sexual, que seu Calixto é um preguiçoso, é o que se chama vulgarmente de gigolô. E que a senhora é uma mulher que só acredita no dinheiro e que por tudo isso vive em simbiose com o Senhor Calixto, e que a psicologia explica isso. Agora, eu muito me admiro da senhora, uma criatura de formação moral, ilibada, ter se deixado levar por Podolírio, um impotente sexual, que vive a fazer laboratório em seu hotel. Ele mesmo confessou que era impotente, no entanto eu não espalhei; eu compreendi a fraqueza dele. A senhora, uma pessoa de família tradicional, como é a família Severo Penteadado, não devia deixar-se levar por uma língua de trapo,

um deformado de personalidade que vive transferindo os defeitos dele e, em nome da ciência, bisbilhotando e rotulando seres humanos. Se eu fosse falar, eu falava, se eu quisesse enxovalhar ou fechar o seu hotel, eu denunciava as divisões feitas de tabique, o que a senhora sabe que é proibido, não sabe? Era só chamar um fiscal e pronto. Agora, eu só fico satisfeito quando disser tudo isso a ele. O que é um impotente!... Puxa, eu posso sair daqui, não tem problema, mas tem muita gente que sai comigo.

HENRIQUETA

Apavorada. Tomás, você está nervoso, apenas eu queria dizer que vocês podem brincar á vontade, apenas botem a música um pouco mais baixo, não por mim, mas pela vizinhança. A casa é de vocês. Vocês são jovens! Precisam se distrair. Isto aqui é como uma família, por isto mesmo é que precisamos zelar pela reputação.

AMBROZINA

Estou profundamente acabrunhada.

TOMÁS

Dona Henriqueta, eu sinto muito ter agido desta maneira, mas tinha que botar tudo em pratos limpos. Se eu quisesse prejudicar, eu daria uma nota pelos jornais. Enock Caçador de Borboletas é jornalista, meu amicíssimo. Dona Ambrozina, me desculpe o vexame que lhe causei.

MAROCAS

Doutor Podolário vem chegando.

TOMÁS

Que ótimo.

HENRIQUETA

Tomás, você pode ficar tranquilo, faça de conta que não houve nada. E antes de terminar a reunião queria convidar a todos

os presentes pro jantar de amanhã e depois um baile. Quanto a Podolário, Tomás, devemos ser compreensivos e ignorar o que ele confessou.

TOMÁS

Problema dele, não mexendo comigo...

HENRIQUETA

Pois então, muito obrigada pela atenção e quero que todos estejam presentes, abrilhantando minha festinha, simples mas de um significado muito especial. Faz exatamente 20 anos que nos tornamos marido e mulher.

TOMÁS

À parte. Empregado e empregador. Está tudo ótimo. Eu, de minha parte, dou por encerrado o assunto em relação ao caso de Podolário, porque não sou de guardar rancor e nem de me gloriar com as fraquezas de ninguém. Porque como a senhora acabou de falar, ele caluniou a todos, e, no código penal, está previsto no parágrafo 2.236, e isto é do seu conhecimento, mesmo porque "a ninguém é dado o direito de ignorar as leis", que é crime de injúria grave, que a penalidade máxima é de 30 anos de reclusão. Está previsto pela Lei do Código Penal de número citado, anexado a mais o artigo 2.785, do Código Civil, combinado com a letra C do artigo 13 do Código Processual Penal, que ficam estabelecidas as seguintes penalidades: caluniado ou caluniador por números de caluniados ou injuriados. Agora, a senhora some 30 anos de reclusão, vezes o número de constituintes. No caso aqui seriam eu, Dona Maria Caetana, Dona Ambrozina, Marocas, a senhora e o Senhor Calixto e Doralice ... Com lei não se brinca não... A não ser que seja caduca ... *Reconsiderando.* É bem verdade que ele podia entrar com um recurso ou fiança o que implicaria em um preço exorbitante e que, por certo, ele teria de recorrer não só ao Supremo Tribunal, o que seria negado, é evidente, e ele estaria processado e continuaria impotente do mesmo modo. Porque para a impotência, eu fiz até o 2º ano de direito e sei, ele terá

que recorrer para a medicina e a medicina, como a senhora sabe, falha, e como falha. Mesmo porque ainda está tateando. Com o ar poluído, a alimentação de péssima qualidade: só enlatado, enlatado. *Marocas está bestificada*. A vida agitadaíssima e as novas doenças...

HENRIQUETA

O senhor falou em alimentação de péssima qualidade, eu quero explicar ao senhor que aqui eu só sirvo comida sadia. Em meu hotel, eu só sirvo enlatado como tira-gosto...

TOMÁS

Não, Dona Henriqueta, eu falei de um modo geral. Mesmo que a senhora não queira, tem que comprar carne de frigorífico, tem ou não tem?

HENRIQUETA

Ah, isso é.

TOMÁS

É o que ajuda a danificar o organismo. Quando eu digo que a medicina está tateando, eu não quero dizer que os médicos são incapazes ... Absolutamente. Eu quero mostrar que tudo falha. Olhe, eu tenho um amigo, ele é pintor, pois bem, ele estava com água na pleura; baixou hospital e acabou sendo operado de fimose. Trocaram o prontuário dele por distração e ele foi operado de fimose pois quando os médicos viram que ele não precisava fazer fimose, ele já estava anestesiado e, olhe, não foi hospital público não. Só de entrada ele gastou os tubos. Depois os médicos diagnosticaram síndrome. De um médico ele passava para outro que, de sua vez enviava a outro especialista, e desta síndromezinha de nada ele estava em mãos de ortopedista renomado, graças a Deus e aos preços de suas telas.

MAROCAS

Admiradíssima. Tomás, você estudou pra Doutor... Entrou pra faculdade, Tomás?

TOMÁS

Você não sabia, Marocas? Bobagem, Marocas, pra que exibição?

HENRIQUETA

Fazendo uma pequena reverência. Com licença, vou fazer os preparativos para a recepção. *Ficam Marocas e Tomás*.

TOMÁS

Marocas, não fique aí parada não. Vá se arrumar. E vista um vestido longo que eu vou lhe maquiuar.

MAROCAS

Não, Tomás. Você é um homem estudado, não fica bem.

TOMÁS

O que não fica bem, Marocas? Eu nunca estive em faculdade e nem pretendo. Os únicos títulos que possuo são os de cabeleireiro e eleitor. Por isso posso lhe maquiuar tranquilo.

MAROCAS

Tomás, você é sabido. Eu nunca pensei em ter um amigo assim.

TOMÁS

Sabido sou, aprendi com estas bestas que nos rodeiam. Eles são ótimos. Acatam códigos meus: civil e penal... Constituição, eu faço quantas quiser. Entro no ramo da medicina e se preciso de engenharia, geologia, etc. Ninguém me esnoba. Imagine você, Marocas, que outro dia, entrou uma senhora elegantíssima, mulher de cacauicultor, recém-chegada da Europa. Derramava a Europa pelo salão de beleza, apesar do pequeno espaço. A desgraçada teve o desplante de me dizer que, chegando em Lisboa, procurou o túmulo de D. Pedro II e foi aquele vexame, porque ele não tinha sido sepulto ou sepultado lá. E a cicerone não sabia localizar o túmulo. Imediatamente eu lhe disse que a catacumba se encontrava nas Quintas e o número, se não me engano, era 2.972,1 per capita ou percapita. Eu nem sei o que é per capita... Ela ficou

contentíssima e muito grata e admirada, muito mais do que você. Me assegurou que, ao sair do salão, iria imediatamente para as Quintas. Aí então, eu sugeri um penteado adequado. Ela saiu lindíssima e com lágrimas nos olhos deixou uma gorda gorjeta. Mas, vá se vestir que é melhor. Vista o longo e venha, deixe a maquiagem por minha conta. Você será meu par constante, Marocas. Você é linda. *Marocas sai*. Deixe eu me vestir com elegância, o momento é solene.

Black.

CENA DO BANQUETE

PODOLÍRIO

Eu queria dizer umas palavrinhas rápidas.

TOMÁS

Não comece não. Sua voz é indesejável. *Dona Henriqueta belisca Tomás*. Tá certo, eu me calo.

PODOLÍRIO

Recomeça. Estamos em uma era difícilíssima agora, em que o mundo muda seus valores e o homem procura adaptar-se a novos conceitos. O desajuste social e coletivo avoluma-se e o homem se perde dentro de si mesmo e, nesse labirinto de dramas interiores, ele procura saída em luta consigo mesmo, aí então vem o drama. É como dizia Shakespeare "To be or not to be"... E eu me pergunto e um eco responde: Ninguém, ninguém. *Aplausos e lágrimas*.

Entra um garçom com uma jaca na bandeja, serve a todos. O garçom está vestido a rigor e serve com toda cerimônia. No toca-disco, durante o jantar, música de Augusto Calheiros ou valsa de Strauss. Marocas vai entrando lindíssima e comete uma gafe.

MAROCAS

Eu sou louca por jaca.

TOMÁS

Aproximando-se. Tenha calma, chega para todos. Olhe as boas maneiras, não esqueça.

Termina o banquete. Ao som da valsa os pares saem dançando.

CALIXTO

Interrompe a valsa acometido de dor de barriga, corre para o penico. Marocas, traga papel, eu morro.

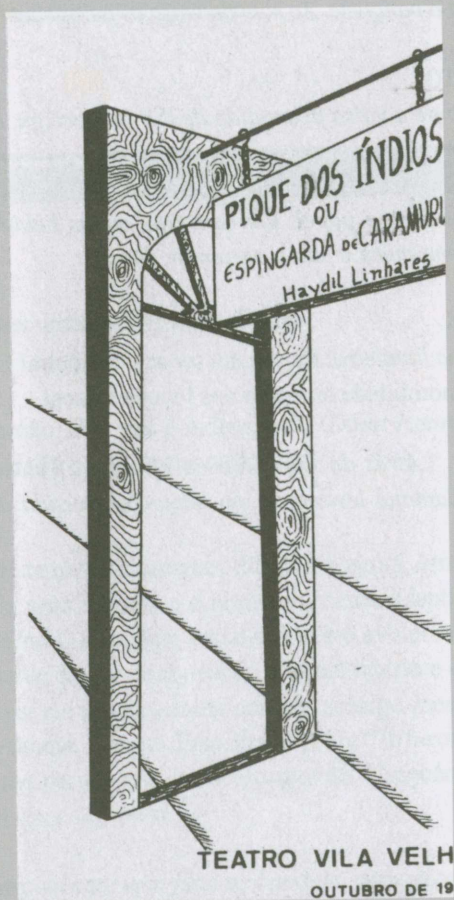
Marocas leva o papel. Garçom traz novas bebidas. Tomás sobe numa mesa e todos param de dançar.

TOMÁS

Abre uma bandeira. Eu sou um ser sem bandeira! Ou implante-se a moralidade ou então nos locupletemos!

Música: "Atrás do Trio Elétrico" (Caetano Veloso).

Maria Caetana levanta-se em levitação, vestida de anjo.



o pique dos índios ou a espingarda de caramuru

Estreou em outubro de 1973, no Teatro Vila Velha, Salvador, Bahia.

Elenco:

Podolório Assunção da Ramificação – CARLOS RIBAS
 Doralice Arrebatada Prematura – ESTER MARIA
 Maria Caetana Atrás do Trio Elétrico – FRIEDA GUTTMAN
 Tomás Antônio Goteira – HARILDO DEDA
 Marocas Entumescida da Paixão – HAYDIL LINHARES
 Ismênia Tresmalhada – LOLA LABORDA
 Maria das Dores Arrebatada Prematura – MARIA MANUELA
 Ambrosina Embevecida do Arcanjo – MÁRIO GADELHA
 Henriqueta Severo Penteadado – ORLANITA RIBEIRO
 Calixto Flores da Silva Penteadado – PASSOS NETO

Equipe Técnica:

Direção – DEOLINDO CHECCUCCI
 Cenário – FREDDY SUY
 Figurino – RIBAS e DEOLINDO
 Execução – DONA SOLANGE
 Contra Regra – BEL
 Iluminação – SUZUKI
 Roteiro Musical – DEOLINDO CHECCUCCI
 Produção – MÁRIO DE ALMEIDA
 Assistente – ANA PORTO
 Realização – GRUPO FAMA

A FUNÇÃO DO CASAMENTO

Por causa de uma sede "água"...

2002.HL.AA.001.001 (82)

2002.HL.AA.001.001.(90)



Sou, de acabado, tão pouco...
A pouco estou reduzido
Ouve cantar galo rouco
Meu coração comovido...
JOAQUIM CARDOZO

PERSONAGENS

JUSTINA
 CREMENTINO
 DELEGADO
 ESCRIVÃO
 REIMUNDO
 SOLDADO
 TORQUATO
 IRINEU
 PEDRO
 CRESCÊNCIA
 NOIVO
 NOIVA
 VIZINHAS

1º QUADRO

Cortejo do casamento, entrando pela platéia: Cantando

CORO

Antonio olhou pra Maria

refrão: Que beleza, mamãe!
Que beleza, mamãe!
Que beleza, mamãe!

Antonio gostou de Maria

refrão: Que beleza...

Antonio sorriu pra Maria

refrão: Que beleza...

Maria sorriu pra Antonio

refrão: Que beleza...

Na reza de Santo Antonio

refrão: Que beleza...

Acabou o seu namoro

refrão: Que beleza...

Maria acabou no choro...

refrão: Que beleza...

Começo do forró, iluminado por candeeiro. Na sala, garrafas de cachaça, candeeiro na parede. Os noivos, vestidos a caráter. Acordeão, pandeiro e violão. No auge do pagode, D. Justina pega Crementino urinando no terreiro. Começa uma discussão. Há apaziguamento. O forró continua. Crementino apaga os fífós e começa a arruaça. As mulheres saem correndo. Crementino, arruaçeiro, ameaça furar com a faca o acordeão. D. Justina interfere. Crementino dá dois tiros pra cima e encerra o pagode do casamento.

JUSTINA

Furiosa, discutindo com Crementino.

Carecia você verter água no terreiro, na presença de moça de fãmia? Ali era lugar de você esvaziar a bexiga, caco de torrã miséria? Pinima pestiado! Você tá pensando que isto é casa de mulher dama, filho de uma égua?

CREMENTINO

Meio bêbado.

E todo mundo não sabe que eu mijo? Discurpe. Mais quando eu comecei a verter água, não tinha nenhuma moça de família. A senhora tá pensando que Maroca é donzela? Se Maroca for donzela, as galinhas do meu terreiro também é. Quem passou ela nos peitos foi Jacinto, do finado Tomais.

JUSTINA

Você diz isto pra Justiça? Que ela é rapariga? Você já meteu o dedo, iscumungado? Isto de falarem, não, porque todo mundo isculhamba sua irmã Josefa com o Paulo soldado. Taí!

CREMENTINO

Dona Justina, deixe nome de família pra lá. Eu não já pedi discurpa? Eu só vim aqui vadiá no pagode.

JUSTINA

Se você não fosse fio do finado Pedro, — *se benze* — que Deus o tenha, você não ia vadiá em lugar nenhum. Seu pai era um home e tanto. Arrespeitadô até ali! Só por isso eu deixo você vadiá aqui. Mas tome tenência em sua vida Crementino, você não arrespeita família? Ainda vai acabar mal. Vai acabá nas mãos da Justiça. Quem não ouve conselho, ouve coitado. A Justiça não manca não, Crementino.

CREMENTINO

Cadeia foi feita pra home, num foi pra jegue não, D. Justina.

JUSTINA

Assim como foi eu que lhe vi vertendo água, se fosse Eletéro? Me diga! Ia dá certo? Eletéro, com o juízo quente que tem, ia te botar pra gumitar sangue. Tu tome tenência na vida! Você se ajunta com o fio do Coroné, o fio do Coroné tem costa quente, e você, Crementino, vai pená até morrer.

CREMENTINO

Dona Justina, eu arrespeito a senhora como minha mãe. Deixe isto pra lá. Num vamo impatá uma festa por causa de besteira.

JUSTINA

Apois, então tu fica. Eu sube que Reimundo, do Coroné Possidome vem. Ele pode ficá, só não vai isculhambá. Porque aqui tem home. É casa de pobre, mais não é casa de rapariga!

CREMENTINO

Oxente, D. Justina! Ele só vem abraçá os noivo, porque Reimundo é home sem pabulagem.

JUSTINA

Animando.

Vamos cumeçá, pessoá, todo mundo dançando. Acabou o mal entendido.

A música come no pagode. O pessoal dança e bebe, o tempo todo. Raimundo chega já meio alto e abraça os noivos. Vem armado de faca e pistola. Bebe, dança um pedaço, depois, já bêbado, vai tirar Jacinta para dançar. Na dança, Raimundo escorrega a mão para a bunda de Jacinta. Ela se recusa, ele se sente ofendido, apaga um dos fífos e começa o fuzuê. Tenta furar a concertina. Dá dois tiros pra cima. As mulheres correm. Gritam por Paulo soldado. Este, sai correndo. Acaba a festa. D. Justina esculhamba todo mundo.

JUSTINA

Se o finado fosse vivo! Se o finado Henrique fosse vivo, este fio de uma égua não tinha acabado o pagode. Reimundo ia mijar sangue e cagar um quilo certinho. Henrique sim, era home. Os que estava aqui, nem que tomasse chá de levanta cassete, não agarante as calças que veste. Levam nove mês cum os pestes deste na barriga, parir se lascando toda e, no fim, uns frouxos! Uma cambada de frouxo. Só porque Reimundo é fio do Possidômio. Caga sebo de uruvalho.

2.^o QUADRO

Delegacia

DELEGADO

Dona Justina, a senhora pode contar todo o ocorrido?

JUSTINA

Apois não. Não vim aqui pra mentir ou acobertar bandoleros, nem ninguém. *Começa*: Reimundo, como vosmicê sabe, é um disordeiro. Se ajunta com Crementino, não arrespeita ninguém. Tira de arruaceiro, porque sabe que o Coroné Possidômio é um home de força e nada vem contra ele. Apois, como ia dizendo, Crementino chegou premero na função. Quando todo mundo istava vadiando no pagode, tinha algumas pessoas no terreiro, Crementino saiu e ali mesmo, na vista de moça de fãmia, ele verteu água, como se ali só tivesse rapariga, fosse tudo muié dama. Eu arrecremei. Ele descompois todo mundo e disse mesmo que Maroca num era mais virge, que Jacinto, do finado Tomais, – *se benze* – que Deus o tenha num bom lugá, tinha passado ela nos peito.

CREMENTINO

D. Justina a senhora atravanque sua língua!

JUSTINA

Tá veno o sinhô? Foi eu quem cortô o umbigo dele, quando ele nasceu. Cortei e sarei, pra hoje este amardiçoado tá incrementando isculhambação. Praga eu não rogo não, mais o fim eu hei de vê, veve metido na bodega de Epaminondas, enche o buxo de cachaça, com um violão debaixo do sobaco, e pensa que é dono do mundo. Encheu o buxo de Vardemira e saiu palitando os dentes. E ainda saiu espaiano por aí que o fio não era dele. Tá veno?

CREMENTINO

Todo mundo sabe que Vardemira vadiava mais o sacristão ...

DELEGADO

Para o soldado. Prenda este homem! Prossiga, D. Justina. Está pensando que aqui não tem autoridade?

JUSTINA

Vitoriosa. Pois é. Ele disse que Reimundo ia dá os parabéns, e sabe como é: se adisculpou, eu, de boa fé, por causa do pai dele, – *se benze* – que Deus tenha em bom lugá, deixei ele ficá. Reimundo chegou já meio bebo.

RAIMUNDO

Eu não estava bêbado.

DELEGADO

O senhor fala depois. Eu vou ter uma conversa com seu pai. Seu pai é homem de bem. Você não estava bêbado?

JACINTA

Tava bêbado e começou a dançá com Jacinta bem isprimido. *Para o delegado*: É pro sinhô ter certeza, a mão dele escorregava do ombro de Jacinta pra ... com licença da palavra ... pra bunda. Jacinta se sentia envergonhada e não é pra menos. Ele então apagou o fifô. Aí, eu acendi de novo. Ele tirou a faca. E queria cortar a concertina de Filomeno. Filó mais qui dipressa fechou a concertina. Ele aí deu dois tiros pra cima e acabou o pagode dizem: “Ninguém vadeia mais!” As muié sairo correno e os home...também. E o sinhô acredita que eu fiquei tremendo de ódio, e desse dia em diante, me deu uma dô no pé do buxo, que nunca passou.

DELEGADO

Não tinha policiamento lá? Eu não mandei um soldado?

JUSTINA

Mandou, sim sinhô. Mais quando ele viu que era Reimundo, ele saiu correno também.

SOLDADO

Eu saí correndo atrás dele ... pra pegar ele. Não peguei por que estava tudo escuro, e minha pistola enganchou na hora, e ele entrou no matagal.

JUSTINA

Descurpe, mais você saiu, meu fio, foi antes dele! Porque eu

fui a última a sair e disse toda a verdade que eu queria dizê a ele. Só que ninguém ouviu, porque de um fôlego, eu abri os óios e não tinha mais ninguém, abaixo de Deus e eu. Reimundo saiu atirano e um dos tiros pegou no espinhaço de Pedro, que ele nunca mais foi home pra nada.

DELEGADO

Teve gente baleada? Tiraram o corpo delito?

JUSTINA

Se tiraro corpo com caco de litro, eu não sei, só sei que quebraram muitas garrafas e litros também. No corre-corre, Otacília até perdeu um pé de sapato novinho, que ela só tinha calçado uma vez, nas eleições. E que tem gente com bala na costela, tem. A menos que já tenha tirado cum Sinhá Maria Rezadeira, qui, abaixo de Deus, tira tudo desna quebranto a olhado e bicheira. Eu mesma tô procurano tempinho pra ir rezá meu pé de buxo.

DELEGADO

Passeia na Delegacia. Coça a barba. Enxuga o suor. Acende um charuto. Começa a aconselhar.

Deviam viver todos em harmonia, sem briga, em paz. Mas não, tudo termina em brigas. Assim, não é possível!

JUSTINA

Apois, pro Sinhô. vê ... não é o que eu digo?

ESCRIVÃO

Limpando os óculos. A senhora podia repetir tudo o que disse?

JUSTINA

Derna do prespeio? Num já tá tudo escrarecido? Home, Deus seja lovado! O senhor não entendeu não, foi? Mais craro só azeite!

ESCRIVÃO

Está tudo muito confuso. *Lendo o depoimento: Caco de vidro no pé... do buxo... querendo rezar em tempo... meu pé perdeu o sapato... na eleição...*

JUSTINA

Mais óia: eu não disse a ninguém que tinha caco de vrido no buxo de ninguém. Eu disse bala no espinhaço. Apois se eu não vi com os óio que a terra há de comer? Taí seu Ocrides aqui, não me deixa mentir. Nem perdi pé de sapato nas eleição – apois eu não voto!

DELEGADO

Não vota?

JUSTINA

Nhô, não!

DELEGADO

Para o Escrivão. Escrivão anote isso. E faça, por escrito, uma intimação arrolando outras testemunhas. Quero ouvir outras pessoas, a fim de apurar tudo direitinho. Os senhores têm mais alguma coisa a acrescentar?

JUSTINA

Que má pergunta, sobre o que?

DELEGADO

Nada, nada... Por hoje estão liberados.

JUSTINA

Já posso ir embora?

DELEGADO

Pode sim, senhora.

JUSTINA

Entonces, inté outro dia, se Deus quisé.

Saem todos.

Que Beleza, Mãe!

Voz

1 An - to - nio - lhou pra Ma -
 2 An - to - nio gos - tou de Ma -
 3 An - to - nio sor - riu pra Ma -
 4 Ma - ri - a sor - riu pra An -

3 Refrão

voz

ria que be - le - - - za mãe, que be -
 ria
 ria
 6 tonio

voz

le - - - za mãe, que be - le - - - za

9 Fim Último verso

voz

mãe, que be - le - - za ma - mãe Na re -

13

voz

za de San - toAn - tonio a - ca - bou o seu na -

16 Refrão e Fim

voz

moro Ma - ri - a ca - iu no choro

Lampião

Voz

É lam - pa,é lam - pa,é lampa. É lam - pa,é Lam - pi - ão.

5

voz

É

O seu no - meé Vir - gu - li - no a - pe - li - do Lam - pi - ão

10

voz

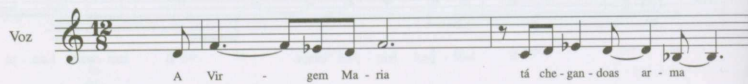
lam - pa,é lam - pa,é lampa. É lam - pa,é Lam - pi - ão. De cha - péu de

15

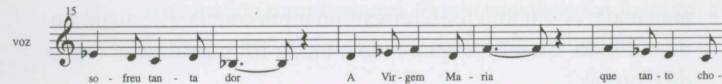
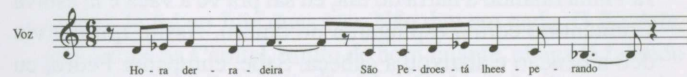
voz

cou - ro e fu - zil na mão

Incelência 1



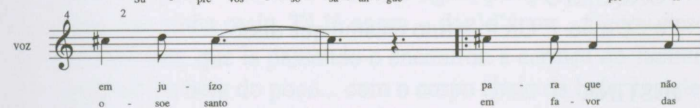
Incelência 2



Incelência 3



1 Su - pre Vos - so sa - an - gue pre - ci -



te - nha tan - to pre - ju - f - i - zo
al - mas que pa - de - ceu ta - an - to

3º QUADRO

*Dias depois**No Terreiro, Justina sentada num banco, com Pedro.*

JUSTINA

Já vinha raiando a barra do dia, eu saí pra vê a vaca e lá estava Crementino com a espingarda no ombro. Assim qui me viu deu a benção e abaixou a cabeça. Sabe, cumpadre Pedro, eu tive pena, abençoei e perguntei: Crementino, ocê tá cum raiva de mim? Ele fez que não, cum a cabeça. Preferia que ele tivesse, cumpadre! Apois disse assim, assunte bem, cumpadre Pedro assunte: “D. Justina, eu estou de arribada. É, o Coroné Possidomo disse mode eu disocupá as terras...”

TORQUATO

Mãe, vamicê fala demais, e despois fica arrependida. Não adianta nada. A senhora fez Crementino ir pra cadeia. Ele apanhou do sordado. Saiu todo quebrado e ainda foi puxado das terras do Coroné ...

JUSTINA

Não fiz por mal...

TORQUATO

E Reimundo, o fio do Coroné, num teve nada!

JUSTINA

Por esta luz que me alumia, como estou arrependida. Nunca mais eu apercuro justiça na terra. Nunca mais!

TORQUATO

Pois é mãe. E Crementino mesmo que disse...

JUSTINA

Pare fio da peste!

TORQUATO

... que vai entrá pro Cangaço. Ele e mais três: Vicente, Constanço e Miguel. Miguel já foi pra rua dá os fios. A muié dele tá de cara inchada de chorá ...

PEDRO

Home, eu num vou mais os menino, porque a idade num deixa. Mais a vontade que eu tenho é essa. Prantá o roçado todo, depois vê o Coroné Porcidone jogá o gado dentro pra comê tudo? O meu suor, minhas força, eu interrei aqui... Todo dia ele faz uma cerca e entra em meu cercado. Cumé que vou acabá? Já fui ao Juiz duas vez. Não deu em nada. O fio dele, que estuda na Capital, muito de bom falante, chega lá falando e eu não entendo o que ele fala. Acaba tudo do lado dele. Com a ajuda de Deus, vai morrer tudo de sede, porque os óio d'água já começou a secar. Eu quero uma seca luminar. Eu quero um sol sem cremença, com os óio d'água secando tudo. Eu quero ... Deus há de oiá cá pra baixo e mandá a desgraça pra nós tudo, sem escolher branco nem preto, rico nem pobre. Ah, vai! No armazém, não despacham mais ninguém fiado. O Coroné disse, por boca travessa, que adipois das eleição, vai tirar todo mundo daqui. Quem me disse foi Joselita, a rapariga dele, e me pediu pra não dizê nada a ninguém.

JUSTINA

Eu nasci e me criei aqui, pra onde é que eu vou? Nessa idade eu já estou sem serventia... quem comeu a carne que roa os ossos.

TORQUATO

Mãe, a senhora tem que sair, se ele quisé. O qui é qui a senhora vai fazer, mãe?

IRINEU

Entrando alvoroçado. Mataram Jacinto, do finado Tomais, na bera do poço. Ele tava robando água, porque nas cabecera dele não tinha mais. Tá lá agora – den'd'água... Quem disse foi Maroca, que ia passando e encontrou a carniça do Jacinto estirada na bera do poço... com o corpo cheio de bala, lá nele. Tá lá o corpo... den'd'água... D. Joana tá doida, falano besteira, diluriando, chorando, cantando, sorrindo ... dizendo que o fio dela... que o fio dela tá no céu, arrudiado de anjinho...

TORQUATO

E nós aqui arrudiado desses...

JUSTINA

Cortando. Coroné já soube?

TORQUATO

Adianta mãe?

JUSTINA

Já soube, Irineu?

IRINEU

Já. Ele mandou até vela e rede pra interrá Jacinto.

TORQUATO

Viu mãe?

JUSTINA

Jacinto, do finado Tomais, tava na dispaia de milho, tão satisfeito, coitado! Na dispaia... me disse que ia vendê a leitoa pra ir pra S. Paulo ... pra depois vim buscá Siá Joana... e... e começar vida nova... os dois tão moderninhos ... *Levanta-se e apanha xale.* Eu... eu vou lá vê tudo direito. Vou pra incelença de Jacinto. Tomara que esteja todo mundo lá, pra ver se os menino adesistem de entrar no cangaço.

TORQUATO

Desistir do cangaço, mãe?

JUSTINA

O Coroné manda matá e ainda manda vela e rede depois, pra interrar. Ah! Se é com você, meu fio, o Coroné nunca mais comia farinha!

TORQUATO

Mãe, deixe de falá besteira, a Senhora num fazia nada com o Coroné.

JUSTINA

Cumpadre Pedro, compre uma garrafa de ginebra na bodega de Epaminonda e depois vá se encontrá com a gente na casa do finado Jacinto. Vamo!

4º QUADRO

A incelência. Vão chegando todos. Apresentam os pêsames e tomam seus lugares na saleta. Servem bebidas. Justina bebe. De vez em quando chega à porta para ver se os rapazes que vão entrar no cangaço já chegaram

JUSTINA

Crescência, vamo tirá uma incelença?

CRESCÊNCIA

Tire a senhora, depois eu tiro outra.

JUSTINA

Canta: A Virgem Maria
Tá chegando as arma
Que está penano
A arma desencarnada
Os anjos estão chamando (bis).
No céu a arma está entrano
Sua mãe está chorano.

CORO

Canta: A Virgem Maria...

Justina levanta, as outras continuam cantando.

JUSTINA

Eu num tô beba não. Arrespeito o finado, mais vou dizer uma coisa. Ainda onte de noite eu fiquei na arprende pensando: para que diabo a gente nasce?

PEDRO

O Coroné disse que mandou chamá um doutor de curar bicho, pra curar o gado dele.

JUSTINA

Dotor de curá bicho, pra curar bicheira. Os bichos dele tem mais lordeza que nós ... que eu ... que você... que nós todos ... O Coroné té certo. Fio duma égua! Come a carne da gente e quando a gente não tem mais serventia – bota pra fora. Como

se tudo fosse cachorro sardento. Sabe de uma coisa? É bom mesmo que os meninos...

TORQUATO

O que, mãe?

JUSTINA

... que os meninos vá pro cangaço. Toque fogo em tudo, em tudo que for de cerca!

IRINEU

Dona Justina, vamicê tá é beba e sem estilo. Na sua idade não tá direito.

JUSTINA

O que num tá direito? Até hoje só conheci um home! Sou mulher reta. Honesta. Trabalhadora.

TORQUATO

Vai falar demais, mãe?

JUSTINA

Faze-se de besta? Você pensa que já engrossou o cangote e que pode me desarrespear? Amardiçoado, eu arrebeno teu fucinho. Tudo por causa de Crementino! Você deixa de opinião comigo. *Avança para o filho, tropeça no defunto, cai em cima do mesmo e se benze.* Que Deus o tenha em seu reino... nem chegou a vender a leitoa... ou vendeu? Ainda me lembro do primeiro choro desse corno. Peguei ele nos meus braços, como filho. *Pega o defunto, carinhosamente.* Eu tenho é interrado gente, benza Deus. Como tenho visto gente morrer, meu Deus! Tudo o que tu pegava era pra tua mãe, não era, Jacinto? E aquela briga, hein, Jacinto? Tudo por causa do umbu que tu roubou, não foi, meu fiu? E aquela... tudo por causa de uma sede d'água ... Por causa de uma sede d'água hoje você é defunto. Podia viver tanto. Jacinto! Mataro e fica por isso mesmo. Vai ser sempre assim. Eu não me lembro do finado Tiburço? Ora se me lembro. Mataro e ficou por isso mesmo. Não deu em nada. Nunca dá em nada. No outro dia, teve um armoço na casa do Coroné Purcidome, ainda nem

tinha interrado Tiburço. Todo mundo sabe que foi o Coroné. *Bebe.* Sabe ou não sabe, cambada de frouxo? O Coroné Ramiro disse que vinha um delegado especiá, pra oiá os fato... Você é besta? Tiburço não tem mais nem os ossos, quanto mais o fato ... gente é besta? Cumpadre Pedro, se eu fosse home eu já tava na cadeia há muito tempo, ou então... ou então no mundo! No mundo com o finado Lampião! Aquilo sim, que era macho! Home de corage! *Bebe mais, recomeça a cantar.*

CRESCÊNCIA

D. Justina, seja feita a vontade de Deus. Ele sabe o que faz. E nós... nós... não sabe o que diz...

JUSTINA

Tu tá dizeno que eu tô beba, é Crescência?

CRESCÊNCIA

Não senhora ...

JUSTINA

Apois você tá dizeno que Deus sabe o que faz e eu não sei o que digo? Eu sei o que digo. E Deus não sabe o que faz... Eu hoje tô toda inviezada com a morte de Jacinto. Apois o dia que ele nasceu, fui eu, eu, que peguei ele. Era home de bem. Jacinto, do finado Tomais, não devia um tostão a ninguém, a ninguém.

CORO

Canta: Hora derradeira
São Pedro está lhe esperando
Com uma cadeira
Com o céu aberto
Meu Senhor Jesus
Quando na terra andou
Foi justicado
Sofreu tanta dor
A Virgem Maria
Que tanto chorou
Acompanha esta arma
Com seu esplendor.

JUSTINA

Ô Torquato, você de hoje em diante, não me apercure mais. Eu num sô sua mãe! *A rede vai saindo.* Você vai se largá pelo mundo! Se você num for pro cangaço... Torquato, você sabe o que você é? Torquato, você é chibungo! *Para Joana:* Joana, xingue! Não rogue praga, porque praga é dividida, e aqui, a única coisa que se tem prá dividir é a miséria. Pois num tá veno: quem morre calado é carneiro. Falo, sim. Os home daqui são todos uns carneiros e porcos. Porcos! Por causa duma sede d'água, de um parmo de terra... Num tão vendo que tá tudo errado? Cambada de carneiros! Quando o Coroné chegou aqui, foi logo crescendo o sítio, fazendo o Engenho, tomando as terras dos fracos. Todos uns chibungos. Vocês todos! Quer ir pro Amazonas, discardo?... Na certa pros índio lhe comer. *Começa a rir.* Tanto faz quem faz... como quem consente ... *As vozes vão baixando.* *Justina vai em zigue-zague, patética, louca. Bêbada, as pernas bambas, gesticulando.* *Levanta a saia e faz que urina.* *Tomba.* Aquilo é que era macho. Era... aquilo é que era... macho... mermo... ele era!

Começa a cantar no seu desespero

É lampa, é lamparina
é lampa...
é lampião ...
Seu nome é Virgulino
Apelido ...
Lampião!
É lampa, é lamparina
é lampa...
é lampião ...
de chapéu de coro
e fuzil na mão

O cortejo fúnebre desaparece aos poucos. Justina permanece em cena – olha para Jacinto, do finado Tomais, carregado na rede. Olha e sente a grande solidão que a cerca. Continua cantando, como se embalasse um filho – a mesma canção

De chapéu de coro
E fuzil na mão...

Obs:

Nas duas vezes em que são cantadas Incelências, na montagem de estréia, encenada por João Augusto no espetáculo Cordel 2, as escritas no texto foram substituídas pela seguinte:

Não entreis com ele,
Senhor, em juízo.
Para que não tenha
Tanto prejuízo.
Sempre vosso sangue,
Precioso e santo,
Em favor das arma
Que padecem tanto.

a função do casamento

Estreou em 1972, no Teatro Vila Velha, no espetáculo *Cordel II*, dirigido por João Augusto.

Elenco:¹

Justina – HAYDIL LINHARES
Cremantino – BEMVINDO SIQUEIRA
Delegado – JURANDIR FERREIRA
Escrivão – JORGE GASPARI
Reimundo – RAIMUNDO BLUMETTI
Soldado – HÉLIO MACUMBA
Torquato – KERTON BEZERRA
Irineu – HÉLIO MACUMBA
Pedro – HARILDO DEDA
Crescência – SONIA DOS HUMILDES
Noivo – JORGE GASPARI
Noiva – ANTONIA VELOSO
Jacinta – NELCI QUEIRÓZ
Vizinha – MARIZA RANGEL

Equipe técnica:

Direção – JOÃO AUGUSTO
Cenografia e figurino – JOÃO AUGUSTO e ZÉ MARIA
Sonoplastia – O ELENCO
Técnica: ANTONIA VELOSO e FRANCISCO DE PAULA
Produção executiva – MÁRIO TABARÉO
Produção – SOCIEDADE DOS NOVOS

¹ Esta escala de elenco foi escrita a partir de um esforço de memória de Haydil. Posteriormente foi encontrada uma cópia do texto com anotações de João Augusto com uma escala diferente. Outra diferença é que na cópia de Haydil, o texto estava datado de 1972, no de João, 1970. Quando Haydil foi consultada para tirar dúvidas, ela refletiu um pouco e perguntou: "e isso tem importância?..."

TAIPÃO E CASA: MUTIRÃO

Haydil Linhares



Correspondência para o
CENTRO DE ESTUDOS FOLCLÓRICOS
 Mario Souto Maior
 Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sôcias
 Rua Dois Irmão, 92
 Recife, Pernambuco - Brasil

A taipa de casa nas pequenas ou grandes comunidades do interior é feita pelo sistema *mutirão*. Geralmente aos domingos ou feriados o povo da comunidade se agrupa e constrói estas habitações.

Em alguns lugares da Bahia por exemplo: na fronteira com Sergipe ou com Alagoas, o *mutirão* é conhecido com o nome de *batalhão*.

Tendo o terreno e não tendo dinheiro para a mão de obra, o proprietário do terreno prepara a comida e a bebida, agrupa os seus vizinhos, e, ao som de violão, sanfona e pandeiro, constroem sua pequena casa.

Em 1959, na Vila de Tapera do Limo, tive oportunidade de assistir a este espetáculo de singular beleza, sentindo o que pode fazer a força da união. Vi como homens simples e rudes possuíam uma riqueza de melodia, ritmo e até mesmo coreografia. Fiquei impressionada como homens como aqueles, que nunca tinham visto ou ouvido falar em nota musical, tivessem tanta harmonia. Às vezes suas músicas tinham primeira, segunda e terceira voz. Velhos e crianças enchiam o espaço de cantos e música, acordeão, pandeiro e violão, alegrando a ida e vinda das pessoas carregadas com barro, água e enxada. A distribuição de telhas de mão em mão, a telha passa para o telhado, a festa é linda! Uma pausa para o almoço, muita bebida, muita piada, muita roda. Retomada do serviço, amassar o barro, homens e mulheres trazem gamelas cheias de areia e fazem um monte semelhante a um cuscuz. No cume fazem um pequeno buraco e uma fila de mulheres, com latas d'água na cabeça, vão despejando a água no monte de areia. É aí que entra a coreografia: os homens dão as mãos em forma de roda e cantam umas músicas de sapateado para amassar o barro. A roda dos homens em volta do barro vai fechando aos poucos até o cume do monte de areia que se esparrama pelo chão, entrando uma espécie de xaxado por cima do barro até tomar consistência própria para ser presa ao cipó da armação da casa.

Cantiga do Amassamento do Barro

Coro: "Por que diabo será
Que Maria não me quer
Por que diabo será

No mundo não tem quem
Entrando o coração de muié
Disto eu juro que me intriga
Faça força, bata o pé
Faça força, bata o pé

Se me der uma razão
Pra essa macução
Faça força, bata o pé
Bate esse pé no chão
Faça força, bata o pé
Bata este pé no chão!"

Coro:

É chamado *supapo* o seu meio de fechar os cipós com o barro para formar as paredes. Homens no interior da armação da casa e um número igual de homens no lado de fora. As mulheres e crianças vão trazendo o barro em pequenas vasilhas, entregam aos homens do lado de fora e estes vão jogando no ritmo de *supapo*, nas aberturas do cipó, e os homens do lado de dentro repetem o gesto quando o barro penetra os cipós:

"Minhas cabrinhas cheirando a alecrim.
O diabo do bode atchim, atchim.

Se chover eu vou voltar
Se chover eu vou ficar
Vou tecer de alecrim. Uma coroa prá ela
Vou tirar do algodoeiro
Aquela fulô amarela

Só espero que cê goste
Desta flor que vou lhe dá
Só espero que aceite
Ir comigo pro altar

Se chover eu vou ficar
Se chover eu vou casar
Deus permita que assim seja
Temos fé vamos louvar.

Vou cercar você prá mim
Vou cercar com gravatá
Vou cobrir tudo de mato
Prá ninguém vir lhe oiá."

Outra cantiga que ficou bem marcada foi esta que, em três vozes, era um verdadeiro madrigal:

"Mandei fazer um avião
Iluminado prá levar
Os seus beicinhos coroados.

Deixe o sol se abaixá
Que ele está desconfiado
Deixe a lua surgir
Prá ficar alumiado!

Na flor do teu cabelo
Eu estou tão arredado
Não me olhe assim de lado
Vai ficando tudo turvo
E o sol envidiado"

2002.HL.AA.001.001 (115)



2002.HL.AA.001.001 (116)



etc...

Observações Sobre o Homem Nordestino em "Ida e Volta"

OBSERVAÇÕES SOBRE O HOMEM NORDESTINO EM "IDA E VOLTA" E

"A FUNÇÃO DO CASAMENTO"

Dois textos distintos apresentados em dois atos, que se interligam no comportamento do homem nordestino em "Ida e Volta" e "A Função do Casamento", duas peças de teatro desenvolvidas por Haydil Linhares sob a direção de Orlanita Ribeiro que está sendo apresentada todos os dias no Teatro do Senac, em Salvador, a partir de amanhã, às 21:00 horas, numa temporada que permanecerá até dia 11 de dezembro.

O primeiro ato, "Ida e Volta", que desenvolve a história de Lucas, interpretado por Antonio Carlos Tavares, um nordestino cansado de sofrer e das injustiças a que é obrigado a suportar. Já velho, é levado para São Paulo pelo filho que espera encontrar dias melhores. O jovem se adapta perfeitamente às condições da nova vida mas o velho entra numa espécie de delírio devido a

vários espetáculos aqui realizados e este é o seu primeiro trabalho na direção de um espetáculo para o grande público. Ela é uma espécie de "super diretora" pois faz de tudo desde produção, iluminação e até divulgação. A autora dos textos, Haydil Linhares, é quem interpreta os papéis principais nos dois atos e os outros atores, além de desempenhar papéis no palco, colaboram na parte técnica da peça.

Os dois textos retratam o contexto cultural e ao mesmo tempo crítica o problema existencial do homem nordestino com seus conflitos, suas contradições e os problemas sociais que enfrenta.

Dirigiu a peça "A Entrada dos Birintos" dois contos de "Trabalhou alguns anos no infante juvenis" com os personagens Brinquedo e o personagem apresentado em "Ida e Volta", que desenvolve a história de Lucas, interpretado por Antonio Carlos Tavares. Um nordestino cansado de sofrer e das injustiças a que é obrigado a suportar. Já velho, é levado para São Paulo pelo filho que espera encontrar dias melhores. O jovem se adapta perfeitamente às condições da nova vida mas o velho entra numa espécie de delírio devido a

choque da realidade da vida na grande metrópole e nesse delírio ele fala tudo o que viu e ouviu durante sua vida.

O outro texto e o segundo ato, aborda o mesmo tema sob um ângulo diferente. O personagem principal é interpretado pela autora e sofre uma grande transformação dentro da peça. Inicialmente, ela é uma mulher crédula, mãe de todos do lugar, parteira, farmacêutica e que acredita, sobretudo na justiça. Com a sucessão dos acontecimentos, esta mesma mulher vai sofrendo uma transformação radical, pois todas aquelas crenças vão se modificando em revolta e sofrimento e a mulher passa a desacreditar na justiça dos homens. Revolta essa que é atirada ao público.

O primeiro texto de Haydil Linhares aborda a problemática do homem nordestino que sai de sua cidade em busca de alguma coisa melhor e o segundo, o problema da mulher que com as experiências adquiridas, mesmo sem sair de sua cidade passa a desacreditar em tudo, devido ao desenvolvimento e caminho que tomam as coisas em que ela acredita.



O casamento na peça

A DIREÇÃO
Segundo Orlanita Ribeiro, foi um pouco difícil acertar a atuação de quase vinte atores, sendo que muitos ainda são iniciantes. Mas devido ao texto que poderia ser uma coisa muito mais trabalhosa passou a ser agradável de fazer. Para mim foi muito bom, porque eu também sou interiorana e passei pela fase de Lucas de ir para São Paulo e voltar para a minha terra. O desenvolvimento da peça, Orlanita Ribeiro ressalta a música composta por André Pellagio Bessa, estudante de composição



da Universidade Federal da Bahia, que fez um trabalho profundo de pesquisa. *Ele conseguiu fazer com que a música deixasse de ser um pano de fundo para ser parte atuante no texto da peça. O compositor juntou o erudito com o popular e na peça este erudito não entra em choque com o popular da peça, apenas enriquece.*

Dois textos distintos apresentados em dois atos, a primeira personagem a ser apresentada todos os dias no Teatro de Senac de dezembro.

A diretora da peça fez o curso de arte dramática e direção teatral na UFBA, mas é mais conhecida como atriz por seus trabalhos em "Bernarda Alba", "Marilyn Miranda", ambos sob a direção de José Possi Neto.

Trabalhou ainda em "Tabaris" de Manoel Lopes Pontes e fez uma ponta nos filmes "Dona Flor e seus dois maridos" e "Pastores da noite", de Lucas. O primeiro ato, que desenvolve o conflito de Lucas e sua esposa, é mais curto e mais dramático. Dirigi uma peça "A Entrevista" de Jean Claude Van Italy e "Labirintos", dois contos de

Borges adaptados por Cleise Mendes. Trabalhou alguns anos no setor de teatro e fez várias montagens infanto juve-

nis com os alunos, como "Circo de bonecos", "Consertador de brinquedos", "Os bolinhos da alegria" e várias outras, todas apresentadas no Clube do Trabalhador.

CENÁRIOS E FIGURINOS

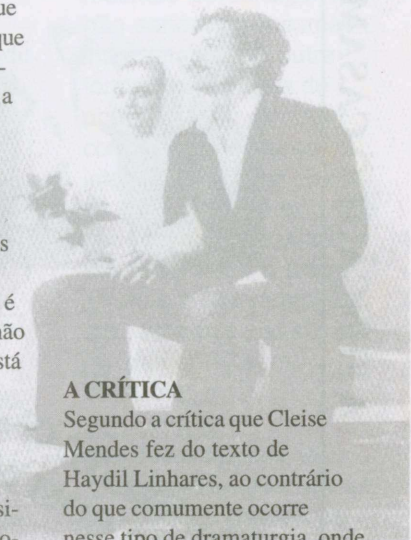
O cenário e figurino são totalmente despojados de qualquer requinte, bem simples como a realidade nordestina e ficaram a cargo do estudante de artes plásticas Antonio Pedra. No figurino, a roupa é velha, rasgada, gasta, o que segundo a diretora reflete completamente a realidade do nordestino pobre. Orlanita Ribeiro ressalta ainda uma coisa que atrai o público e que ela considera interessante é a presença de um conjunto regional com pandeiro, violão, sanfona, triângulo que arma um forró dentro da peça e faz o cortejo de um casamento. O cenário do primeiro ato é dividido em duas partes. Começa no interior, numa praça com uma igreja, e termina em São Paulo, que utiliza uma parede enorme para simbolizar os barracos e andaimes de aço, que a autora considera como parte mais forte que simboliza o paulista. Estes andaimes, com barras de aço absorvem o nordestino na construção. A diretora, que também faz a iluminação tentou fazer um jogo de luz está cheio de andaimes com barras de ferro e este é o símbolo mais apropriado para caracterizar São Paulo.

REVELAÇÃO

Orlanita Ribeiro elogia o trabalho e interpretação de Haydil Linhares que é pivô de "A Função do casamento", dizendo que ela é uma atriz inigualável porque é criadora de um tipo de personagem dentro do texto, devido a experiência e vivência além de um grande conhecimento da realidade nordestina.

Considera que há na peça duas grandes revelações o papel principal de "Ida e volta" que é Antonio Carlos Tavares que não é ator, estuda música, e que está sendo aplaudido em cena em todas as apresentações.

Uma outra revelação é uma funcionária da Escola de Música e Artes Cênicas, uma senhora de 40 anos cujo sonho era ser atriz e somente agora conseguiu entrar no palco e dá um grande show de interpretação. A produção desta peça foi feita com a colaboração de várias firmas da indústria baiana e segundo Orlanita Ribeiro, sem a colaboração dessas pessoas, a peça não poderia ser realizada pois o grupo não tinha um centavo para fazer a produção. Os dois textos que tinham sido contemplados com uma verba de patrocínio do SNI, mas até agora não receberam nada e o grupo que apresenta a peça tem esperanças que este dinheiro possa sair e somente assim poderão pagar a dívida que tiveram de fazer.



A CRÍTICA

Segundo a crítica que Cleise Mendes fez do texto de Haydil Linhares, ao contrário do que comumente ocorre nesse tipo de dramaturgia, onde as personagens são reduzidas a tipos empobrecidos e envelhecidos, aqui, o humano, rico e complexo não é despojado de sua sensibilidade quer alternando elementos cômicos e dramáticos em "A Função do casamento" quer na abordagem lírica de "Ida e volta".

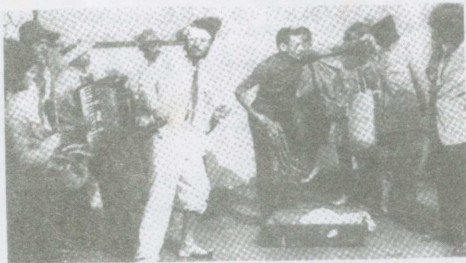
A produção desta peça foi feita com a colaboração de várias firmas da indústria baiana e segundo Orlanita Ribeiro, sem a colaboração dessas pessoas, a peça não poderia ser realizada pois o grupo não tinha um centavo para fazer a produção. Os dois textos que tinham sido contemplados com uma verba de patrocínio do SNI, mas até agora não receberam nada e o grupo que apresenta a peça tem esperanças que este dinheiro possa sair e somente assim poderão pagar a dívida que tiveram de fazer.

Antonio Carlos Tavares, Rita de Cássia, Maria de Lourdes Pita, José Ailton de Menezes, Antonio Nascimento, João Antonio Neto, entre vários outros.



"A FUNÇÃO DO CASAMENTO" TRIBUNA DA BAHIA

Ainda existe quem saiba criticar com bom humor



A utilização da literatura de cordel pelo teatro, nos anos 60, que na Bahia teve alcance muito grande através da bem sucedida investida do Teatro Livre da Bahia, abriu novos caminhos e opções para a formulação de novos estilos em busca de uma linguagem teatral brasileira popular, que unisse ao mesmo tempo, forma, objetivo, linguagem e conteúdo.

O resultado é que, passados mais de 10 anos que essas iniciativas começaram a se propagar e atingir uma dimensão nacional mais ampla, não se podia denunciar visíveis sinais de debilidade, falta de criatividade, falta de formatação, falta de um trabalho de pesquisa e de um mesmo gênero não se podia negar.

AINDA EXISTE QUEM SAIBA CRITICAR COM BOM HUMOR

A utilização da literatura de cordel pelo teatro, nos anos 60, que na Bahia teve alcance muito grande através da bem sucedida investida do Teatro Livre da Bahia, abriu novos caminhos e opções para a formulação de novos estilos em busca de uma linguagem teatral brasileira popular, que unisse ao mesmo tempo, forma, objetivo, linguagem e conteúdo.

ria ser uma difícil transição entre o "sério" 1º ato e o "hilarante" 2º ato, acontece natural e rapidamente, sem deslizes.

Agora Haydil, atriz e atriz — embora as coisas não sejam iguais — do uma interpretação nacionalista, talvez a melhor de Orlanita Ribeiro, recém-formada pela Emac — UFBA, e não esperávamos muito em função, principalmente, da inflação de textos "nordestinistas" que se verificou na teatrolgia brasileira nos últimos anos.

Também sob este aspecto "A Função do Casamento" e "A Ida e a Volta" são montagens felizes. Não há interpretações deficientes ou excessivamente caricatas (o que é uma tendência colonialista muito usual quando se enfoca uma realidade sertaneja interpretada por atores urbanos), e o nível de falhas (que existem) são bem menores, claramente, graças à seriedade e comprometimento de Orlanita Ribeiro, recém-formada pela Emac-UFBA, e não esperávamos muito em função, principalmente, da inflação de textos "nordestinistas" que se verificou na teatrolgia brasileira nos últimos anos.

O resultado é que, passados mais de 10 anos que essas

iniciativas começaram a se propagar e ganhar uma dimensão nacional mais evidente, não se podia denunciar visíveis sinais de debilidade, falta de criatividade, repetição de formulas com o único objetivo de ganhar dinheiro e mazelas do mesmo gênero. Com isso, o filão enfraqueceu-se e não teve o fôlego necessário para se renovar.

Portanto, a princípio, não esperávamos muito da dupla montagem "Ida e volta" e "A função do casamento" textos assinados pela atriz (competentíssima) Haydil Linhares e reunidos pela direção de Orlanita Ribeiro, recém-formada pela Emac — UFBA, e não esperávamos muito em função, principalmente, da inflação de textos "nordestinistas" que se verificou na teatrolgia brasileira nos últimos anos, acrescentando efetivamente muito pouco a essa teatrolgia.

Enganamo-nos completamente. Se, em alguns momentos "Ida e volta" (1º ato) é um texto de notórios esforços para escapar à monotonia repetitiva, e em outros, é de comovente expressão social e humana. "A função do casamento" (2º ato) devolve ao espectador a possibilidade sempre bem vinda do riso, através de uma trama simples e sem apelações, sustentada numa interpretação impecável de uma das maiores atrizes baianas de todos os tempos: Haydil Linhares.

Como interprete, Haydil supera os próprios personagens que criou, fazendo crer que essas mesmas personagens não seriam as mesmas interpretadas de outra forma. A fácil linha de ação do texto também colabora para manter o interesse vivo em todos os espectadores e, o que poderia ser uma difícil transição entre o "sério" 1º ato e o "hilarante" 2º ato, acontece natural e rapidamente, sem deslizes.

Agora Haydil, atriz já consagrada — embora as boas oportunidades de sua carreira não tenham lhe permitido uma afirmação nacional efetiva, talvez por opção pessoal — Orlanita Ribeiro contou com recursos totalmente amadores, a começar pelo elenco, formado em parte por atores jovens e inexperientes ao lado de gente que jamais pisou no palco.

Também sobre este aspecto "A função do casamento" e "Ida e volta" são montagens felizes. Não há interpretações deficientes ou

excessivamente caricatas (o que é uma tendência colonialista muito usual quando se enfoca uma realidade sertaneja interpretada por atores urbanos), e o nível de falhas (que existem) se dá menos claramente, graças à correta movimentação de cena, que permite, nas exíguas dimensões do Teatro do Senac, que até 16 atores contracenem sem atropelos.

O sabor da alegria e a constatação da injustiça, impunidade e solidão absoluta do homem, convivem em insólita harmonia nos dois textos de Haydil, textos marcados pelo bom humor de idéias simples, mas conscientes e conscientizadores quando impõem intermitente reflexão. Não há dúvida de que a intenção de Orlanita Ribeiro em sua segura direção foi realçar exatamente esse contraste alegria/tristeza, vida em comunidade/solidão, a impotência do fraco e a soberba do forte, e, mais uma vez, acertou em cheio.

"ida e volta" e "A função do Casamento" são espetáculos que não escondem a sua base semi-amadorística e revelam despojada sinceridade ao não pretender esconder essa base. Mas que, do começo ao fim, vive com correção e limpeza, duas histórias autênticas, sinceras, lúcidas e que todos deveriam ter oportunidade de ver, porque tem havido poucas oportunidades como esta de se divertir num espetáculo de teatro, vendo respeitado o seu bom gosto e a sua inteligência.

"A Função do Casamento" no Pelourinho



Hoje e amanhã, às 21 horas, o Teatro do Senac apresenta a peça "A Função do Casamento" de Haydil Linhares, dirigida por Orlanita Ribeiro. O espetáculo é produzido por Ricardo e dirigido por Orlanita Ribeiro. A peça é uma adaptação de um texto de Orlanita Ribeiro. O espetáculo é apresentado pelo Grupo de Teatro do Senac, com o apoio da Prefeitura Municipal de Salvador.

Tribuna da Bahia
Novembro/1977

Haidyl Linhares, o Teatro no Sangue, os Pés na Terra

Um teste vocacional. As vésperas da Universidade, optava-lhe três carreiras: psicologia, direito e teatro. Haidyl optou pelo teatro, apesar das pressões familiares contrárias a uma carreira artística.

Mesmo assim, ela passou a frequentar o curso de Interpretação na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, a princípio apenas como ouvinte, mais tarde como aluna regularmente matriculada. Em seguida, iniciou o curso de direção teatral, que abandonou um mês antes de se formar.

Mas Haidyl Linhares, hoje uma das mais conceituadas atrizes baianas, só pisou profissionalmente o palco em 1968, pela mão de João Augusto, na peça "Stopem, Stopem". Anos depois, a "História de Tobias", um trabalho realizado na Escola de Teatro, tinha lhe proporcionado as primeiras

emoções como atriz.

Teatro e Educação

Apasionada por teatro, visceralmente ligada a ele por uma vocação que é quase uma predestinação, Haidyl não parou mais de interpretar, segundo ela, entregando-se a cada trabalho com o mesmo respeito e o mesmo amor. Por isso, ela não considera um trabalho mais importante que o outro. Em alguns deles, entretanto, sentiu-se mais realizada como atriz. É o caso de "Cordel II", dirigido por João Augusto, no qual sua participação foi considerada pelo público, pela crítica e pelos próprios colegas, como uma das mais ricas e originais de todos os tempos na Bahia. Haidyl cita também a peça dirigida por



1a - a autora e as peças que estão em cartaz no Teatro Senac

Um teste vocacional, às vésperas da Universidade, apontava-lhe três carreiras: psicologia, direito e teatro. Haydil optou pelo teatro, apesar das pressões familiares contrárias a uma carreira artística.

Mesmo assim, ela passou a frequentar o curso de Interpretação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, a princípio apenas como ouvinte, mais tarde como aluna regularmente matriculada. Em seguida, iniciou o curso de direção teatral, que abandonou um mês antes de se formar.

Mas Haydil Linhares, hoje uma das mais conceituadas atrizes baianas, só pisou profissionalmente o palco em 1968, pela mão de João Augusto, na peça "Stopem stopem". Anteriormente, a "História de Tobias", um trabalho realizado na Escola de Teatro, tinha lhe proporcionado

as primeiras emoções como atriz.

TEATRO E EDUCAÇÃO

Apasionada por teatro, visceralmente ligada a ele por uma vocação que é quase uma predestinação, Haydil não parou mais de interpretar, segundo ela, entregando-se a cada trabalho com o mesmo respeito e o mesmo amor. Por isso, ela não considera um trabalho mais importante que o outro. Em alguns deles, entretanto, sentiu-se mais realizada como atriz. É o caso de "Cordel II", dirigido por João Augusto, no qual sua participação foi considerada pelo público, pela crítica e pelos próprios colegas, como uma das mais ricas e originais de todos os tempos na Bahia. Haydil cita também a peça dirigida por Deolindo Checucci "O futuro está nos

ovos”, como um dos trabalhos mais completos de sua carreira. Uma carreira que se limitou aos palcos baianos, embora Haydil já tenha recebido e recusado convite para atuar em São Paulo. Ela prefere ficar por aqui “onde ninguém pode viver de teatro” tentando superar as inúmeras dificuldades, enfrentando a falta de condições e de público, sacrificando-se em nome do que ela considera uma “irresistível vocação”.

Interessada em educação, ela sempre gostou de teatro infantil e esse gosto vem se transformando pouco a pouco, numa especialidade. As razões são muitas. Uma delas chama-se Poliana, sua filha de dois anos e meio, mais que um estímulo: “Ela é tudo pra mim, está por trás de todos os meus passos”, afirma Haydil. Além de interpretar, ela também tem escrito peças infantis, estando às vésperas de terminar uma delas e tendo já pronta, de parceria com a escritora Cleise Mendes, “Te cuida, Cinderela”. Esse ano, a peça “A roupa nova do rei” trouxe-lhe muitas alegrias. Seu interesse por crianças decorre também de uma ligação profissional. Haydil é professora de teatro na comunidade do Maciel, da Fundação Pelourinho. Esse é um trabalho que ela considera fascinante e do qual fala com visível entusiasmo: “Existe muita confusão relativa ao

ensino do teatro. Nas escolas, os diretores se interessam por montagens, botar as crianças em cima do palco para representar. A função do ensino do teatro a crianças não é essa: é fazer com que as crianças criem e se expressem por intermédio da arte de interpretar. Dar-lhes coisas prontas para repetir não tem nenhum valor. A educação pelo teatro é uma coisa muito mais ampla e muito mais séria. Mas do mesmo modo que nós, atores, não fomos preparados para educar, é uma coisa mais intuitiva, os educadores também não foram preparados para receber o teatro em suas escolas. Mas, aos poucos, essa mentalidade deverá mudar”.

ATRIZ E AUTORA

Atualmente, Haydil está todas as noites no Teatro Senac, liderando um elenco de 24 pessoas, na sua maioria estreantes, na montagem de duas peças de sua autoria, produzidas e dirigidas por Orlanita Ribeiro. Trata-se de “Ida e volta”, *um poema teatral*, *um monólogo*, segundo Haydil e “A função do casamento”, uma peça realista.

Nesses espetáculos, como em muitos outros, foi preciso vencer uma série de grandes obstáculos: a falta de verbas, promessas não cumpridas de ajuda por parte de órgãos oficiais e as dificuldades de

divulgação e publicidade, que, nesse caso, prejudicaram a bilheteria: o espetáculo estreou quase em silêncio, com a casa vazia, o que resulta em desestímulo para os atores. Mas Haydil já formou uma consciência e uma visão bem ampla da situação do teatro na Bahia. E, sem revolta, nem sonhos, ela advinha as deficiências, absorve as impossibilidades e trabalha com suas próprias armas para realizar trabalhos dignos. Dessas armas, a mais poderosa é o seu talento. *Um dos problemas do atual teatro baiano é a falta de nível de alguns espetáculos. O público que senta na platéia para assistir a determinadas peças, nunca mais volta ao teatro. A responsabilidade de atores, diretores e produtores, é, portanto, tão grande quanto a do governo, que deveria oferecer maior número de casas de espetáculos e verbas maiores.*

Uma das peças em cartaz no Senac, “Ida e volta”, aborda um tema regionalista. Devido à sua ligação com o teatro de Cordel, que deu popularidade a seu nome na Bahia, Haydil se viu involuntariamente ligada ao teatro regional. Embora isso tenha sido considerado uma especialidade sua, ela afirma não ter nenhum envolvimento, nem preferência por esse tipo de teatro. *Se a peça é boa, ela é universal, o homem é funda-*

mentalmente o mesmo em todos os lugares e todos os momentos. Sem essa de regionalismo, diz ela.

No cinema, ela estreou num filme dirigido por Álvaro Guimarães, chamado “Moleque de rua”, de todos o que mais gostou de fazer. Mais tarde, integrou o elenco de “Meteorango Kid”, de André Luiz, onde interpretou uma velha de 86 anos, segundo ela, uma composição difícil, mas altamente gratificante, onde teve oportunidade de criar livremente em cima do personagem. E houve ainda “D. Flor”, onde fez o segundo papel feminino.

Por outro lado, a televisão não lhe atrai, sobretudo aqui na Bahia, onde fazer televisão é muito difícil, por falta de uma infra-estrutura adequada.

Entretanto, ela fala dos assuntos relacionados com o teatro baiano e brasileiro, com uma certa isenção. No fundo, não está ligada a nada mais além do gosto por interpretar e escrever. *Em teatro, só me interessa por ser atriz e por escrever. Quero escrever cada vez mais.*

TEATRO *MOSTRA* OS DRAMAS DO NORDESTE BRASILEIRO

Os anseios do nordestino, suas frustrações, a busca e a desilusão da cidade grande e, finalmente, o amor a sua terra e a sua gente estarão sendo mostrados ao público baiano até o dia 11 de dezembro no Teatro Senac, no Pelourinho, através de duas peças de autoria de Haydil Linhares sob a direção de Orlanita Ribeiro e participação de 20 atores, a maioria, estreante que, apesar de novos, não chegam a prejudicar o nível do trabalho.

“Ida e volta” e “A função do casamento” são dois trabalhos apresentados,

em aproximadamente 1h 30min, onde, sem apelar para o sensacionalismo ou exagero, é revelado o sofrimento do nordestino. Embora apresentem temas diferentes, o comportamento das personagens tanto em uma como em outra peça é semelhante e transmite ao público uma só mensagem.

A força e o colorido das peças de Haydil, segundo comenta Cleise Mendes, residem na capacidade de conjugar fala e ação características de um contexto cultural e através disso, traçar um quadro vivo dos costumes.

DESENGANO

Na opinião de Orlanita Ribeiro, responsável pela montagem e direção das peças, apesar de abordarem uma mesma temática elas apresentam uma diferença porque, em “Ida e volta” Haydil Linhares mostra a saída do nordestino para São Paulo, suas frustrações na cidade grande, a volta ao local de origem enquanto em “A função do casamento” é retratado o *nordestino que não sai* mesmo com a seca a perda da lavoura ou ainda, a exploração do pequeno latifundiário para com o camponês. Na primeira, Lucas e Marta, respectivamente, interpretados por Antonio Tavares, estreante, mas considerado pela crítica como excelente, e Haydil Linhares, uma das maiores atrizes brasileiras são levados por um filho para São Paulo e, com eles, a esperança de conseguir aquilo que não puderam conseguir no Nordeste. A falta de adaptação e as

A TARDE

SEXTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1977



Um dos aspectos mais dramáticos da vida nordestina em palco de Salvador.

Teatro mostra os dramas do nordeste brasileiro

Os anseios do nordestino, suas frustrações, a busca e a desilusão da cidade grande e, finalmente, o amor a sua terra e a sua gente estarão sendo mostrados ao público baiano até o dia 11 de dezembro no Teatro Senac, no Pelourinho, através de duas peças de autoria de Haydil Linhares sob a direção de Orlanita Ribeiro e participação de 20 atores, a maioria, estreante que, apesar de novos, não chegam a prejudicar o nível do trabalho.

“Ida e Volta” e “A Função do Casamento” são dois trabalhos apresentados, em aproximadamente 1h 30min, onde, sem apelar para o sensacionalismo ou exagero, é revelado o sofrimento do nordestino. Embora apresentem temas diferentes, o comportamento das personagens tanto em uma como em outra peça é semelhante e transmite ao público uma só mensagem.

“A força e o colorido das peças de Haydil”, segundo comenta Cleise Mendes, “residem na capacidade de conjugar fala e ação características de um contexto cultural e através disso, traçar um quadro vivo dos costumes”.

Na opinião de Orlanita Ribeiro, responsável pela montagem e direção das peças, apesar de abordarem uma mesma temática elas apresentam uma diferença porque, em “Ida e Volta” Haydil Linhares mostra a saída do nordestino para São Paulo, suas frustrações na cidade grande, a volta ao local de origem enquanto em “A Função do Casamento” é retratado o *nordestino que não sai* mesmo com a seca a perda da lavoura ou ainda, a exploração do pequeno latifundiário para com o camponês. Na primeira, Lucas e Marta, respectivamente, interpretados por Antonio Tavares, estreante mas considerado pela crítica como excelente, e Haydil Linhares, uma das maiores atrizes brasileiras são levados por um filho para São Paulo e, com eles, a esperança de conseguir aquilo que não puderam conseguir no Nordeste. A falta de adaptação e as dificuldades da cidade grande geram um desequilíbrio nos velhos e eles acabam voltando para morrer na terra onde as pessoas se entendem, cumprimentam-se e se conhecem. De passo a passo e sem sapato nem lugar para aportar.

Tomando como célula dramática o momento de desabafo de uma mulher no consultório do analista, Haydil Linhares constrói uma situação de grande força cênica que se revela pouco a pouco diante do espectador como a cena típica da angustia moderna.

O método do texto, rigoroso sob a aparência caótica da superfície, é o associado verbal imediato, do fluxo de palavras que explodem em livre seqüência, liberando a enorme perplexidade de um ser humano diante de si mesmo e de seu tempo. Prisioneira da linguagem – como todos nós – a personagem busca através de um falar desenfreado, a esmo, reunir os pedaços do seu corpo estilhaçado.

“Vomitarse”, diz ela, ou seja, fazer emergir a imensa base oculta do “iceberg” de medos, frustrações, proibições, à custa dessa pequena ponta de ironia e sarcasmo que é possível mostrar ao mundo.

E assim uma mulher angustiada fala, zomba, escarnece das próprias e alheias feridas, deixa-se afogar na torrente da linguagem para pescar o que resta de si mesma, pois como disse Clarice Lispector a palavra é a isca para pescar a coisa.

O texto imita a cena e a técnica analítica da livre associação, mas esta, por sua vez, nasce ao imitar a cena da linguagem, o jogo dos sons que carregam o sentido, sempre fluido e fugidio, e que detona novos sons, que ecoam novos sentidos, e assim sucessiva e circularmente. Neste círculo de busca, a personagem se perde e se acha ao dizer-se, pois constrói/destrói seu discurso e é por ele moldada e dilacerada.

É esta condição de falante incansável, de ser predestinado às malhas da linguagem como um peixe à sua água que permite ao homem conhecer-se, engendrando no mesmo movimento o assombro, a especulação da sombra, e uma possível luz.

Justina, Mulher crédula, parteira, mãe de todos, crendo na justiça dos homens: “Seu pai era um homem e tanto. Arrespeitado até ali. Só por isso eu deixo você vadiá aqui. E tome tenência em sua vida. Crementino, você não arrespeita fãmia? Ainda vai acabar mal. Vai acabar na mão da justiça. Quem não ouve conselho, ouve coitado. A justiça não manca, não, Crementino”.

Justina, mulher sofrida e cansada, cabeça confusa pelo despropósito que a rodeia, mulher-mandacaru, roubada de suas últimas certezas, seca.

“Por esta luz que me alumia, como estou arrependida. Nunca mais eu apercuro justiça na terra. Nunca mais!”

Esta evolução da personagem central de *A função do casamento* da inocência à revolta assemelha-se ao desengano de Lucas (*Ida e volta*) frente à utopia da cidade grande.

“De passo a passo, e sem sapato nem lugar para aportar. Não sei quem sou ou se sou. Amanhece e anoitece e eu nem dormi”.

A força e o colorido das peças de Haydil Linhares residem na capacidade de conjugar fala e ação características de um contexto cultural e através disso traçar um quadro vivo de costumes.

Sem recorrer a uma visão politiqueira, minimizadora e restrita, suas personagens nos são apresentadas por inteiro, social e psicologicamente, em seus conflitos com o meio e em suas íntimas ânsias e contradições.

Ao contrário do que comumente ocorre neste tipo de dramaturgia, onde as personagens são reduzidas a tipos empobrecidos e envelhecidos, aqui o humano, rico e complexo não despojado de sua sensibilidade, quer alternando elementos cômicos e dramáticos, como em *A função do casamento*, quer na abordagem lírica de *Ida e volta*.

Quarta-feira, 24 de Maio de 2000

A volta de uma dama apaixonada pelo teatro

Após dez anos longe dos palcos, Haydil Linhares regressa em *A mulher sem pecado*

Claudia Lessa

"Teatro é vida". A frase, repetida obstinadamente por Haydil Linhares, resume a biografia da veterana atriz. De volta aos palcos, com a peça *A mulher sem pecado* (em cartaz na Sala do Coro do TCA), a artista baiana parece não se ater ao tempo. Péssima guardadora de datas, ela mal se lembra quando foi o seu último trabalho – *Histórias que o povo conta*.

"Acho que foi há mais de dez anos", arrisca. Mas, isso pouco importa para quem, beirando os 70 anos, continua defendendo a arte de representar como um meio de sobrevivência física e espiritual.

Iniciando-se no tablado nos anos 60 – fazendo cordel cênico com o diretor João Augusto (com quem trabalhou por oito anos) –, Haydil Linhares é tida como uma referência na lista de atores baianos da velha-guarda. "Ela é muito criativa e sensível. É uma das grandes atrizes brasileiras, principalmente dentro da comédia", atesta a diretora e atriz Yumara Rodrigues.

No começo da carreira, a artista – que atualmente dirige o Teatro Miguel Santana – chegou a ser chamada de "primeira dama" do teatro de cordel de Salvador. Aversa a rótulos, ela retruca: "Se

você faz um bom trabalho em determinada linha, passa a ser convidada sempre para fazer aquele mesmo papel. Mas não sou uma atriz de cordel, até porque o ator tem que ser versátil. Gosto de atuar em qualquer gênero, seja comédia ou drama".

Despojada de vaidades, Haydil Linhares conta sua história de vida como se tivesse narrando um filme de enredo comum. Em toda a sua trajetória – seja na tevê, no cinema ou no teatro –, procurou ter o cuidado de não deixar que a exposição de sua imagem corrompesse a dignidade.

Nunca escondeu sua maior paixão: o teatro. Na verdade, ela deixa à mostra sua "dependência química" com as artes de um modo em geral. "Desde menina sinto essa necessidade. Não saberia viver sem a arte e não consigo entender como as pessoas suportam a vida sem fazer algum tipo de trabalho artístico", revela a atriz que, nas horas vagas, mexe com cerâmica, desenhos e pintura.

Mas é mesmo o teatro que move Haydil. "Se fosse autoridade, obrigaria todo mundo a fazer teatro pelo menos um ano, mesmo se não tivesse pretensões em se tornar ator ou atriz". Ela justifica: "As artes cênicas mexem com a sensibilidade e a criatividade, e funcionam como uma catarse. É a arte mais integrada que existe". A artista faz parte de uma geração que enfrentou a resistência familiar em relação à profissão. "Sou da época em que fazer teatro significava estar se prostituindo. Meus pais, como todos daqueles tempos, não queriam um filho nessa área".

Haydil resistiu aos preconceitos e ingressou na Escola de Teatro da UFBA. "Hoje, felizmente, teatro deixou de ser marginal, para ser cultural". Por um longo período de sua vida ("acho que por mais de 15 anos"), Haydil se dedicou ao projeto

de Integração pela Arte, idealizado pelo Ipac e realizado junto às comunidades carentes do Maciel. "Fazia um trabalho com arte em educação com crianças, adolescentes e adultos. Infelizmente acabou", lamenta.

O ex-aluno Edmilson Andrade é um dos bons frutos dessa iniciativa. "Hoje, ele é professor de educação artística e escreveu o libreto *O ladrão feliz*, traduzido para o alemão e inglês", orgulha-se.

Através desse trabalho de arte educativa, Haydil ensinou para seus alunos uma lição que, para ela, deve ser entendida como algo inerente à toda uma vida: "Um dia você pode ser aplaudido de pé e se sentir um Deus; no outro, pode ser vaiado e até pensar que está em ruínas". Por nunca ter sido acometida de ambições materiais, Haydil se sente uma pessoa "extremamente feliz com o pouco que tem, e por tudo que já fez profissionalmente, inclusive os personagens secundários". Projetos para o futuro, brinca, só tem um: "Viver, simplesmente".

TEATRO, CINEMA E TEVÊ

A mulher sem pecado, peça de Nelson Rodrigues, montada por Ewald Hackler, é a primeira atuação de Haydil Linhares depois de mais de dez anos afastada dos palcos. Seu último trabalho como atriz foi no espetáculo *Histórias que o povo conta*, dirigido por Yumara Rodrigues. Disposta a se envolver em outros projetos teatrais (por enquanto, em segredo), a artista revê sua trajetória no teatro, na tevê e no cinema com a tranqüilidade de quem sempre fez o que quis: mexer com arte.

Saber em quantas peças Haydil atuou e, principalmente, em quais períodos, é uma tarefa um tanto embaraçosa. "Não é por que estou velha

que não guardo datas. Tenho essa dificuldade desde mocinha", explica.

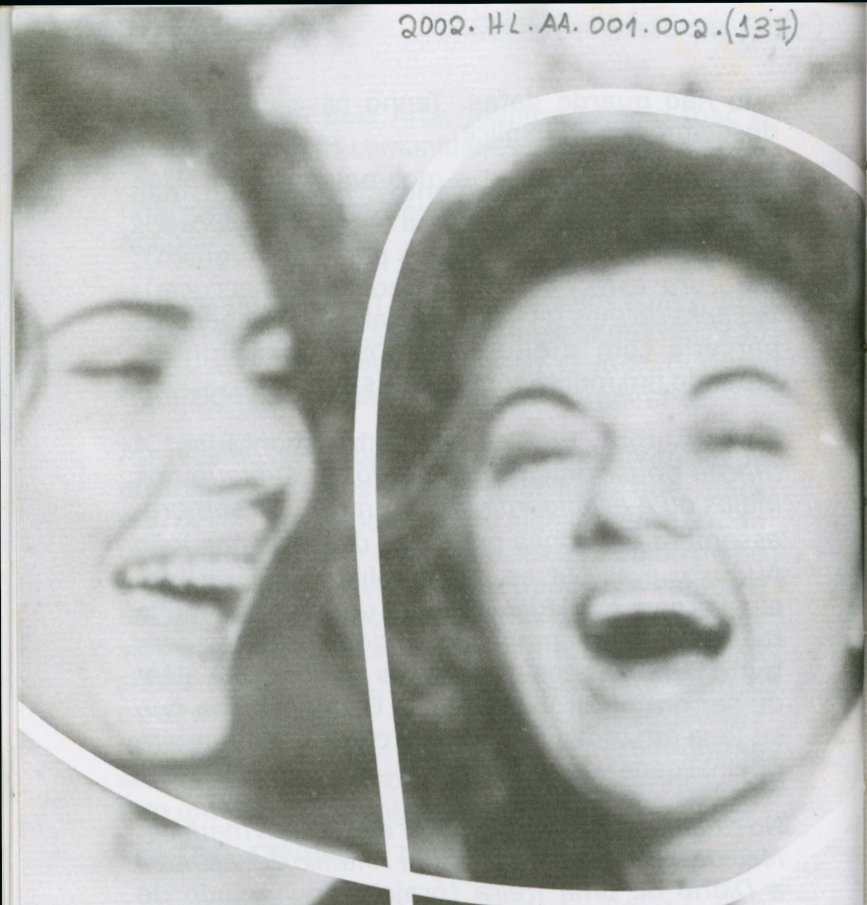
Os trabalhos mais marcantes, no entanto, não lhe escaparam da memória: *Os sete pecados capitais e Cordel 2* (dirigidos por João Augusto); *O futuro está nos ovos* (Deolindo Checcucci); *Véspera de Reis* (Martim Gonçalves). Também fez parceria com o diretor Manoel Lopes Pontes, atuando em montagens infantis.

Como autora, tem quatro textos montados: *A função do casamento; Ida e volta; O pique dos índios ou A espingarda de Caramuru e A sombra, assombra* – as duas primeiras dirigidas por João Augusto e as outras, por Deolindo, que só tem elogios para a colega: "Haydil é uma atriz de muito talento, extremamente profissional, que faz bem tanto personagens dramáticos ou cômicos, além de ser dramaturga e pintora. É uma pessoa que se joga em todas as áreas de criação, com muita originalidade".

No cinema, atuou em *Dona flor e seus dois maridos; Meteorango Kid; Abracadabra; Antônio Conselheiro e Diário de uma freira* (projeto engavetado de Araripe Jr.), "entre outros em que fiz figurações".

Na televisão, teve uma passagem fugaz nas novelas *Ave de arribação e Passeio de câmara*, além de ter participado na novela *Renascer* e no seriado *Tereza Batista*, ambos da Rede Globo.

Agora, volta ao palco com um papel de difícil composição, que não fala e passa o tempo todo sentada numa cadeira de rodas, na peça *A mulher sem pecado*. "Tenho respeito por todos os personagens que fiz. Nenhum papel é insignificante", arremata.



PERFIL



HAYDIL LINHARES

Marcos Uzel

O mundo dos terreiros de candomblé tinha Mãe Senhora como a grande figura religiosa na Bahia dos anos 50. Marta Rocha, a Miss Brasil de olhos claros e dona das famosas duas polegadas a mais, era uma deusa no imaginário popular dos baianos. A cidade ligava o rádio para ouvir as canções de Dorival Caymmi e os sambas de Batatinha e Riachão. A farra andava de mãos dadas com a vida intelectual. Criação e vitalidade eram palavras chaves.

A vida soteropolitana se deixava oxigenar pela política cultural inovadora do reitor Edgard Santos na então Universidade da Bahia, as idéias vanguardistas da arquiteta Lina Bo Bardi, a dança contemporânea da polonesa Janka Rudkza, o teatro de Eros Martim Gonçalves. Também o Clube de Cinema da Bahia, a música dodecafônica de Hans Koellreuter, o axé de Olga de Alaketu e Mãe Menininha do Gantois, a literatura de Jorge Amado. Havia nas ruas o cordel de Cuíca de Santo Amaro, o carnaval dos Filhos de Gandhi, a ginga da capoeira dos mestres Bimba e Pastinha. E muito, muito mais. Foi nessa fase única da vida baiana, lá pelo final dos anos 50 e início dos 60, que Haydil Linhares abraçou espontaneamente uma aptidão. Viveu uma época inesquecível desse farto universo cultural e foi uma espectadora apaixonada pelas artes. Virou atriz. Nascida em Ribeira do Pombal e criada em Itapicuru, ela deixou o interior baiano e seguiu para Salvador na adolescência, a fim de fazer o curso ginásial. Naquela época, a cidade de pouco mais de 400 mil habitantes era tão pequena que chegou a ganhar o título de “a mais limpa

do Brasil”, pois os garis conseguiam varrê-la por inteiro. Haydil sequer sonhava com os palcos. Mas a indefinição por uma carreira a levou a fazer um teste vocacional. O resultado apontou para as áreas de jornalismo, direito e teatro. Sem crises ou confusões mentais, ela optou pela Escola de Teatro da Universidade (hoje Federal) da Bahia. E nós ganhamos a nossa “primeira dama” do teatro de cordel. Isso não é um rótulo e, sim, uma exaltação a essa respeitável senhora de 67 anos.

Com quatro décadas de carreira completadas neste ano de 2002, Haydil Linhares atravessou décadas interpretando uma galeria de personagens expressivos, em sua maioria marcados pela comicidade e forte identificação com a cultura popular. Trabalhou durante muito tempo com o diretor João Augusto, que a lançou em 1962 no espetáculo *Stopem stopem*. Muita gente riu e se encantou com o talento da atriz para viver papéis cordelescos nas várias montagens encenadas no Teatro Vila Velha na década de 60, contribuindo para dar visibilidade à cena baiana. Diretor do Teatro Livre da Bahia, João Augusto liderou um movimento popular de boa aceitação junto ao público local. As histórias do povo, retratadas a partir da literatura de cordel, eram temas recorrentes no trabalho, em clima de humor e habilidade cênica contagiantes.

ESPÍRITO LIVRE

Haydil detesta sapato alto. Roupa apertada, nem pensar. Diz gostar da leveza, do espírito livre. Foi por isso que preservou o ritual de subir no tablado descalça. “João Augusto permitia essa liberdade. Com ele, a gente podia tirar o sapato numa boa. Até hoje, quando faço isso, me sinto à vontade, íntima, em casa”, acrescenta a atriz com espontaneidade. Seu primeiro diretor é uma referência constante: “João me fez aprender muita coisa. Era um homem culto, inteligente, criativo, embora nem sempre fosse uma pessoa fácil de se lidar. Ele foi meu grande professor na vida e no teatro. Como teatro é vida...”, compara, referendando a memória do líder da Sociedade Teatro dos Novos, formada na época por um grupo de jovens

artistas que disseram adeus ao fundador da Escola de Teatro, Martim Gonçalves, depois de brigas ferrenhas. Saber em quantas peças atuou – e em quais períodos – é uma tarefa árdua para Haydil Linhares. Pouco sobrou de documentação no seu arquivo pessoal. Apenas algumas fotos envelhecidas e matérias publicadas na imprensa baiana. A atriz não se prende a datas, não gravou nenhuma cronologia e não sabe direito nem como começou a sua história nos palcos. Para ela, nada disso parece importar. Ao tentar puxar da memória alguns fatos de sua carreira, ela acaba desistindo e trocando os números pela repetição de uma de suas frases preferidas, simples e determinante: “Teatro é vida”. Ou seja, o que ficou na memória afetiva está eternizado sem nenhum compromisso com o tempo.

Embora não saiba a quantidade, Haydil participou de muitos espetáculos. Entre eles, *Cordel 2 e Os 7 pecados capitais* – nos anos 70, no auge do seu ofício, dirigida por João Augusto. Mas também esteve próxima de outros encenadores: Martim Gonçalves (*Véspera de reis*), Deolindo Checucci (*O futuro está nos ovos*), Yumara Rodrigues (*Histórias que o povo conta*) e Manoel Lopes Pontes (em várias peças infantis), entre outros trabalhos.

Ela lembra que nos anos 60, uma geração teatral estava, de um modo geral, ligada a outras formas de arte, como a dança e a música. Podia-se ver, circulando pelo ambiente cultural da academia ou pela noite farrista de Salvador, os atores Othon Bastos, Nilda Spencer, Jurema Penna, Geraldo Del’Rey e Mário Gusmão, entre outros, esse último o primeiro artista negro a fazer um curso de artes cênicas dentro dos muros da Universidade da Bahia. Era no casarão do Canela, onde continua sediada a Escola de Teatro da Ufba, que aconteciam os tradicionais crepúsculos de sexta-feira, quando o reitor Edgard Santos deixava seu gabinete e ia tomar chá em companhia do diretor Martim Gonçalves e de alguns estudantes, todos ao redor de um pequeno lago que não existe mais.

“Naquela época, eu tinha o privilégio de assistir às aulas de mestres como Ariano Suassuna e Gianni Ratto”, destaca a atriz,

para quem – insiste sem pieguismo – a arte é a grande companheira. E dela também não escapa a repetição de um comentário clássico entre as mulheres de sua geração: “Fui fazer teatro numa época em que o preconceito não era brincadeira. Socialmente, ser atriz era o mesmo que abraçar a prostituição”. Mas Haydil deu uma banana para a rotina de dona de casa e varreu a vida burocrática, certinha. Tirou os sapatos e foi fazer o seu ritual. “Até hoje, cada vez que eu piso no palco, é como se fosse a primeira vez”, emociona-se introspectiva, sem derramamentos.

LOUCA PACÍFICA

O mais recente trabalho de Haydil Linhares na área foi *A mulher sem pecado*, primeira montagem do diretor alemão Ewald Hackler para uma obra de Nelson Rodrigues. O silêncio expressivo da atriz em cena dizia tudo. No papel da “louca pacífica” Dona Aninha, ela exacerbava doses de generosidade e amor ao teatro sem dar uma palavra sequer durante toda a peça. Era exposta ao público enrolando apenas um paninho no fundo do palco, sentada numa cadeira de rodas. O espetáculo estreou no Outono de 2000, na Sala do Coro do Teatro Castro Alves, fazendo a veterana atriz retornar às coxias e camarins, depois de mais de dez anos de afastamento.

“Havia me ocupado com outras coisas e não voltei por falta de oportunidade”, explica, ressaltando o quanto foi difícil, nesse retorno, enfrentar o silêncio dramático de Dona Aninha, a mãe vegetativa do personagem Olegário, vivido pelo protagonista Harildo Deda, um velho conhecido da atriz. O papel em nada lembrava as atuações que a destacaram na década de 70. Haydil, que sempre foi avessa a rótulos, adorou se sentir versátil: “Quando você é convidada para fazer uma comédia e dá certo, os diretores passam a te convidar sempre para ser comediante. Mas em teatro ou você faz qualquer papel ou então fica limitado. O bom é o desafio da criação”.

Essa convicção também foi estendida a outras linguagens. No telão, ela interpretou nada menos do que o segundo papel feminino mais importante do longa-metragem *Dona Flor e*

seus dois maridos, de Bruno Barreto, a maior bilheteria do cinema brasileiro em todos os tempos. Norminha – a amiga da protagonista vivida por Sônia Braga – era o nome da personagem.

Haydil conta que a experiência deixou lembranças deliciosas em sua memória afetiva: “Era bem diferente do teatro. Na hora de incorporar o papel, a vontade era de ir com tudo, mas aí não dependia só do ator. Tinha a boa vontade do sol, por exemplo. Em teatro, não. A gente só depende do palco – e pode ser qualquer um”. O contato com a televisão também aconteceu. Sua mais recente participação em produções televisivas foi na novela global *Renascer*, de Benedito Rui Barbosa, levada ao ar em 1993.

Mas a intimidade e a realização mais plena sempre estiveram no teatro, onde tudo podia ser permitido, sem conservadorismo, desde que fizesse sentido e tivesse um valor de comunicação. A atriz lançada nos anos 60 conta que nunca precisou tirar a roupa em cena, mas diz que se a nudez expressasse algo importante dentro do contexto de um espetáculo, ela não hesitaria em se despir. “O fundamental é saber o que dizer e a quem dizer. A receita para se comunicar bem com o público é ter consciência do que está sendo feito, dito e vivido. A fala não é uma coisa solta, à toa. Qualquer gesto em cima de um palco deve ter algum significado, pois haverá sempre alguém na platéia observando tudo. Quando estou em cena, não posso perder de vista que alguém sentou na minha frente para ouvir o que eu tenho a dizer”.

Talvez por isso ela nunca tenha achado difícil fazer teatro popular. “Sou uma atriz bem brasileira. Já improvisei muito em minha carreira e tive platéias bem generosas. Em teatro, nada é difícil, mas também nada é fácil”, sintetiza. Despojada de deslumbramentos, Haydil Linhares foi modesta até no momento de agradecer a bela homenagem que recebeu em março de 2001, durante a entrega do Prêmio Copene de Teatro aos escolhidos como os melhores da cena baiana de 2000. Ao ganhar uma estatueta das mãos do ator Harildo Deda, a atriz, com os pés descalços, simplesmente agradeceu: “O que dizer mais? Obrigada, obrigada, obrigada!”.

PALAVRA DE ARTISTA

Haydil Linhares se revelou primeiro nos palcos, mas, juntamente com suas interpretações, foi ganhando força a vontade de também se expressar pela palavra escrita, através de peças e poesias. “Não sei se sou escritora ou poeta. O que sei é que às vezes vem um desejo profundo de externar pensamentos, dizer coisas que me tocam, que eu testemunho e vivo, mesmo que ninguém vá ler. Escrevo por necessidade”, diz a atriz, que nos bastidores sempre se achou tímida e introspectiva. Como dramaturga, ela produziu os textos *A função do casamento*, *Ida e volta*, *A sombra assombra*, *O pique dos índios* ou *A espingarda de Caramuru*, documentados nesta publicação, entre outros.

Haydil Linhares revela que todas as peças de sua autoria foram encenadas por diretores do teatro baiano, de *A sombra assombra* (seu texto mais dramático) às abordagens regionais de *Ida e volta* e *A função do casamento* (que tratam dos conflitos do homem do campo, jogado nas grandes cidades, perdido e sem vínculos). “Nesses anos todos, o grande benefício que a arte me deu foi fazer eu me sentir viva. É uma questão de sobrevivência física e espiritual”, dimensiona a atriz, que mexe ainda com cerâmica, desenhos e pintura, além de dirigir o Teatro Miguel Santana, no Pelourinho.

Durante mais de 15 anos, ela se dedicou ao projeto de Integração pela Arte, idealizado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (Ipac) e realizado junto às comunidades carentes do Maciel-Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador. Às crianças, adolescentes e adultos com quem trabalhou na época, ensinou: “Um dia você pode ser aplaudido de pé e se sentir um deus. No outro, pode ser vaiado e até pensar que está em ruínas”.

Vivida, Haydil Linhares diz guardar da juventude as lembranças do melhor tempo de sua existência. Época em que assistia com prazer aos eventos culturais na efervescente Universidade da Bahia, deliciava platéias com seu humor popular e exercitava intensamente a sua criatividade. E quando lhe perguntam sobre do que mais tem saudades, a artista sensível não hesita em responder: “De mim mesma”.

FICHA TÉCNICA

Projeto editorial
 P555 Design Gráfico e Edições
Editoração Eletrônica
 Marcelo Portugal
Capa
 Luciana Aquino
Ilustrações
 Luciana Aquino e Marcio Meirelles
Marca da coleção
 Luciana Aquino
 (a partir da maquiagem feita por Waldemar Nobre em Haydil)
Transcrições das canções / partituras
 Pedro Amorim
Canções
 Releituras de Haydil Linhares da tradição popular
 exceto *Ida e volta*,
 letra de Haydil Linhares e música de Marcelo Ganem
Fotos e material gráfico
 Deolindo Checucci (*A sombra assombra*)
 Arquivos pessoais de Harildo Deda e Haydil Linhares
 Arquivo do Teatro Vila Velha
Nas fotos
A sombra assombra
 Hebe Alves e Raimundo Filgueiras
Ida e volta
 Haydil e Tom Tavares
O Pique dos índios
 Haydil, Mário Gadelha e Harildo Deda
A função do casamento
 Além de Haydil, Raimundo Blumetti e Harildo Deda
etc...
 Haydil e Sérgio Cardoso (de costas)
 em exercício de improvisação na Escola de Teatro da UFBA
Perfil
 Haydil e Sonia dos Humildes
Normatização bibliográfica
 Maisa Menezes de Andrade
Impressão
 Cartograf

L728 Linhares, Haydil
 Haydil Linhares: 4 peças. / Haydil Linhares.
 — Salvador : P555 Edições, Teatro Vila Velha,
 2002.
 144p. — (Cadernos do Vila, 1)

ISBN

1.Teatro I.Título. II.Série.

CDD 792

Em sua espontaneidade, ela afirma não entender como as pessoas conseguem viver sem fazer algum tipo de trabalho artístico. Para a atriz, isso é uma questão de sobrevivência física e espiritual. Nas horas vagas, Haydil mexe com cerâmica, desenhos, pintura e... escreve. Muito bem, diga-se de passagem, tanto na poesia quanto na prosa. Ou melhor, na dramaturgia, outro talento que desenvolve há décadas. Como autora teatral, produziu os textos *A função do casamento*, *Ida e volta*, *A sombra assombra*, *Pique dos índios ou a espingarda de Caramuru e Te cuida, Cinderela!*, entre outros.

Durante mais de 15 anos, a experiente artista também se dedicou ao projeto de Integração pela Arte, idealizado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (Ipac) e realizado junto às comunidades carentes do Maciel, no Centro Histórico de Salvador. Às crianças, adolescentes e adultos com quem trabalhou na época, ela ensinou: "Um dia você pode ser aplaudido de pé e se sentir um deus. No outro, pode ser vaiado e até pensar que está em ruínas". Em seu vasto currículo também constam passagens pelo telão, tendo inclusive atuado como um dos personagens coadjuvantes de destaque no filme *Dona Flor e seus dois maridos*, de Bruno Barreto, um clássico do cinema nacional. Isso sem contar as participações em produções televisivas a mais recente foi na novela *Renascer*, de 1993. Mas foi no palco que ela se realizou com mais plenitude. Saber em quantas peças atuou e em quais períodos, é uma tarefa embaraçosa para a artista.

Mas foram muitas. Entre elas, *Véspera de reis* (Martim Gonçalves, fundador da Escola de Teatro da Ufba), *Os sete pecados capitais* (nos anos 70, com o diretor João Augusto); *Cordel 2* (mais uma vez com João, ganhando o Prêmio Martim Gonçalves de melhor atriz em 1985); *O futuro está nos ovos* (Deolindo Checucci); *Histórias que o povo conta* (direção de Yumara Rodrigues) e os trabalhos com o diretor Manoel Lopes Pontes em peças infantis. Ainda hoje Haydil Linhares, seguramente uma das atrizes mais importantes da história das artes cênicas da Bahia, define sua vocação artística com uma frase simples e determinante: "Teatro é vida".